

JOSIEL DOS SANTOS LIMA

**UM ESPAÇO POUCO SOBREVADO: A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE
BRASILEIRA E A PRODUÇÃO DAS PRIMEIRAS OBRAS DE FICÇÃO
CIENTÍFICA (1875-1948)**

CURITIBA

2015

JOSIEL DOS SANTOS LIMA

**UM ESPAÇO POUCO SOBREVADO: A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE
BRASILEIRA E A PRODUÇÃO DAS PRIMEIRAS OBRAS DE FICÇÃO
CIENTÍFICA (1875-1948)**

Dissertação de mestrado na área de Teoria
Literária apresentada ao Curso de Mestrado
em Teoria Literária.

Linha de Pesquisa: Políticas da subjetividade

Professor Orientador: Otto Leopoldo Winck

CURITIBA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSIEL DOS SANTOS LIMA

**UM ESPAÇO POUCO SOBREVADO: A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE
BRASILEIRA E A PRODUÇÃO DAS PRIMEIRAS OBRAS DE FICÇÃO
CIENTÍFICA (1875-1948)**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Otto Leopoldo Winck (Orientador – UNIANDRADE)



Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner (UFPR)



Prof. Dr. Paulo Henrique da Cruz Sandrini (UNIANDRADE)

Curitiba, 18 de agosto de 2015.

AGRADECIMENTOS

A todos que embarcaram comigo nesta viagem pela ficção científica brasileira. Aos que me ajudaram nesta conquista estando ao meu lado para transformar o sonho em realidade.

À minha esposa Franciele, um astro raro, pela compreensão, companheirismo, carinho e motivação.

Ao meu filho Leonardo, pela inspiração. É por isso que o papai precisava do computador.

À professora Edna Polese que me ajudou a dar a partida.

Ao professor Otto Winck, por me orientar. Suas instruções foram precisas, essenciais e me deram segurança para escrever. As reuniões nos Cafés foram muito boas e produtivas.

Ao professor Clóvis Gruner por vir de outra galáxia chamada UFPR para participar da banca. O olhar de um historiador foi fundamental para dar uma boa cara a este trabalho.

Ao professor Paulo Sandrini, que abrilhantou a banca com sua presença. Suas observações me fizeram abrir os olhos para coisas que passam despercebidas.

Aos professores e colegas do mestrado, em especial à Mara Bilk.

Aos meus amigos Márcio Jarek e Leandro Kruszielski por conversas, dicas, mas principalmente pela amizade.

À Ana pelo empréstimo de livros e pela revisão final.

À minha família, pai mãe e irmão.

Finalmente ao meu avô Jorge Plantes (*In memoriam*), o melhor homem que conheci neste mundo. Pena que hoje vive entre os astros.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	1
1. TRANSFORMAÇÕES DE ORDENS TECNOLÓGICA, POLÍTICA E SENSÍVEL	4
1.1 EUROPA.....	4
1.2 BRASIL.....	9
2 (IN)DEFINIÇÕES DA LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA	14
2.1 FICÇÃO CIENTÍFICA INGLESA E FRANCESA	18
3 FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA	24
3.1 O <i>DOCTOR BENIGNUS</i>	25
3.2 O <i>IMORTAL</i>	28
3.3 A <i>AMAZÔNIA MISTERIOSA</i>	31
3.4 O <i>PRESIDENTE NEGRO</i>	35
3.5 A <i>CIDADE PERDIDA</i>	40
3.6 ANÁLISE DAS OBRAS.....	47
4 TEMAS PRESENTES NA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA	69
4.1 A CONTRADIÇÃO ENTRE O POTENCIAL DE UM PAÍS GRANDE E A REALIDADE PERIFÉRICA.....	72
4.2 ESPECULAÇÕES FUTURÍSTICAS.....	79
4.3 EUGENIA.....	85
4.4 UTOPIA E DISTOPIA.....	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
6. BIBLIOGRAFIA	106

RESUMO

A ficção científica traz uma dificuldade aos teóricos quanto à sua definição. A maior parte dos estudiosos concorda que ela é um subgênero da fantasia. Dessa forma, é mais fácil dizer o que ela não é. Os países europeus, principalmente a Inglaterra, que passaram por um processo de industrialização e desenvolvimento tecnológico, ainda no século XVIII, foram os primeiros a produzir esse tipo de literatura, tanto que *Frankenstein*, de Mary Shelley, publicado em 1818, é considerada a primeira obra de ficção científica. No Brasil, foi só no final do século XIX, em 1875, que se escreveu o primeiro livro com especulações científicas, chamado *O Doutor Benignus*, de Augusto Emílio Zaluar, que dialoga com o estilo de Júlio Verne. Para escrever esta dissertação, fizemos um recorte temporal, no período entre 1875 e 1948, e selecionamos mais quatro obras, além de *O Doutor Benignus*, são elas: o conto “O imortal” (1882), de Machado de Assis; *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruis; *O presidente negro ou o choque das raças* (1926), de Monteiro Lobato; e *A cidade perdida* (1948), de Jeronymo Monteiro. Utilizamos a crítica sociológica para discutir como a sociedade brasileira influenciou os escritores da época e como essa sociedade é refletida nas obras. Temas como a utopia, distopia, eugenia, especulações futurísticas e a contradição entre o potencial de um país grande e a realidade periférica serão identificados e analisados. Para embasar nosso trabalho, recorreremos a teóricos, pesquisadores e autores como Antonio Candido, André Carneiro, Bráulio Tavares, Léo Godoy Otero, Roberto Causo, entre outros.

Palavras-chave: Ficção científica. Brasil. Sociedade. História.

ABSTRACT

Science fiction offers a difficulty to theoretical as to its definition. Most scholars agree that it is a fantasy subgenre. Thus, it is easier to say what it is not. European countries, especially England, who went through an industrialization and technological development process even in the eighteenth century were the first to produce this literature genre, so much so that Mary Shelley's *Frankenstein*, published in 1818, is considered the first work of FC. Here in Brazil was only in the late nineteenth century, in 1875, who wrote the first book to scientific speculation, is Dr. Augusto Emilio Zaluar Benignus that dialogues with the style of Jules Verne. To write this dissertation made a time frame between 1875 and 1948 and selected four works in addition to Dr. Benignus. They are: the short story "The Immortal" (1882) by Machado de Assis, the mysterious Amazon (1925) Gaston Cruis, the black president or the clash of races (1926) of Monteiro Lobato and *The Lost City* (1948) of Jeronymo Monteiro. We use a sociological critique to discuss how the Brazilian society influenced the writers of the time and how that society is reflected in the works. Topics such as utopia, dystopia, eugenics, futuristic speculation and the contradiction between the potential of a great country and the peripheral reality will be identified and analyzed. To support our work we use the theorists, researchers and authors such as Antonio Candido, André Carneiro, Braulio Tavares, Leo Otero Godoy, Roberto Causo among others.

Keywords: Science fiction. Brazil. Society. History.

INTRODUÇÃO

A literatura de ficção científica¹ é um gênero (ou subgênero) que não raro é visto por alguns como de menor importância. Para os leigos em teoria literária, é compreendida como um entretenimento juvenil, não mais que o fruto da imaginação de seus autores, como algo fantasioso. Porém, devemos considerar que, para ser escrita, ela toma como referência o mundo real. Não queremos dizer que a arte imita a realidade, pois, como afirmam alguns teóricos, ela mimetiza muitas vezes a própria arte.

As histórias que especulam sobre a ciência também são chamadas de ficção especulativa. Nesse sentido, podemos afirmar que “a ficção especulativa é uma expressão literária legítima, que, como outros gêneros literários, deve ser compreendida como solução do engenho humano na busca de um entendimento aberto e multifacetado da realidade.” (CAUSO, 2003, p. 50). Ao lembrar que boa parte do público e da crítica considera-a como um divertimento para adolescentes, Bráulio Tavares (1986) observa que “Se a fc fosse apenas isso, seu impacto sobre a nossa visão de mundo seria bem menor” (TAVARES, 1986, p. 9).

Existem muitas obras e autores consagrados nesse gênero, em vários países, como na Inglaterra, o pioneiro *Frankenstein*, de Mary Shelley (1797-1851); *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*, de H. G. Wells (1866-1946); *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1894-1963); e *1984*, de George Orwell (1903-1950); na França, *A volta ao mundo em 80 dias* e *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne (1828-1905); nos Estados Unidos, *Série da fundação* e *Eu, robô*, de Isaac Asimov (1920-1992). Na América, temos Jorge Luís Borges como um nome importante no gênero fantástico com algumas experiências na FC. Essa lista é muito mais extensa e citamos apenas alguns dos exemplos mais conhecidos para mostrar como esse tipo de literatura é difundido no mundo. Esses nomes conseguiram elevar o gênero a um patamar de significativa respeitabilidade e foram imitados por muitos outros escritores.

No Brasil, o primeiro romance considerado ficção científica é *O doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar (1825-1882). Depois dele, dentro do

¹ A partir daqui usaremos a sigla FC.

período que pretendemos estudar, outros autores fizeram suas experiências com o gênero. É o caso de Machado de Assis (1839-1908), em seu conto *O imortal* (1882); Coelho Neto (1864-1934), em *Esphinge* (1908); Gastão Cruls (1888-1959), com *Amazônia misteriosa* (1925); Monteiro Lobato (1882-1948), em *O presidente negro* (1926); Menochi del Pichia (1892-1988), em *A filha do inca*; Érico Veríssimo (1905-1975), em *Viagem à aurora do mundo* (1939); Jeronymo Monteiro (1908-1970), com *A cidade perdida* (1948).

Considerando a literatura, dentro de um viés sociológico, como uma arte que dialoga com outras artes, percebemos que ela acaba refletindo o pensamento corrente da sociedade, por meio da qual se produz e explicita, ainda, a interação entre o autor e o contexto da época e lugar, aliás, é o que diz o personagem Dr. Benignus: “O indivíduo, dizia ele, sofre o influxo da área em que vive” (ZALUAR, 1994, p. 126). Em outras palavras, a literatura pode e deve ser analisada como obra de arte com referência a ela mesma. Sob esse aspecto, a literatura é independente, “Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas” (CANDIDO, 1989, p. 163). É importante destacar a nossa preocupação de não nos apegarmos apenas aos aspectos sociológicos das obras de FC. Pensando com a mentalidade de um historiador, vemos que existem muitas possibilidades de leituras dos textos e, por isso, não vemos a literatura como uma obra de arte com possibilidades limitadas, mas sim com várias tendências em jogo. Valorizamos os escritos como produto de seu tempo, mas os lemos como literatura, e não como documento histórico. O escritor e teórico André Carneiro afirma que “A ficção científica é especulativa e livre, abordando o presente e o futuro não propriamente obedecendo a rígidas regras ‘científicas’ [...] mas somente com a problemática dos eternos valores artísticos e literários, a intuição e a mensagem do escritor integrado em sua época” (CARNEIRO, 1967, p. 55). Assim sendo, a FC não é teoria científica, mas uma arte que reflete a época na qual foi criada.

Nessa linha de pensamento, procuramos analisar a FC brasileira tendo como parâmetro de comparação a FC francesa e inglesa, uma vez que, na Inglaterra do século XIX, ocorreu a Segunda Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo, resultando em um aumento expressivo do poder do imperialismo

inglês sobre os demais países. Já a França havia passado por uma revolução política, em 1789, e contou com órgãos de governo mais modernos, bem como pode ver uma maior participação de seus cidadãos enquanto sujeitos políticos. Com isso, esses países produziram um grande número de obras relevantes no gênero, enquanto que, no mesmo período, o Brasil passou de Império para República, mas sem conseguir se desvencilhar dos traços de uma sociedade colonial, agrícola e pouco industrializada. No final do século XIX e início do XX, o país começou a dar os primeiros passos rumo à industrialização. As transformações ocorridas tanto na Europa quanto no Brasil são responsáveis por mudanças de ordens intelectual e sensível. Dentro desse contexto, pretendemos analisar como traços da sociedade se manifestam na obra literária.

No primeiro capítulo, fazemos uma explanação sobre a história europeia e brasileira, mostrando o que se passava em cada um desses lugares, no final do século XIX e começo do XX, para podermos compreender melhor como a sociedade é referenciada pelos autores de ficção científica. Para fundamentar esta pesquisa, recorreremos a historiadores respeitados no Brasil e no exterior, como Maria Bresciani, José Jobson Arruda, Eric Hobsbawm, José Murilo de Carvalho, Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros. Com isso, teremos uma visão historiográfica sobre a época estudada.

No segundo capítulo, procuramos utilizar algumas teorias que definem e discutem a FC. Primeiramente, explicando o que é e do que trata, para, então, partir para a descrição das obras, tomando como ponto de referência o que se produziu em outros países, principalmente, na França e na Inglaterra. Um esboço de suas tramas será mostrado nesse momento. Posteriormente, fazemos uma análise das obras, identificando características, semelhanças entre elas, bem como suas particularidades.

Por fim, discutimos os principais temas presentes nas obras de FC brasileiras e os relacionamos com o contexto histórico do país. Destacamos, aí, as contradições entre o potencial do país e a nossa realidade periférica, as especulações futurísticas, a eugenia, utopia e distopia. Pode-se notar que tais temas são adaptados para a nossa realidade, e, com isso, transparece o que era a sociedade brasileira nessa época. Dessa forma, pretendemos mostrar como surgiu e se desenvolveu o gênero no Brasil desde a primeira obra, em 1875, até 1948,

ano no qual foi publicada *A cidade perdida*, fechando o nosso recorte temporal na primeira metade do século XX. O foco é a própria literatura de FC, e não as fases da literatura brasileira que passavam por mudanças nessa transição do século XIX para o XX. Muitas vezes, os autores se espelhavam nos estrangeiros, e, por isso, não havia uma produção que pudesse ser identificada como brasileira, mas, mesmo assim, tinham características e particularidades que estavam ligadas à nossa realidade. Nosso objetivo é identificar como os escritores foram influenciados pela sociedade e entender a ficção como uma metáfora do real. Um escritor e pesquisador relevante para esta dissertação é Roberto de Sousa Causo, que, com sua pesquisa, intitulada *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil*, publicada em 2003, se tornou um importante referencial para este trabalho. Na trilha aberta por esse pesquisador, procuramos continuar a produção acadêmica nessa área de pesquisa. É importante destacar que as obras estrangeiras servem apenas como parâmetro de comparação, pois o foco deste trabalho é a literatura brasileira. Portanto, as análises mais aprofundadas serão em relação a ela.

1 TRANSFORMAÇÕES DE ORDENS TECNOLÓGICA, POLÍTICA E SENSÍVEL

1.1 EUROPA

As transformações tecnológicas ocorridas na Europa passam pelo contexto histórico inglês. Para localizar as obras inseridas dentro do contexto que aqui descrevemos, precisamos voltar um pouco no tempo e lançar um olhar sobre a Revolução Industrial, o imperialismo britânico do século XIX e a configuração da sociedade inglesa do final século XIX e começo do XX.

Desde o século XVII, a Inglaterra caminhava à frente de outros países, rumo à industrialização, pois havia passado por uma revolução burguesa que derrubara o absolutismo, instaurando, no seu lugar, uma monarquia constitucional, na qual o rei estava submetido ao parlamento. Com isso, apagaram-se os resquícios feudais que freavam o desenvolvimento daquele país. Antes disso, ainda no século XV, ocorreu um processo interessante, chamado “cercamentos”, ou “*enclosures*”, em inglês. Os grandes proprietários de terras, que eram mais progressistas e estavam desfazendo

as relações feudais, passaram a ver suas propriedades como fonte de lucro e, por isso, começaram a cercá-las para a criação de ovelhas, já que estas forneciam lã como matéria-prima para as manufaturas têxteis das cidades. Os trabalhadores, dessa forma, se viam expulsos das terras e não tendo mais onde conseguir sustento, migravam para os grandes centros em busca de emprego, fazendo aumentar a criminalidade. Thomas Morus (1478-1535), em seu livro *A Utopia* (1516), sentencia: “Estes animais, tão dóceis e tão sóbrios em qualquer outra parte, são entre vós de tal sorte vorazes e ferozes que devoram mesmo os homens e despovoam os campos, as casas e as aldeias” (MORE, 1997, p. 8). Essas ovelhas “devoradoras” de homens são as responsáveis por boa parte do êxodo rural na época.

As relações de trabalho nas cidades inglesas vinham se desenvolvendo dentro de uma perspectiva capitalista, uma vez que os produtos artesanais foram dando via aos produtos manufaturados. Os donos das manufaturas passaram a abrigar trabalhadores assalariados em galpões, onde se trabalhava por várias horas, dentro de uma linha de produção. Concomitantemente, o tempo de trabalho passou a ser controlado pelo patrão, restringindo abruptamente a liberdade e o ócio do trabalhador, como descreve Arruda:

A vida nas fábricas era odiosa. A disciplina intolerável. O trabalhador no sistema artesanal ou doméstico era dono de seu tempo, não apenas dos meios de produção. Trabalhava apenas para garantir a sua sobrevivência, o restante do tempo dispendia em lazer. Com poucos dias de trabalho semanal, em geral, três ou quatro, este limite era atingido, sobrando-lhe dois ou três dias para descanso ou bebedeiras, sua forma mais apreciada de lazer (ARRUDA, 1994 p. 68).

Essa situação da classe trabalhadora foi amplamente estudada e descrita por Friederich Engels e Karl Marx em livros, como *O capital*, o *Manifesto do partido comunista* e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Vários historiadores dão atenção especial para esse tema mostrando como o trabalhador se torna alienado em relação aos meios de produção, tendo sua vida controlada pelas máquinas, pelo relógio e pelos seus patrões. Aliados a essa situação, vemos um grande aumento demográfico e um grande êxodo rural, fazendo com que as cidades fiquem superpovoadas. Máquinas, cidades e multidões são elementos dessa Inglaterra, os quais formam o “persistente trinômio do progresso, do fascínio e do

medo” e, desse modo, geravam um “estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido” (BRESCIANI, 1985, p. 37). Ou seja, os homens tornaram-se escravos de seus próprios mecanismos de emancipação.

No século XVIII, a Inglaterra tinha aumentado seu mercado consumidor e havia, portanto, uma necessidade de ampliar a oferta. É, nesse momento, que percebemos a mecanização dos meios de produção e a transição da manufatura para a maquinofatura. Ocorriam grandes mudanças e, devido a isso, “O crescimento da população, as revoluções nos transportes, agricultura e indústria – tudo isso estava correlacionado. Agiam e reagiam mutuamente. Eram forças abrindo um mundo novo” (HUBERMAN, 1974, p. 186). Esse mundo novo não era apenas material, mas sensível, a forma de ver e sentir o mundo também sofria a ação dessas forças advindas do contexto no qual se vivia. Por esse motivo, o historiador Edgar de Decca afirma que “Foi através da fábrica que o homem pobre a partir do século XVIII, foi introduzido ao mundo burguês” (DE DECCA, 1987, p. 2). O que se cristalizou, ao estudar o nascimento das fábricas, foi a redução delas a um acontecimento tecnológico, sem considerar outros aspectos que as envolviam.

Embora muitos teóricos discordem sobre o início da Revolução Industrial, convencionou-se chamar essa época de Primeira Revolução Industrial, marcada pelas estradas de ferro, pela energia a vapor e pela intensa divisão do trabalho. A Segunda Revolução Industrial aconteceu em meados do século XIX, iniciada também na Inglaterra, e foi marcada pelos motores a diesel e pela eletricidade. Embora estejamos falando de uma transição de um tipo de organização de trabalho para outro e haja mais de um século de história aqui exposto, sabemos que o período analisado faz parte de um processo de continuidade, e, por isso a organização da indústria e da sociedade estão dentro desse processo. Segundo José Jobson de Andrade Arruda (1994), um dos maiores especialistas em Revolução Industrial no Brasil, “não se pode negar que, numa certa perspectiva, existe uma continuidade nos acontecimentos, pois não existe evento que não se possa ligar de uma maneira racional aos acontecimentos anteriores e posteriores.” (ARRUDA, 1994, p. 17). Há estudos que mostram que o ouro levado do Brasil pelos portugueses acabou ajudando a criar condições para a Revolução Industrial e,

dessa forma, “se o Brasil ajudou a criar condições para a Revolução Industrial, também ajudou a criar a ficção científica, ela também filha da Revolução Industrial” (CAUSO, 2003, p. 124). Skorupa (2002), ao interpretar Isaac Asimov, diz que esse momento “contribui à gênese da FC ao construir uma nova percepção humana da realidade, relativa ao aumento do ritmo de vida, pela crescente velocidade que os implementos tecnológicos inserem ao universo da produção material” (SKORUPA, 2002, p. 15). Essa época de transformações foi importante para a imaginação e criatividade humana, a qual se sensibilizava com os acontecimentos que mudavam radicalmente o modo de vida ocidental. Na visão de André Carneiro (1967), os autores de FC “são os primeiros tentando interpretar o homem nesta nova vivência e nesta nova dimensão em que a ciência e o progresso o colocam inelutavelmente” (CARNEIRO, 1967, p. 25).

Nos anos 1800, os britânicos já eram uma grande potência capitalista e, na busca de aumentar suas riquezas por meio de mão de obra e matéria-prima baratas e mercado consumidor, se lançam para outros continentes, estabelecendo colônias na África e na Ásia. Estas sofreram uma colonização muito violenta. Os ingleses justificavam sua ação sob o pretexto de estar levando a civilização para aqueles lugares e se diziam portadores de uma missão civilizadora. Os colonizados, por sua vez, não viam dessa forma. Países como a China e a Índia, ao reagirem a esse processo, foram punidos de forma rigorosa pela Coroa inglesa. É nesse contexto que vamos encontrar escritas algumas das primeiras obras de FC e veremos que não poucos autores fazem críticas ao colonialismo inglês, às cidades industriais, ao capitalismo, à tecnocracia e às ditaduras. Por outro lado, há aqueles que se empolgam com as invenções e novidades da época.

Já a França se destaca pelas transformações políticas ocorridas entre os séculos XVIII e XIX. Segundo se convencionou, a Idade Contemporânea tem seu marco inicial nesse país, em 1789, com a Revolução Francesa. Os franceses viviam sob um regime monárquico absolutista que, durante a Revolução, passou a ser chamado de Antigo Regime. A maioria da população estava insatisfeita com o modelo político e, principalmente, com o luxo e os privilégios que o clero e a nobreza desfrutavam. Além disso, as ideias iluministas movem o chamado Terceiro Estado (Burguesia e camponeses) a lutar por mais igualdade de direitos. Nesse contexto, a burguesia assume a liderança e comanda a Tomada da Bastilha, em 14 de Julho de

1789. Depois disso, uma sucessão de governos tentou conduzir a nova política. Porém, a instabilidade política favoreceu a ascensão de Napoleão Bonaparte, dando início ao chamado período napoleônico, que durou de 1799 a 1815.

Como o principal “inimigo” de Napoleão era a Inglaterra, ele decretou o Bloqueio Continental, por meio do qual proibia as nações europeias de fazer comércio com os ingleses. Essa medida tem influência direta em nossa história, pois foi por desrespeitar as imposições napoleônicas que a família real portuguesa teve que se mudar para o Brasil, fazendo com que déssemos os primeiros passos rumo à independência. Em 1815, o governante francês é derrotado pelos ingleses e a monarquia borbônica é restaurada com Luís XVIII.

Nas décadas seguintes, há um retorno do império, agora liderado pelo sobrinho de Napoleão, Luís Napoleão Bonaparte. A França se consolida nesse período como a segunda maior potência imperialista do século XIX, ficando atrás apenas da Inglaterra. Esse período de governo, denominado Segundo Império, dura até 1870, quando ocorre a Guerra franco-prussiana (1870-1871), com a derrota dos franceses. Luís Bonaparte é deposto e é reinstaurada a República. Em 1871, há um acontecimento notável naquele país: pela primeira vez na história acontece um governo operário (embora não sobreviva por muito tempo), chamado Comuna de Paris, que durou de 26 de março a 28 de maio. Nela, o governo revolucionário toma uma série de medidas que beneficiam os trabalhadores e promovem mudanças em várias áreas, como a arte, educação, salário, moradia etc.

O final do século XIX e início do XX são marcados pela Terceira República e por uma série de avanços democráticos. O imperialismo francês continua forte, porém, os conflitos envolvendo disputas coloniais geram uma nova guerra. Em 1914, tem início a Primeira Grande Guerra Mundial, da qual a França faz parte lutando ao lado da Inglaterra, contra a Alemanha e o Império Austro-húngaro. Em 1918, vencem a guerra. Em 1939, ocorre a Segunda Grande Guerra e, novamente, os franceses apoiam os ingleses contra os governos fascistas e outra vez saem vitoriosos, em 1945, porém, desgastados.

Durante todo esse período analisado, a França também vivenciou seu processo de crescimento industrial, o surgimento de uma classe proletária, que lutava por seus direitos, e o amadurecimento de suas instituições políticas. Muitos brasileiros que tinham oportunidade iam estudar em Paris. Há muito tempo, esse

país era um referencial de moda e comportamento. Não é por acaso que aquela nação era um ideal de civilização a ser seguido aqui no Brasil e, por isso, procurávamos tê-los como modelo na arquitetura, na língua, nos costumes, na política, nas artes e em tantas outras áreas de interesse.

1.2 BRASIL

No Brasil, de 1864 a 1870, ainda durante o Império, houve a Guerra do Paraguai, da qual o nosso país saiu vencedor. Entre os anos 1840 e 1880, ocorreu a Era Mauá, com os investimentos do Visconde de Mauá em diversos setores da economia e incentivo à industrialização e desenvolvimento do capitalismo brasileiro. A escravidão, que existia desde o século XVI, perdia força com diversas leis abolicionistas, como a Lei do Ventre Livre, de 1871, que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos após sua promulgação, a Lei dos Sexagenários, de 1885, que libertava os escravos acima de 65 anos, até chegar à Lei Áurea, que decretou a abolição da escravidão, em 1888. Ao mesmo tempo, o Brasil procurou atrair imigrantes europeus. Muitas colônias foram fundadas em vários lugares do Brasil com o objetivo de substituir a mão de obra escrava pela assalariada. Aliada a essa empreitada, estavam em voga ideias de branqueamento da população com o incremento da imigração de contingentes europeus e católicos. Afinal, nosso desejo de nos tornarmos europeus fazia com que o governo de alguma forma se movesse nessa direção.

Diante dos acontecimentos do final do século XIX há uma mudança de ordens intelectual e sensível, ou seja, a leitura passa a fazer parte da vida de muitos brasileiros. A socióloga e antropóloga Alessandra El Far, em uma pesquisa sobre os chamados “romances de sensação” vendidos no Rio de Janeiro, que, segundo ela, eram “dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis” (EL FAR, 2004, p. 08), mostra que houve um grande esforço de livrarias e editores em produzir uma literatura barata e acessível, vendida como “literatura para o povo”, ou “livros baratíssimos”, embora não fosse voltada exclusivamente para a população com menos poder de compra. Essas livrarias demoraram a se desenvolver por aqui se considerarmos que “sabe-

se que já em 1535, se imprimiam livros na cidade do México” (HOLANDA, 1995, p. 119). El Far segue dizendo que esse esforço foi possível graças ao aumento da população alfabetizada na capital do país e ao desenvolvimento do mercado editorial português, que acabou beneficiando o Brasil. A capital brasileira possuía, no século XIX, principalmente na sua segunda metade, um público de leitores especificamente formado por intelectuais. “Este público específico ajudou a povoar livrarias intensificando a convivência desses círculos que aprenderam a desenvolver suas características de bibliófilos. Livros, livrarias e bibliotecas amalgamaram leitores, livreiros e intelectuais” (FERREIRA, 1996, p. 367). Se Ángel Rama afirmou que, no final do século XIX, houve o triunfo da *Cidade das letras*, onde homens letrados puderam atuar², o Rio de Janeiro foi o núcleo gravitacional dessa tendência.

Ao falar de livros e leitura em terras brasileiras, pode-se destacar a figura de D. Pedro II, que foi “um protótipo da nossa intelectualidade oficial, levou a devoção a ponto de se dizer dele, com alguma injustiça, que a praticou mais assiduamente do que serviu aos negócios do Estado” (HOLANDA, 1995, p. 163). Apesar disso, sua imagem estava bastante desgastada no final do século XIX. Em 1889, com a Proclamação da República, e o início da chamada República Velha, o imperador é obrigado a amargar o fim de seus dias no exílio. Era um momento de grandes mudanças, fazendo-se necessário políticas no campo da saúde, formação profissional, organização bancária etc. O governo imperial, que estava ligado aos interesses escravagistas, não conseguia dar conta dessas ações administrativas. Por esse motivo, Celso Furtado (1984) escreve que “A proclamação da República em 1889 toma, em consequência, a forma de um movimento de reivindicação de autonomia regional” (FURTADO, 1984, p. 171). Coube aos estados a sua organização econômica regional.

Em 1906, Santos Dumont voa com o seu 14 bis, mas sabemos que seu feito só foi possível na França, já que o Brasil não havia condições para que isso acontecesse por aqui. Nessas primeiras décadas, ocorre uma onda de industrialização no Brasil e a formação de uma classe operária que se organizou a ponto de fazer uma grande greve. em 1917. Em 1937, Vargas dá um golpe de

² Rama escreveu o livro *A cidade das letras*, no qual desenvolve a ideia de que o século XIX possibilitou a ascensão social pelas letras, já que desde os anos 1500 a América não conseguiu desenvolver um espaço no qual pudesse desenvolver seus contornos, discursos, valores e símbolos que possibilitariam uma maturação nacional.

Estado e implanta a Ditadura do Estado Novo. Sobre o período entre 1893 e 1932, o escritor e pesquisador de ficção científica brasileira afirma:

No Brasil, logo em 1893 eclode a Revolução Federalista, a partir do Rio Grande do Sul; em 1893-94, a Revolta da Armada na Marinha; e ainda em 1893 até 1897, a Guerra de Canudos, esta sim até hoje muito explorada pela ficção. Adentrando o século XX, a Revolta da Chibata (em 1910) e a Guerra do Contestado (1912 a 1915). Ainda em 1914 dá-se a Revolta de Juazeiro, com repercussões que se estendem até 1922. Na I Guerra Mundial, o Brasil foi a única nação da América do Sul a participar oficialmente do conflito. Já o Tenentismo durou de 1922 até 1934, e também em 1922 tivemos o Levante de Copacabana. A Rebelião de 1924 foi um levante tenentista em São Paulo, e também nesse ano tivemos a Coluna Prestes, longa serpente de 25 mil quilômetros, partindo do Rio Grande do Sul sob o comando de Luís Carlos Prestes, para se encerrar apenas em 1927 sob uma aura de invencibilidade – um episódio digno de Gabriel Garcia Márquez. Enfim, ainda é preciso mencionar a Revolução de 30 e a Revolução Constitucionalista em 1932. Um período deveras movimentado, porém pouco evidente em nossa ficção – e em nossa ficção científica em particular (CAUSO, 2003, p. 196).

Com base nessa explanação, podemos afirmar, que os acontecimentos históricos nem sempre são aproveitados pelos escritores de FC no Brasil, porém, as ideologias predominantes da época transparecem em suas obras, uma vez que a literatura, se não é um reflexo direto, é ao menos uma “refração” da sociedade dentro da qual é produzida, “Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma determinada maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto” (SILVA, 2009, p. 177). Embasados nessa linha de pensamento, acreditamos que o contexto brasileiro está refletido dentro das obras. Francisco Alberto Skorupa (2002) ajuda a reforçar esse argumento ao afirmar que

Embora constantemente referencie-se ao futuro, a FC está indissociavelmente ligada ao seu momento de produção e, no âmbito de seu discurso, discute as realizações oriundas da ciência e da tecnologia do tempo em que foram concebidas. Assim, por se tratar de uma produção imaginária temporalmente datada, sua investigação é essencialmente uma interpretação sobre imagens e ideias referentes à ciência e suas derivações respectivas a esse tempo (SKORUPA, 2002, p. 8).

Fica claro que embora a ciência e a tecnologia fossem incipientes, provocavam interesse nos escritores brasileiros e incentivavam a criatividade.

Em 1897, foi destruído o vilarejo de Canudos, dando fim à Guerra de Canudos (1892-1897). Já no século XX, acontece, em 1904, no Rio de Janeiro, a Revolta da Vacina, contra a vacinação obrigatória que fazia parte das campanhas sanitárias, dirigidas pelo médico Oswaldo Cruz, e contra a modernização do centro, promovida pelo prefeito Pereira Passos, na qual se destruíam velhos casarões localizados na região central da cidade. Além dessa, inúmeras outras revoltas e manifestações ocorreram até a Revolução de 30 com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O início da república brasileira é destacado por El Far como um momento de desenvolvimento econômico que ajudou os cidadãos do Rio de Janeiro a realizarem trabalhos fixos ou temporários, inclusive como livreiros, graças a essas novas levas de população alfabetizada e interessada em leitura. Ela também destaca que, além dos romances de sensação, os romances para homens³ faziam parte de uma literatura popular, que era vista com maus olhos por aqueles que queriam moralizar a sociedade. Era um mercado editorial⁴ marginalizado, que atingiu seu auge em 1920 e acabou desencadeando protestos dos moralistas que criaram a Liga Anti-pornográfica (1912) e a Liga pela Moralidade (1917), conseguindo a criação de uma lei que buscava regular a liberdade de imprensa, além da proibição e recolhimento de alguns romances, em 1924.

Fato notável para as artes na Primeira República é a Semana de Arte Moderna, que aconteceu em fevereiro de 1922. Vários artistas, principalmente de São Paulo, se reuniram para reivindicar uma renovação no campo das artes, principalmente na literatura. Entre os escritores que participaram da Semana, estava Menotti del Picchia, autor de *A filha do inca*, um romance de FC. Também participaram do evento músicos, pintores, escultores, entre outros artistas. Sua proposta era criar uma arte essencialmente brasileira, embora em sintonia com as novas tendências europeias. Para Candido, “A Semana da Arte Moderna (São

³ Com efeito, ao lado dos *romances de sensação*, também existiram os *romances para homens*, “enredos recheados de cenas de sexo, luxúria e obscenidades não aconselháveis às mulheres, vistas como pessoas frágeis, suscetíveis e facilmente influenciáveis pelos encantos da narrativa” (EL FAR, 2004, p. 09).

⁴ Ao falar sobre o mercado editorial, é importante lembrar que a autora pesquisou sobre os editores do Rio de Janeiro e o aumento desse ramo da economia nas primeiras décadas do século XX. Ela apresenta isso em números no início da pesquisa. Os escritores nacionais de FC se beneficiaram desse crescimento da quantidade de editoras, embora tivessem que concorrer com livros estrangeiros, como os de Júlio Verne. Vale lembrar que em São Paulo, nos anos 1920, Monteiro Lobato incentivava a produção de livros por meio da sua Companhia Editora Nacional.

Paulo, 1922), foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas” (CANDIDO, 2011, p. 125). O mesmo autor nos mostra que nesse período os escritores brasileiros conseguiram o “desrecalque localista” e a “assimilação da vanguarda europeia”. Com isso, um novo estado de espírito despontou entre os brasileiros. Alguns escritores se dedicaram a mostrar como somos diferentes da Europa. Por isso, defendiam a ideia de que devemos exprimir diversamente as coisas.

Enfim, para fechar o nosso recorte, em 1942, o país entrou na Segunda Guerra Mundial, posteriormente vencida pelos Aliados, dos quais o Brasil fez parte, e, em 1945, Getúlio renuncia a presidência da república. Vale salientar alguns fatores que consideramos necessários, já que estes são refratados na literatura. É o caso do projeto de branqueamento da população, da herança escravagista, das campanhas sanitaristas, da industrialização tímida, iniciada com o Visconde de Mauá durante o Império e da industrialização incentivada na Era Vargas. O país não desenvolveu tanta ciência e tecnologia nesse período, por isso, a ficção científica nem sempre conseguiu inserir esses elementos de forma satisfatória nos seus enredos. Se refletirmos sobre isso, é difícil compreender porque Santos Dumont e o médico Oswaldo Cruz não tenham conseguido maior sucesso na nossa história, mas isso acaba sendo entendido se pensarmos que “o Brasil do século XX era ainda um país com uma queda pela posse da terra e por seu emblema maior: a casa grande e a mansão” (CAUSO, 2003, p. 127). Isso tem muito a ver com a nossa herança colonial portuguesa, para a qual o importante é ostentar a riqueza e não usá-la para o bem-estar ou em benefício da sociedade. Sobre o período estudado, não pretendemos aqui fazer um levantamento histórico detalhado, mas uma análise da situação da sociedade, da industrialização e da tecnologia no Brasil. Essas informações serão relacionadas com a literatura nos capítulos seguintes para entendermos como a história e a organização político-social são refletidas dentro das obras.

Do ponto de vista literário, a FC não deixa de dialogar com os movimentos que aqui ocorreram, pois, ao analisarmos o recorte temporal de 1875 até 1948, vemos que houve várias fases: o Realismo-naturalismo, o Parnasianismo, o

Simbolismo, o Pré-Modernismo, Modernismo e seus desdobramentos nos anos 1930 e 1940. Dentro desse contexto, procuramos uma relação entre as próprias obras. Devemos considerar que, além das fases de nossa literatura, o Brasil faz parte de um contexto literário mais amplo, ou seja, o da história literária latino-americana⁵. A influência de correntes literárias dos países vizinhos pode ser notada também nas obras de FC que tratam do exotismo, da valorização do território e da presença de indígenas.

2. (IN)DEFINIÇÕES DA LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

O gênero da literatura conhecido como ficção científica sofre alguns preconceitos por ser considerada uma ficção juvenil, principalmente no Brasil, onde a literatura, em outras épocas, servia como símbolo de erudição. Nesse contexto, a FC é ainda mais desprezada e só consegue alguma recepção inserida dentro de um projeto que é o da construção da identidade nacional. Além disso, ela demorou a aparecer por aqui. Enquanto na Europa já havia escritores consagrados, no Brasil, a primeira obra de FC data só de 1875. Todavia, nesta época não se tinha criado um termo para designar esse novo gênero literário

O termo 'ficção científica' (*Science fiction*) surgiu em julho de 1929, quando Hugo Gernsback criou a revista *Science Wonder Stories*. Antes, Gernsback chamou o gênero de *scientifiction*, para designar o material empregado em uma revista anteriormente criada por ele, intitulada *Amazing Stories* – a primeira revista especializada em FC. (CAUSO, 2003, p. 51).

Antes disso, foram chamados de romances científicos e podemos dizer que histórias de viagens fantásticas e de deuses que motivam personagens a se lançar em aventuras já seriam uma proficção especulativa e – por que não? – científica. Analisando a FC como um subgênero da “ficção especulativa”, Hansen afirma que ela

⁵ Sobre a literatura e movimentos literários na América Latina cf. SANDRINI, P. H. C. **David Toscana entre McOndo e Crack: diálogos e divergências com a literatura Latino-americana do século XX**; RAMA, Á. **Literatura e cultura na América Latina**. Ainda é possível pensar o Brasil, no contexto literário da América Latina, lendo a terceira parte dos ensaios escritos por Antonio Candido, em *A educação pela noite e outros ensaios*.

[...] põe em cena metáforas da ciência e da tecnologia, geralmente em uma narrativa de 'viagem fantástica' por espaços-tempos incomuns, profundezas da Terra, interior do corpo humano, planetas de outros sistemas, florestas ou desertos primitivos, o passado de civilizações lendárias, Lemúria, Atlântida, Manoa, ou o improvável futuro humano, devastado por guerras nucleares e civilizações cruéis e sanguinárias ou absolutamente pacificado sob a direção ilustradíssima de filósofos e cientistas realizando a coisa assustadora que é a república platônica (HANSEN, 2003, p. 18).

Portanto, se recuarmos no tempo podemos encontrar as raízes da ficção científica, por exemplo, em *As viagens de Gulliver* e outras narrativas de viagens. Se recuarmos mais ainda, encontramos narrativas bíblicas, como a do Dilúvio ou o Épico de Gilgamesh. Para Northrop Frye (1973), "A ficção científica tenta imaginar, frequentemente, como seria a vida num plano tão acima de nós como estamos acima da selvageria; seu cenário é amiúde de um tipo que nos parece tecnologicamente miraculoso. É assim um modo de estória romanesca, com forte e inseparável tendência ao mito" (FRYE, 1973, p. 54). Se ela é relacionada a essa tendência mítica, logo podemos entender que as origens da ficção científica são ainda mais remotas e que as mitologias antigas também foram, de alguma forma, precursoras da ficção científica moderna e, nessa linha de pensamento, afirma-se que

Ficção científica é a mitologia do mundo moderno – ou uma de suas mitologias – embora seja uma forma de arte altamente intelectual, e a mitologia seja um modo não intelectual de apreensão. Pois a ficção científica usa a faculdade de criação de mitos para apreender o mundo em que vivemos [...] e sua originalidade está em usar a faculdade criadora de mitos sobre um novo material [...] (LE GUIN, 1991, p. 3 citada por CAUSO, 2003, p. 35).

Se para muitos pensadores a mitologia serve para dar um sentido àquilo que não tem explicação lógica, ela acaba sendo reduzida em sua importância. O caráter mítico da ficção científica serve para chamar a atenção para os símbolos e objetos dentro de realidades possíveis. Nesse sentido, "A ficção especulativa é um objeto escorregadio. Para o observador iniciante parece ser um gênero 'fechado' em suas possibilidades e estruturas como é para alguns a ficção de detetives

(*detective fiction*)” (CAUSO, 2003, p. 44), porém, o que vemos é que ela oferece possibilidades que lhe diferenciam de literaturas meramente comerciais, ao falar do mundo real em suas múltiplas facetas. Tomando como ponto de referência apenas a ciência descrita nas obras, é possível perceber que “A fc é uma *literatura transversal*, um canal de comunicação que põe a cibernética em contato com o surrealismo, o humor em contato com a física nuclear, e assim por diante, até o infinito” (TAVARES, 1986, p. 73), ou seja, ela permite que haja um contato entre as ideias de natureza diversa, podemos concluir, ainda, que ela pode ser um elo ou atalho entre as ciências humanas e exatas.

Se pensarmos de outra forma, a FC cumpriu uma função de vulgarizar o conhecimento científico. Baczko afirma que a ciência teve um papel de desvendamento e desmistificação no imaginário social da segunda metade do século XIX, quando muitos acreditavam que não eram as ideias que faziam a história, mas as representações que os homens faziam de si. Para ele, era uma “tendência cientista e ‘realista’ que pretendia separar na trama histórica, nas ações e comportamentos dos agentes sociais, o ‘verdadeiro’ e o ‘real’ daquilo que era ‘ilusório’ e ‘quimérico’” (BACZKO, 1985, p. 297). Nesse contexto de valorização da ciência, a FC consegue ocupar um papel de tornar o conhecimento científico algo comum à sociedade, mesmo que ela seja apenas um discurso ficcional. É preciso considerar que, nas histórias de FC, a ciência é personagem, e não autor, contudo, “Em ficção científica, estamos no terreno da pseudo-ciência e da pseudo-tecnologia com muito mais probabilidade do que no terreno autenticamente científico e tecnológico, embora alguns elementos autênticos possam estar também presentes” (CARDOSO, 2006, p. 21). Nesse tipo de literatura não há um compromisso com a linguagem científica e sim com a verossimilhança. Em outras palavras,

a verossimilhança é um atributo presente no sentido geral do gênero, não pretende passar um pelo outro – ambos têm seus espaços definidos –, mas mimetizar, caricaturar e aparentar os procedimentos efetivos da ciência de modo que o apresentado assemelhe-se ao real, simulando o real, mesmo que seja de uma forma absurda (SKORUPA, 2002, p. 69).

Mesmo nos momentos em que as histórias parecem se basear em teorias científicas reais, elas estão buscando parecer verdadeiras, mas não ser

verdadeiras, ou seja, “A ficção científica não colige provas visando verdade, somente verossimilhança” (OTERO, 1987, p. 15). Essa coleta de provas faz o leitor suspender a incredibilidade e aceitar a ciência que se apresenta de forma verossímil.

Quanto a uma definição satisfatória para ficção científica, ainda hoje não há um consenso sobre o que ela é. Para Causo (2003), ela faz parte de um grupo de gêneros irmãos que seria a fantasia e o horror. Nessa linha, Carneiro argumenta que “o romance fantástico é um predecessor da ‘science-fiction’” (CARNEIRO, 1967, p. 32). Já Francisco A. Skorupa afirma que “Com tão amplas fronteiras, unindo a narrativa imaginária à ciência, a ficção científica fica permeável a um sem número de possibilidades autorais que, sendo fruto da imaginação, basta um aspecto científico, ou algo entendido como tal, para possibilitar a inclusão de uma obra no rol das pertencentes ao gênero” (SKORUPA, 2002, p. 22). Bráulio Tavares (1986) em seu livro *O que é ficção científica*, parece, também, ter dificuldade em responder a questão, já que afirma estar “cada vez mais difícil definir com exatidão o que é a fc. No passado era um saco-de-gatos; hoje em dia não é menos do que uma arca-de-noé” (TAVARES, 1986, p. 7). Sua dificuldade se explica pelo fato de a FC não ser apenas uma história que tem a ciência como pano de fundo, estando por isso, mais ligada ao fantástico. O autor explica que “a fc utiliza muita matéria-prima da ciência, mas manipula os instrumentos da ficção. O resultado disso é que seu compromisso não é com a verdade, e sim com a imaginação e a fantasia” (TAVARES, 1986, p. 24). Para ele, a história, para ser boa, precisa mostrar um universo mais complexo diferente do tudo isso com uma coerência satisfatória, dando-nos uma impressão forte e nos levando à reflexão.

Ciro Flamarion Cardoso (2006) vai ao encontro de teóricos que a colocam como integrante do gênero fantástico:

a ficção científica não é, hoje em dia, um gênero unicamente literário: é também cinematográfica, televisiva, de história em quadrinhos, está presente em jogos de computador e na produção de bonecos, camisetas e muitos outros objetos mercadológicos. Mas, sem dúvida, ela começou como gênero literário; e integra também indubitavelmente, o campo de um gênero mais amplo, o fantástico. (CARDOSO, 2006, p. 18-19).

Quanto ao surgimento do termo no Brasil, Fausto Cunha (1974) explica que “A designação *ficção científica* só se fixou entre nós pelos fins da década de 50, coexistindo durante algum tempo com *ciência-ficção* e sem nunca desbancar de todo o termo original *science-fiction*. Houve outras sugestões (*fantasciência*, por exemplo) que não pegaram” (CUNHA, 1974, p. 7). Aliás, o mesmo autor aponta Monteiro Lobato como “um precursor indesejável”, autor de um livro detestável, que faz uma brincadeira de mau gosto contra a população negra.

2.1 FICÇÕES CIENTÍFICAS INGLESA E FRANCESA

Neste item, vamos descrever algumas das principais obras e autores de ficção científica da Inglaterra e da França durante o século XIX e na primeira metade do século XX. Não temos por objetivo analisar cada uma delas, apenas apresentá-las ao leitor para que se possa ter um parâmetro de comparação com as obras brasileiras que serão analisadas mais adiante. Dentro de uma cronologia, temos, dentre os ingleses, *Frankenstein ou Moderno Prometeu* (1818), de Mary Shelley (1797-1851); *O homem invisível* (1897) e *A guerra dos mundos* (1898), de H. G. Wells (1866-1946); *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley (1894-1963); e *1984* (1949), de George Orwell (1903-1950). Já entre os franceses, o principal nome é Júlio Verne (1828-1905), autor de mais de cem obras durante sua vida, dentre as quais destacam-se *Viagem ao centro da terra* (1864), *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em 80 dias* (1872).

É notável que Mary Shelley lançou o seu livro quando tinha cerca de 18 anos. Segundo Tavares (1986),

A primeira obra considerada ‘oficialmente’ como fc é *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818). Um cientista usa pedaços de cadáver para ‘fabricar’ um ser humano e energia elétrica para dar-lhe vida. Mas o homem artificial escapa ao seu domínio; perseguido e acuado pelo resto das pessoas, transforma-se num criminoso. *Frankenstein* acabou se tornando o modelo clássico para as histórias de criaturas que se rebelam contra seu criador (TAVARES, 1986, p. 21).

O romance conta a história do Dr. Victor Frankenstein, um homem moderno, dedicado aos estudos das ciências naturais, nascido em Genebra, Suíça, e que se mudou para Ingolstadt, Alemanha, para estudar em uma importante universidade. É lá que ele cria o monstro, roubando por assim dizer, o segredo da vida. Assim como na mitologia grega, na qual Prometeu rouba o segredo do fogo e o fornece de presente aos humanos, sendo castigado em seguida, Dr. Frankenstein rouba o segredo da vida que pertence a Deus, e se vê condenado a sofrer com a sua criação, daí o título *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. Dr. Victor, dedicando-se muito ao conhecimento de alquimia, o que o leva a afastar-se de amigos e familiares. Em dois anos, consegue sucesso ao dar vida à sua criatura. Deduzimos que o sopro de vida seja a eletricidade. Porém, no outro dia, ao acordar, fica assustado com o monstro que criou e foge. O monstro, por sua vez, tenta se adaptar à sociedade, mas se vê rejeitado e começa a perseguir Victor Frankenstein e matar as pessoas mais próximas dele. Para acabar com isso, ele atende ao pedido da fera ao fazer uma fêmea ser sua companheira. Depois de um tempo, fica com medo de terminá-la, temendo que tenham filhos e povoem o planeta, aterrorizando as pessoas. O criador passa a fugir da criatura e acaba indo até o Polo Norte, onde é acolhido no navio do capitão Walton e narra a sua história. O capitão reproduz o que ouve por meio de cartas que envia à sua irmã. É uma narrativa moldura, ou seja, uma história dentro de outra. Dr. Frankenstein está debilitado e morre no barco. A criatura surpreende a tripulação ao aparecer chorando pela morte de seu criador e prometendo ir embora e nunca mais voltar.

O homem invisível (1897), de H. G. Wells, narra a história de Dr. Griffin, um cientista que busca a fórmula da invisibilidade. Depois de se isolar em seu apartamento, fazer várias experiências e se afastar dos amigos (novamente!), ele consegue a tão cobiçada fórmula e, depois de aplicá-la em um gato, decide aplicar em si mesmo. Ele fica invisível, mas não consegue o poder que almejava. A história da sua invisibilidade e suas consequências acontece na cidade de Iping, Inglaterra. Lá, um homem estranho, de óculos escuros, com luvas e o rosto enfaixado, chega a uma pousada, onde se hospeda. Ele pede para que não o incomodem no seu quarto. Mas seu comportamento, rude e distante dos outros, desperta curiosidade nas pessoas e logo surgem especulações a seu respeito. Enquanto busca o antídoto para sua invenção, confinado na pousada, começam a

ocorrer roubos na cidadezinha de Iping. Logo, os cidadãos desconfiam do forasteiro. Isso não era normal por lá. O cientista precisava de dinheiro para poder desenvolver a solução de que necessitava e, por isso, começa a roubar. Os funcionários da hospedaria e outras pessoas começam a perceber coisas estranhas, como objetos que se mexem sozinhos, o sangue que saiu após uma mordida sem aparecer carne e pele etc. Nesse momento, ele não tem como esconder sua desgraça, joga as roupas fora e foge da polícia. Com o passar do tempo, a loucura vai lhe afetando, fazendo-o cruel e com desejo de vingança. Sua fama se espalha pelos jornais e não há como enganar mais as pessoas. Ele retorna para Iping e é espancado até a morte. Depois de morto vai se tornando visível novamente.

Outra obra importante de Wells é *A guerra dos mundos* (1898). A história se passa em Londres, no final do século XIX. O protagonista e narrador acredita que um meteoro caiu próximo de sua casa, porém, tratava-se de um cilindro metálico, o qual, depois de um tempo, quando os marcianos se adaptam à gravidade, se abre libertando-os. Eles destroem os humanos com um raio da morte. O narrador observa e fica aterrorizado. Ele volta para casa e conta o que viu à sua esposa. Decide levá-la para um local seguro e a deixa em Leatherhead, tendo que retornar para devolver a carruagem emprestada. No meio do caminho, ele avista uma trípode, uma espécie de máquina com três pernas, descrito como um reservatório de água com um tripé e encontra um soldado que conta ter caído outro cilindro e que agora os marcianos tinham outra arma de fumo, que matava quem entrasse em contato com a fumaça lançada. Ele resolve encontrar seu irmão em Londres, cidade mais segura, só que lá também os marcianos estavam chegando. Seu irmão fugira de Londres. O protagonista descobre que não pode retornar ao encontro da esposa e acaba se refugiando em uma casa destruída pela queda de um cilindro. Em sua companhia está um pastor deprimido que enlouquece e com seus gritos atrai uma trípode. Irritado, mata o pastor e passa vários dias escondido até que decide sair para usar a bomba d'água. Ao deixar a casa encontra uma paisagem completamente arrasada e percebe que os marcianos se foram, permitindo que saia do esconderijo e vá até Londres para encontrar sobreviventes. Ele ouve falar que a cidade onde deixou sua esposa havia sido destruída,

retornando muito triste para sua casa, onde tem a grata surpresa de encontrar a sua mulher e seu irmão vivos, esperando por ele.

Aldous Huxley é um dos principais escritores a conceber uma sociedade futura dentro de uma perspectiva distópica. Seu livro *Admirável mundo novo*, de 1931, acabou influenciando vários outros artistas em diversas áreas, não apenas na literatura, mas também na música, no cinema etc. Até hoje, sua obra é fonte de inspiração e reflexão. O enredo se passa no suposto ano de 634 D. F. e trata do jovem Bernard Marx, que se sente insatisfeito com o mundo dividido em castas, no qual vive. Aliás, ele é fisicamente diferente dos membros de sua própria casta. Nutre um certo interesse por Lenina, moça de uma casta abaixo da sua. Seu chefe não aceita a sua curiosidade e não concorda que ele vá até um reduto de pessoas que vivem como no passado, uma “reserva histórica”, espécie de aldeia onde se mantém os costumes das sociedades do passado considerados então uma selvageria. O chefe de Bernard lhe confessa que já fora até a reserva, lá perdendo uma mulher. Mesmo contra a vontade de seu superior, o rapaz, acompanhado de Lenina, dirige-se até esse lugar a trabalho, onde acaba encontrando uma mulher, chamada Linda, que havia vivido na civilização. Ela tinha um filho, John. Bernard vê a possibilidade de conseguir respeito e prestígio com o exemplar dos selvagens, que poderia ser apresentado à sua comunidade. Porém, a mãe, Linda, fica infeliz no mundo novo, já que lá era considerado uma obscenidade ter um filho. Para essa sociedade também era considerado um ato de ignorância e desrespeito à civilização qualquer crença religiosa. Linda acaba sendo rejeitada por sua aparência envelhecida, já que lá ninguém envelhece (pois isso acaba diminuindo a expectativa de vida). Nessa sociedade, as pessoas consumiam uma droga distribuída pelo governo que garantia a felicidade de todos, independente de sua casta. Nesse mundo de felicidades, John, o selvagem, como era conhecido, se revolta depois de sua mãe morrer e inicia uma rebelião. O leitor acaba entendendo que a sociedade precisa do caos para a ciência evoluir. John, Bernard e outro amigo, Helmholtz, são condenados a viver em lugares distantes. John, mesmo se retirando da civilização, é perseguido por pessoas que o admiram e acaba se suicidando para encontrar a liberdade. O autor consegue, nessa história, nos passar uma atmosfera de solidão. Dentro de uma sociedade superorganizada, não há espaço para questionamentos, todos devem obedecer e ser feliz.

George Orwell, assim como Huxley, brinca de antever algumas coisas do futuro em sua obra *1984*. Igualmente distópica, a história apresenta uma atmosfera triste e solitária, na qual o personagem principal, Winston Smith, trabalha para o governo realizando a reescrita de dados de acordo com os interesses do único partido que está no poder. Ele não concorda com o partido e odeia viver naquela situação. Toda a sociedade é vigiada pelas “teletelas”, o sexo somente deve ser feito com fins de reprodução, não se pode discordar do governo, o qual vigia tudo o que as pessoas fazem, sob pena de “crimideia” (crimes de ideia). O líder máximo dessa sociedade é o Grande Irmão, que está de olho em todos. Esses termos usados no livro fazem parte da história, já que o partido instaurou um novo vocabulário em que reduz a quantidade de palavras usadas, chamado Novilíngua. No decorrer da história, Winston adquire um bloco e um lápis em um antiquário, apesar disso ser proibido, quando está em sua casa, procura um canto cego onde não é visto para manifestar seu sentimento de repúdio ao governo do Big Brother. Ele se aproxima de Júlia e acaba se relacionando às escondidas com ela, acreditando se tratar de uma revolucionária igual a ele. Se enganou em partes, ela não se opunha totalmente ao partido, e se tratava de uma “revolucionária das pernas pra baixo,” que namorava vários homens como forma de protesto. No trabalho se aproxima de O'Brian e, novamente, se engana, por acreditar que este também o poderia ajudar em uma conspiração. O'Brian descobre tudo o que Winston pensava e o tortura na sala 101. O protagonista acaba por aceitar as imposições do governo e é rebaixado a um trabalho mais medíocre. Enfim, a obra é uma crítica a todo tipo de totalitarismo.

Pelo lado francês, Verne, por ser o principal nome da FC, tem várias obras de destaque. Escolhemos três delas para descrever: *Viagem ao centro da terra* (1864), *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em 80 dias* (1872). A primeira é a história do professor Lindenbrock, que encontra um pergaminho com uma mensagem codificada em um livro antigo. Com a ajuda do sobrinho Axel, ele consegue decifrar o código que afirmava ser possível explorar o centro da Terra. Esse pergaminho havia sido escrito pelo cientista e explorador islandês Arne Saknussemm. O professor convence seu sobrinho a acompanhá-lo nessa expedição. Assim partem para a Islândia, onde se encontra um vulcão extinto que dá acesso ao destino que procuram. Lá, eles contratam Hans como guia e passam alguns dias nas casas dos islandeses e conhecem um pouco do lugar. O grupo entra

na cratera e com o auxílio de cordas desce até uma altura do nível do mar e acaba encontrando diferentes caminhos. Depois de optar por um deles, segue viagem e, após passar algumas situações de dificuldade, chega a uma região coberta de água, que chamam de Mar Central. Hans constrói uma jangada e tenta atravessar esse mar, mas acaba sendo lançado novamente para a praia. Eles exploram a região e fazem várias descobertas arqueológicas, como crânios humanos e fósseis de mastodonte. Ao tentar abrir um túnel com explosivos, eles se retiram para a jangada, porém, a explosão é tão forte que a fenda aberta parece sugar o Mar Central. Eles são levados pelas águas a uma velocidade muito alta. Hans percebe que se trata de uma erupção vulcânica e eles estão sendo cuspidos para fora do vulcão. O grupo consegue sobreviver e quando descem a montanha, na qual estava o vulcão, descobrem que estão na Itália. Depois, retornam para a Alemanha, onde são tratados como heróis, e o professor Lindenbrock acaba sendo reconhecido por suas façanhas.

Vinte mil léguas submarinas fala sobre um grande cetáceo que assombrava os oceanos. Na tentativa de caçá-lo, o professor Aronnax, um naturalista francês, junto com seu criado Conseil e Ned Land, um arpoador canadense, partem rumo ao Pacífico. Lá, são surpreendidos e caem no mar. São resgatados e ficam sabendo que, na verdade, não se tratava de um monstro, mas de um submarino que tinha como construtor o Capitão Nemo, que havia abdicado da vida terrestre para viver no mar. Aronnax e seus amigos ficam presos, mas têm liberdade para andar pelo submarino *Náutilus*. Depois de cerca de oito meses a bordo e muitas situações interessantes, acabam sofrendo um incidente, no qual são arrastados por um redemoinho próximo da Noruega. Os prisioneiros aproveitam para fugir e retornam à França. Já o Capitão Nemo, não se sabe o que aconteceu com ele.

O terceiro livro que destacamos, *Volta ao mundo em 80 dias* (1872), conta a história de Mr. Fileas Fogg, um inglês que faz uma aposta com seus amigos do *Reform Club*, em Londres. Ao conversar sobre um assalto ao Banco da Inglaterra, Fogg diz que seria difícil prender o ladrão, já que naquela época de modernidade era possível dar a volta ao mundo em 80 dias. Seus amigos duvidam e dizem ser impossível devido aos imprevistos. É aí que o protagonista aposta 20 mil libras, afirmando que ele próprio faria a façanha. Ele parte com seu empregado Passepartout e diz que voltará em 21 de dezembro de 1872. O cavalheiro, sem

saber, é acusado de ser o ladrão do banco e, por isso, é perseguido por um inspetor de polícia. O Sr. Fix. Mr. Fogg e seu companheiro passam pelo Egito, Índia, Japão e EUA até regressarem à Inglaterra. Nessa jornada, usam vários meios de transporte, como embarcações marítimas, trem, carruagem, comboio e, até mesmo, um elefante, na Índia, onde acabam salvando a jovem Aouda de um ritual no qual seria morta. A moça indiana passa a acompanhá-los e, ao longo da viagem, ela e Fogg se interessam um pelo outro. Chegando à Inglaterra, em Liverpool, o detetive, que agora os acompanhava, prende Mr. Fogg sem saber que o verdadeiro ladrão já estava preso há três dias. Era 20 de dezembro e quando se descobre o engano, o cavalheiro é solto. Depois de dar um soco no policial Fix, ele vai para Londres. Quando chega, vê que se atrasou em cinco minutos, e não passa pelo clube. Ele havia tomado o cuidado de conseguir provas dos lugares nos quais passou, mas já não adiantava. No outro dia, decide se casar com a Sra. Aouda e manda Passepartout marcar o casamento o quanto antes. O empregado, ao andar pela rua, percebe que era sábado, e não domingo. Aí é uma grande surpresa do livro, pois o fato de viajarem no sentido Oriente os fez ganhar um dia e, portanto, a aposta estava ganha. Mr. Fileas Fogg se apresenta no clube no qual seus amigos o esperavam, recebendo o valor da aposta. Júlio Verne com estes outros romances se tornou uma referência para as obras de FC escritas no Brasil.

3. FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Considerando a dificuldade de se trabalhar com vários livros e autores, estabelecemos um critério de seleção: 1. Procuramos os enredos que tenham algo em comum com a FC europeia; 2. Histórias que explicitam temas e assuntos que identificam uma literatura do gênero no Brasil. Os textos escolhidos para fazer parte desta dissertação servem como uma amostragem da ficção científica produzida no Brasil entre os anos de 1875 a 1948. Não pretendemos estudar tudo o que foi produzido no gênero dentro desse período, por acreditar ser difícil manter a qualidade das análises. Além disso, nos preocupamos em escolher aquelas obras

que foram referências importantes dentro do universo da FC para a partir daí se criar uma ideia do todo.

Com base nesses critérios, escolhemos o primeiro romance considerado de ficção científica, *O doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar (1825-1882); o conto *O imortal* (1882), de Machado de Assis (1839-1908); *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls (1888-1959); *O presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato (1882-1948) e *A cidade perdida* (1948), de Jerônimo Monteiro (1908-1970).

3.1 O DOUTOR BENIGNUS

O romance de Zaluar, escrito em terceira pessoa, conta as viagens e questionamentos feitos pelo personagem principal, o Dr. Benignus. Seguindo a moda de outros escritores e dialogando com obras maiores, já que “o modelo de Zaluar é sem dúvida Júlio Verne” (CARVALHO, 1994, p. 8), o autor apresenta o médico e naturalista Dr. Benignus como “um homem que se podia chamar verdadeiro sábio” (ZALUAR, 1994, p. 33). Esse médico era uma pessoa cansada da vida no Rio de Janeiro e queria fazer algo produtivo por não se sentir bem com aqueles que o cercavam.

Já que o coração humano não pode viver sem afeições, dizia o sábio, e visto que os amigos de perto são – além de perigosos, impossíveis, criemos amizades ao longe, interroguemos as almas e os espíritos daqueles a quem não vemos os rostos, amemos à distância, nas avenidas longínquas, assim como se adoram os astros e se conversa com as estrelas, com Sírio, com Vênus, com Júpiter, com o Sol, nos confins poéticos e luminosos do horizonte! (ZALUAR, 1994, p. 35).

Ele decide mudar-se com sua família para Minas Gerais. Dizia ele, em tom de reprovação: “Estou cansado de andar por este mundo, onde a natureza é tão grande e os homens tão pequeninos!” (ZALUAR, 1994, p. 43-44). Lá, ele sai em um passeio com seu fiel criado andino, Katini, e descobre um pergaminho que trazia as inscrições “À Pora”, nome que desconheciam. Depois de pesquisar, descobrem que se trata de uma afirmação sobre a vida e habitabilidade do Sol.

“- Esta frase gravada em língua tupi, acrescentou o Dr. Benignus, quer dizer em latim *ECCE INCOLAE: aqui há gente, aqui está povoado, aqui há habitantes!* Ora, estas palavras traçadas por baixo da figura do Sol, não estão declarando que este astro tem moradores, tem outra humanidade semelhante ou diversa da que povoa o planeta terráqueo?” (ZALUAR, 1994, p. 91).

Isso desperta sua curiosidade a ponto de organizar uma expedição rumo ao Brasil central com o objetivo de observar o astro-rei. Com o anúncio de sua expedição, o francês M. de Fronville e o jovem inglês Jaime River, que queria encontrar o pai que havia sumido na selva, se juntam ao Doutor. A apresentação de Fronville nos remete novamente a Verne, em *Vinte mil léguas submarinas*: “[...] trago este moderníssimo aparelho de luz eléctrica igual àquele com que o capitão Nemo e seus companheiros costumavam fazer suas digressões ao fundo do oceano [...]” (ZALUAR, 1994, p. 100-101). Eles saem em viagem, evitando se aproximar de cidades para não chamar a atenção com seus equipamentos de observação, e acabam passando por algumas situações, como o ataque de um jaguar, o encontro de um crânio pré-histórico em uma caverna, a queda de um meteorito etc. Quando chegam a uma tribo carajá, descobrem o paradeiro de Willian River, pai de Jaime River, porém, o chefe da tribo se recusa a libertá-lo. Ocorre, então, um momento de tensão, o qual o autor resolve com o procedimento que chamamos *deus ex machina*. “Viu ele nesse momento uma coisa que o surpreendeu até o espanto. Um pequeno ponto luminoso, uma estrela, talvez um meteoro brilhante na amplidão do espaço celeste, que se descortinava da eminência da ilha” (ZALUAR, 1994, p. 331), e empresta seu óculo para M. de Fronville que grita: “- É um balão aerostático” (ZALUAR, 1994, p. 331). Um engenheiro americano e amigo do Dr. Benignus, James Whaton, aparece pilotando um balão (truque verniano) e consegue resgatar a todos, inclusive o prisioneiro inglês. A cientificidade da história fica por conta do balão, dos instrumentos utilizados na expedição, como lanternas a pilha e escafandro (apesar deste não ser usado).

Assim o doutor tinha-se prevenido não só de uma coleção a mais completa possível de instrumentos astronômicos, em relação aos meios de transporte de que dispunha, como também de muitos outros aparelhos, alguns dos quais ainda desconhecidos no país, e entre eles exemplares das mais modernas *escafandras*, vestimentas próprias para se descer ao fundo do mar ou dos grandes rios,

lâmpadas de luz eléctrica, notável aperfeiçoamento do sistema de Davy devido às investigações científicas de Dumas e Benoit, projetando a luz dentro de um tubo fechado, de modo a evitar a inflamação dos gases e indicadas como as melhores nos centros pobres de oxigênio e onde as outras recusam funcionar; e finalmente vários aparelhos respiratórios, encerrando provisão de ar puro para descer não só nos centros líquidos, mas ainda ao fundo da terra, nas cavernas ou grandes minas, onde o ar é muitas vezes deletério, ideia de M. de Humboldt e Pilâtre de Rozier, ultimamente aperfeiçoada pelo notável maquinismo de M. Rouquayrol, engenheiro das minas de carvão-de-pedra de Aveyron, invenções estas de que mais tarde e em circunstâncias oportunas daremos ao leitor, que estiver pouco ao facto destes progressos científicos, descrições mais minuciosas (ZALUAR, 1994, p. 124).

Outro elemento científico é a teoria dos solarianos, os habitantes do Sol. Sobre esta, temos a seguinte passagem em um diálogo com um dos companheiros da expedição:

- Mas, finalmente, que conclui o doutor de suas observações de hoje? Acrescentou M. de Fronville.
- Que o Sol é habitável, respondeu convencidamente o sábio (ZALUAR, 1994, p. 262).

Infelizmente, o enredo empobrece com algumas soluções encontradas pelo autor para concluir sua história. Primeiro, porque quando conseguem se livrar dos indígenas, o milionário James Wathon descreve as terras da Ilha de Santana como um lugar que tem natureza maravilhosa e pode atrair a civilização. Por isso, ele resolve investir em uma colônia agrícola e industrial, ou seja, o Brasil, que já era um país agrícola, receberia mais investimento em agricultura como meio de desenvolvimento. O segundo problema no desfecho da história é a falta de inventividade ao dizer que foi Katini, o criado que escrevera as inscrições “À Pora” no misterioso pergaminho. Ele foi promovido a intendente geral da fazenda e se viu obrigado a “contar muito em segredo a M. de Fronville, ter sido ele o autor da inscrição gravada na folha de papiro, e encontrada por seu estimável amo na célebre gruta” e, nesse momento, ficamos sabendo que o peruano “maquinara tudo aquilo já prevendo mais ou menos o que devia suceder e realmente aconteceu” (ZALUAR, 1994, p. 345). Toda a expedição pelo interior do país teria sido obra de uma brincadeira de seu cozinheiro.

3.2 O IMORTAL

O imortal (1882), de Machado de Assis, narra a trajetória de um homem que bebe uma poção da vida eterna e depois de viver tanto tempo, passa a desejar a morte. Esta, porém, nunca acontece. Ao final, seguindo princípios da homeopatia, toma outra dose que guardara num frasco e morre. A história se passa na província fluminense, onde o Dr. Leão, médico homeopata, conta a trajetória de vida de seu pai a dois ouvintes, que eram o coronel Bertioga e o tabelião João Linhares, numa noite de novembro de 1855. Porém, já no primeiro capítulo, ele antecipa que esse homem morreu, pois teria vivido cerca de 255 anos. Depois de falar que o pai nascera em 1600 e dizer que conheceu um homem imortal, é questionado:

- Mas seu pai não morreu? Disse o coronel.
- Morreu.
- Logo, não era imortal, concluiu o tabelião triunfante. Imortal se diz da pessoa que não morre, mas seu pai morreu. (ASSIS, 1994, p. 1-2).

No segundo capítulo, ele conta sobre as ocupações de seu pai, que nasceu no Recife, e, aos 25 anos, tornou-se um frade franciscano. Em 1639, foi capturado nas invasões holandesas. Por ser bom cozinheiro, agradou aos invasores sendo libertado. Não querendo voltar a Olinda ou a Recife, onde estavam os holandeses, acabou chegando a uma aldeia indígena, na qual foi bem recebido, por ser “talvez o mais insinuante dos homens. Os índios ficaram embeijados por ele, mormente o chefe, um guerreiro velho, chegou a dar-lhe a filha em casamento” (ASSIS, 1994, p. 3). Logo se casou com a filha do chefe daquele grupo, permanecendo lá até a morte do sogro. Nos capítulos seguintes, ele conta que, antes de morrer, o chefe indígena levava o genro até a floresta onde havia escondido um elixir da vida eterna, dizendo que quem bebesse viveria para sempre.

- Pirajuá vai morrer, disse ele; vai morrer para nunca mais. Pirajuá ama guerreiro branco esposo de Maracujá, sua filha; e vai mostrar um segredo como não há outro. Meu pai estava trêmulo. O guerreiro desatou lentamente o couro que tapava o boião. Destapado, olhou para dentro, levantou-se e veio mostrar a meu pai. Era um líquido amarelado, de um cheiro acre e singular.
- Quem bebe isto, um gole só, nunca mais morre. (ASSIS, 1994, p. 4).

O homem tornou a guardar o frasco onde estava enterrado e voltou para a tribo. O índio morreu, o tempo passou e, um dia, “Rui de Leão, ou antes, Rui Garcia de Meireles e Castro Azevedo de Leão, que assim se chamava o pai do médico [...]” (ASSIS, 1994, p. 6), ficou doente e lembrou-se da bebida enterrada na floresta. Dirigiu-se até lá durante a noite, bebeu um tanto e guardou o resto para, no futuro, poder levar a um grande centro e poder pesquisar sobre as propriedades daquela fórmula. Embora contra toda expectativa, ele ficou bom. Algum tempo depois, a aldeia foi atacada por outros índios e sua esposa morta. Como já estava cansado de viver entre os índios e com saudade da civilização, resolveu ir embora e levar consigo a bebida milagrosa. Viajou para Portugal, onde se casou novamente e teve um filho. Porém, depois de um tempo, a mulher e o filho morrem acarretando-lhe uma tristeza profunda. Passou por outros países da Europa, como Holanda, França, Alemanha, Hungria, Itália e, finalmente, a Inglaterra, onde era venerado por saber falar várias línguas e conhecer várias profissões que exercera em outros lugares. Teve várias mulheres. Uma delas, Lady Ema, aprontou um plano para que ele se tornasse rei da Inglaterra, dizendo que era filho de Carlos II. Chegou a exercer o cargo, mas foi preso e condenado em uma guerra civil. Contou isso a seu filho, dizendo: “[...] cheguei a dominar cidades e vilas, expedi leis, nomeei ministros, e, ainda assim, resisti a duas ou três sedições militares que pediam a queda dos dous últimos gabinetes. [...] a luta fatigara-me; não minto dizendo que o dia da minha captura foi pra mim de alívio” (ASSIS, 1994, p. 9). Após a prisão, é condenado à morte, e na hora de ser morto pelo carrasco, não morreu, pois seu pescoço se reconstituía depois a cada machadada. Este é um ponto muito interessante da narrativa.

De manhã preparei-me para a morte. Veio o padre, vieram os soldados e o carrasco. Obedeci maquinalmente. Caminhamos todos, subi ao cadafalso, não fiz discurso; inclinei o pescoço sobre o cepo, o carrasco deixou cair a arma, senti uma dor penetrante, uma angústia enorme, como que a parada súbita do coração; mas essa sensação foi tão grande como rápida; no instante seguinte tornara ao estado natural. Tinha no pescoço algum sangue, mas pouco e quase seco. O carrasco recuou, o povo bramiu que me matassem. Inclinarão-me a cabeça, e o carrasco fazendo apelo a todos os seus músculos e princípios, descarregou outro golpe, e maior, se é possível, capaz de abrir-me ao mesmo tempo a sepultura, como já se disse de um valente. A minha sensação foi igual à primeira na intensidade e na

brevidade; reergui a cabeça. Nem o magistrado nem o padre consentiram que se desse outro golpe (ASSIS, 1994, p. 9).

Depois dessa passagem, o médico conta como seu pai voltou ao Brasil, se envolveu com o negócio de escravos e enjoou desse trabalho, pois “acostumou-se, e enfarou-se, que era outro fenômeno na vida dele. Enfarava-se dos ofícios” (ASSIS, 1994, p. 10). Casou-se, foi traído pela esposa e tentou se matar com seis facadas, mas não conseguiu. O filho descreve como ocorreu:

Meu pai voltou o punhal contra si, e enterrou-o no coração. “Filho, dizia-me ele, contando o episódio; dei seis golpes, cada um dos quais bastava para matar um homem, e não morri.” Desesperado saiu de casa, e atirou-se ao mar. O mar restituiu-o à terra. A morte não podia aceitá-lo: ele pertencia à vida por todos os séculos (ASSIS, 1994, p. 12).

Ainda no Brasil, dedicou-se às minas, por meio das quais enriqueceu. Voltou para Portugal, foi para a Índia, e iria governar Goa se não tivesse sofrido uma armação de um invejoso que ficou com o cargo. Foi a Madri, onde teve mais mulheres e, novamente, tentaram matá-lo sem sucesso. Depois que ele se envolve com uma fidalga, o marido fica sabendo e ordena matá-lo: “mandou assassinar meu pai; os esbirros deram-lhe três punhaladas e quinze dias de cama. Restabelecido, deram-lhe um tiro, foi o mesmo que nada” (ASSIS, 1994, p. 14). Ele ainda chegou a ser preso pelo Santo Ofício e fugiu depois de alguns meses. Nessa época, teve mais uma mulher que, passado o tempo, morreu, deixando-lhe muito triste, com vontade de morrer também. Nessa longa vida, ainda teve tempo de ir à Constantinopla, onde estudou turco, esteve na França onde assistiu à Revolução Francesa, e, por fim, voltou com a corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, podendo presenciar a Independência, em 1822. Porém, já estava muito entediado com tudo o que vivera até ali, nada mais lhe despertando interesse. Um dia, quando o Dr. Leão expunha a seus amigos os princípios da homeopatia, especificamente o da similaridade homeopática (*similia similibus curantur*), Rui de Leão teve a ideia de tomar o resto do elixir. Deu certo: o imortal morreu. E o médico homeopata conseguiu mostrar aos seus ouvintes “que a morte é, enfim, um benefício” (ASSIS, 1994, p. 17). Esse é o final que o homem imortal buscava.

3.3 A AMAZÔNIA MISTERIOSA

Em *A Amazônia misteriosa*, de 1925, Gastão Cruls faz questão de explicitar a influência de Wells. Em um momento, o protagonista, ao saber das experiências feitas na tribo, discute com o médico Dr. Hartmann:

- Tudo não; mas o bastante para ficar mais que revoltado e poder julgá-lo um novo Dr. Moreau, e da pior espécie...
- Pelo seu jeito de espanto, percebi que não compreendera a minha referência.
- Dr. Moreau? - inquiriu surpreso.
- Sim – repeti. - O senhor nunca leu a *A ilha do Dr. Moreau*, de Wells? Pois é um romance muito conhecido. O Dr. Moreau era um médico que se meteu na cabeça transformar bichos em gente, ao passo que o senhor quer fazer justamente o contrário (CRULS, 1973, p. 108).

Com esse trecho, além de identificar uma influência do autor, podemos ver como a ciência entra na história, um médico vivendo na tribo das mulheres guerreiras, as Amazonas, realiza experiências com secreções, afasia e fecundação de uma espécie por outra, gerando resultados, como um hominídeo fruto do cruzamento de uma mulher com um macaco.

Vale lembrar que, quando escreveu essa obra, o autor ainda não conhecia a região, mas “suas leituras sobre a Amazônia garantiram-lhe o sucesso que obteve” (REIS, 1973, p. 17). Embora se trate de uma expedição ao Brasil central, parecida com o que acontece em *O Dr. Benignus*, Gastão Cruls consegue criar personagens mais carismáticos, como a simpática índia Malila, o companheiro sobrevivente Pacatuba entre outros. A história começa com o relato de uma expedição, contido nas últimas páginas de um diário de viagem, até o momento em que os integrantes de uma expedição se perdem na selva. O segundo capítulo começa com o questionamento: “– Então, Piauí, estamos mesmo perdidos?” e o personagem Piauí responde: “– Eu não sei, seu doutor, mas acho difícil. Seria a primeira vez que me perco no mató” (CRULS, 1973, p. 17). A partir daí, eles passam por dificuldades, até serem resgatados por índios que os surpreendem na floresta. É esse grupo que os leva até à tribo das Amazonas. O narrador nos conta que “O maioral do grupo – vi depois que o chamavam Pororê – parecia ter compreendido a minha gesticulação, e, agitando o braço e apontando para diante, como que nos convidava a segui-lo” (CRULS, 1973, p. 26). E ele até fica mais confortado, mesmo

com o temor que os companheiros sentiam, “afinal de contas, perdidos como estávamos, eu não sei se não fora uma sorte havermos encontrado aqueles índios” (CRULS, 1973, p. 28). Quando estão sendo levados em uma canoa, o Doutor observa a natureza da região e o rio no qual navegam. Não consegue encontrar motivos para se salvar e diante do seu estado de apatia reflete: “Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martínez a caminho de Manoa?” (CRULS, 1973, p. 30). Essa reflexão indica ao leitor que realmente ele está no caminho de uma descoberta, parece que o sentimento do personagem antecipa o que vai acontecer. Primeiro, o grupo passa pela tribo desses indígenas para, depois, ser conduzidos à tribo feminina. Lá, só chegam vivos o narrador-protagonista, que não é identificado, apenas é chamado de Doutor, e seu companheiro Pacatuba, que vive lamentando de saudades de sua família e sofre o tempo todo “lembrando dos seus”. Quando levados ao destino, se impressionam: “Teríamos chegado a uma nova tribo?” (CRULS, 1973, p. 42). Nesse momento, eles têm um primeiro contato com algumas tribos, que são assim descritas:

De formas esbeltas, os seios altos e firmes, o quadril bem modelado, os membros roliços, todas elas tinham a cabeleira longa e uma carnação rija e acobreada. Creio que, entre as mais velhas, nenhuma teria mais de vinte e poucos anos, tanta era a frescura de suas feições, de grandes olhos amendoados, muito negros, vivos e inquietantes, malares ligeiramente relevados, nariz aquilino e boca de lábios finos, mais enérgicos do que sensuais (CRULS, 1973, p. 44).

Essas mulheres lhes levam até o povoado. Lá, encontram um alemão, o Dr. Hartmann, e surge a dúvida sobre o que ele fazia naquele lugar tão ermo, “[...] seria aquilo uma simples tribo de índios, ou ele estava ali, com outros patrícios, empenhado em qualquer trabalho científico ou empresa de intuítos lucrativos?” (CRULS, 1973, p. 47). A resposta viria adiante. Eles foram convidados a descansar na tribo para, depois, serem conduzidos novamente ao rio no qual se perderam. O alemão lhes manda uma intérprete que fala francês, a qual consegue conquistar a simpatia dos visitantes, pois conversa com todos e é um elo entre eles, o médico e as índias. As descrições da moça fazem com que o leitor também acabe se apegando a ela, por sua simpatia e bondade. A garota chamava-se Malila. Como já

poderia se deduzir a essa altura, ficamos sabendo, por meio de um diálogo entre os dois doutores, quem são aquelas índias.

- Não acredita, então, que possa estar na tribo das Amazonas?
 - Desde que o senhor assim o diz... Mas é fantástico!
- E quedei-me num mutismo interrogador, a olhar o alemão que, sentado diante de mim, tinha um ar satisfeito e parecia gozar a minha surpresa.
- Pois é o que lhe digo. Estamos entre as autênticas Amazonas, a célebre tribo das mulheres guerreiras que, há quatro séculos, foram vistas pela primeira e única vez, por Orellana e seus companheiros (CRULS, 1973, p. 54).

Depois de algumas páginas dessa conversa, sentencia que “Não havia dúvida que se tratava de um agrupamento de mulheres emigrado do Império Inca por ocasião da conquista espanhola” (CRULS, 1973, p. 59). O narrador conhece a esposa francesa do médico e conta como foi: “o alemão apresentou-ma como sua mulher, sem, entretanto, lhe declinar o nome” (CRULS, 1973, p. 61). Mais tarde, fica sabendo que se chama Rosina. Ela não parece se acostumar muito bem com aquele modo de vida. Sobre as roupas de lã, parecidas com as que os incas faziam e que ela usava, diz: “- É um horror! – exclamou a francesa. – o senhor nem imagina o quanto me custou vestir este roupão de tecido áspero e grosseiro” (CRULS, 1973, p. 64). Em outro momento, ela confessa:

[...] Eu já estou nervosa há muito tempo. Não é brincadeira passar oito anos neste isolamento. [...] Oito anos de mato dão pra embrutecer completamente uma criatura. E eu, então, que tinha um gênio alegre e expansivo? Parecerá absurdo, mas chego a me revoltar contra esta natureza sempre verde e com uma primavera que nunca se acaba, e tenho saudades dos nossos dias de outono e inverno. Pelo menos, quando a gente está triste, são dias que dizem melhor com os nossos sentimentos (CRULS, 1973, p. 77-78).

Ele fica muito curioso por saber o porquê de estarem ali há tanto tempo, mas ela não o revela. Em seguida, ele vive uma situação de alucinação, graças a um entorpecente, levando-o até o império Inca, que define como um “império comunista que, ainda hoje, e por vários aspectos, poderia servir de paradigma às mais justas aspirações da humanidade” (CRULS, 1973, p. 84). Como não consegue respostas sobre suas dúvidas, ele resolve pesquisar o que acontecia em lugares da tribo dos quais não lhe permitiam se aproximar: “Agachado sob a

ramaria enredada, diminuindo os passos aqui, pisando de leve ali, com muitas precauções cheguei até o meu novo esconderijo e melhor observatório, escolhido entre uns alentados pés de pacava” (CRULS, 1973, p. 98). Ele consegue avistar uma espécie de gaiola feita de madeira, mas não consegue identificar o que era o ser que estava preso nela.

Macaco? Preguiça? E atentei mais para o ser estranho que se rojava no chão com movimentos muitos lerdos e hesitantes. Não! Era uma criança! Aquelas formas não enganavam e eram bem humanas. Mas então, seria um monstro? [...] Pelo tamanho, devia ser um indiozinho de dois a três anos. Mas teria nascido assim? E porque o prenderiam numa jaula como um bicho? (CRULS, 1973, p. 99).

Essa visão que ele tem é interessante e nos deixa curiosos. Mais tarde, ele descobre que se trata de um hominídeo, resultado de um cruzamento científico entre uma mulher e um macaco. Depois de flagrá-lo em nova espionagem, o Dr. Hartmann fica furioso, mas decide lhe contar sobre suas experiências. Explica que aproveita aquelas paragens para fazer experimentos com humanos, foi médico na Europa, mas só ali conseguia fazer essas experiências, por isso, não tinha pressa em ir embora. Além disso, não permitia que os dois visitantes que se perderam na floresta pudessem partir, mesmo depois de uma promessa de segredo.

- Mas professor, eu creio que o senhor não tem o direito de duvidar da minha palavra, se eu assumir o compromisso de uma absoluta reserva.
- Não, meu amigo, não insista. Eu já meditei muito sobre isto e a sua partida nunca me poderia deixar tranquilo (CRULS, 1973, p. 122).

Agora, eles eram prisioneiros. Nesse tempo de aprisionamento, o narrador se envolve com Rosina, a esposa do alemão. Depois de um passeio pela mata e sentados à sombra de uma ingazeira, ele descreve a primeira vez: “Filtrava-me no sangue a exultação da natureza ambiente e as minhas narinas arfavam sentindo um aroma delicioso. Seria o perfume do seu corpo ou a fragrância das corolas recém-abertas, da erva tenra e dos frutos maduros? E os nossos lábios colaram-se num longo beijo [...]” e, ainda, “Esse sítio, à sombra das ingazeiras, passou a ser o recanto preferido para os nossos encontros” (CRULS, 1973, p. 131). A francesa revela a infelicidade em seu casamento. Dias depois se encontra muito triste por

saber que seu marido pretende-se demorar ainda mais naquela tribo, a pretexto de repetir a experiência da fecundação servindo-se de sêmen humano em uma macaca. Nesse momento, decidem fugir. Havia, com efeito, o medo de eles próprios serem usados como cobaias (ele nos experimentos sobre afasia, ela sobre fecundação). Os fugitivos chegam a cogitar o convite de fuga à índia Malila, mas desistem por acreditar que ela não abandonaria a tribo. Uma canoa é preparada e Pacatuba, Rosina e o Doutor fogem rio abaixo. Em certo momento, são surpreendidos por Malila, à margem do rio, que diz: “- Vocês não precisam me enganar [...] Malila é amiga e não contou nada a ninguém. Eu só quero é que vocês sejam felizes e foi por isso que quis vir até aqui” (CRULS, 1973, p. 159). Ela dá dicas sobre o caminho e durante a viagem descobrem que a indiazinha preparara provisões para a jornada, guardadas na canoa. Eles não conseguem êxito, pois logo as indígenas dão por falta deles e uma tribo vizinha os ataca com flechadas. Rosina é ferida e cai na água, mas logo Pacatuba a resgata, trazendo-a para a canoa, já morta por conta de um ataque de piranhas. A história acaba com Pacatuba incentivando o companheiro a beijá-la, depois de morta: “Beije seu doutor... Pode beijar! Não se agonie por minha causa [...]” (CRULS, 1973, p. 162). O final fica incerto, pois não sabemos se conseguiram fugir vivos ou foram capturados pelos indígenas que ajudavam as Amazonas.

3.4 O PRESIDENTE NEGRO OU O CHOQUE DAS RAÇAS

Quando, em 2008, Barak Obama foi eleito como o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, Monteiro Lobato veio à tona por ter escrito um livro, publicado em 1926, que trata da eleição de um negro para a presidência da república estadunidense. Teria ele previsto os acontecimentos do futuro? Sua história começa com Ayrton, que vive em uma cidade do Rio de Janeiro e é funcionário da empresa Sá, Pato & Cia, um homem medíocre, que, ao longo da história, aparece sempre como alguém que ouve os outros, que está sempre subordinado, seja pela condição de empregado seja pela de aprendiz. Ele mesmo nos diz que “Era eu um pobre diabo para toda gente, exceto para mim mesmo” (LOBATO, 1979, p. 9). O tom da história aparece já nas primeiras páginas, quando o protagonista conversa

com um corretor de negócios, em uma fila de banco, ao trocar um cheque para seus patrões. O corretor, já cansado de esperar a sua vez, lhe disse: “Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à deshonestidade por meio da completa eliminação dos deshonestos. Que paraíso!” (LOBATO, 1979, p. 6). É esse mesmo conhecido que lhe fala sobre um senhor que estava no banco. O tal senhor era o professor Benson, um homem misterioso, que vivia em seus laboratórios e conseguia sua renda de investimentos no câmbio de tal forma que nunca perdia. Morava em Friburgo, com uma filha e serviçais mudos.

Ayrton nos conta sobre a aquisição do automóvel Ford que lhe proporcionou a condição de motorista. Ter um carro, na visão dele, o diferenciava do resto das pessoas. Porém, ele alerta que “Os efeitos dessa compra foram decisivos na minha vida” (LOBATO, 1979, p. 10). E foram mesmo, pois sofreu um acidente que destruiu seu veículo e lhe deixou muito machucado. Acidentado e depois socorrido, foi parar na casa do velho jogador de câmbio, o professor Benson. O professor cuidou dele de forma que entre 15 e 20 dias já estava reestabelecido. Muito agradecido, ele conta a história de sua vida medíocre, do automóvel e do acidente, pedindo para ficar na propriedade daquele homem. A resposta a isso foi surpreendente:

- [...] Isto me faz sair da política que tenho levado até hoje e aceitá-lo em minha companhia como... confidente.
- Confidente?... repeti, sem compreender o alcance da expressão.
- Sim, confidente. Aproveito-me do acaso tê-lo trazido ao meu encontro para confiar-lhe a história da minha vida. Mas desde já dou um conselho: guarde segredo de tudo, depois que eu morrer (LOBATO, 1979, p. 13).

Com isso, mesmo sabendo da ignorância de Ayrton, o senhor Benson atende s injunções do acaso e passa a apresentar seu laboratório e ensinar coisas ao seu novo confidente. O jovem, por sua vez, fica sabendo que ali havia sido feita uma grande descoberta, capaz de tornar aquele homem o senhor do mundo, mas que “[...] contentava-se com ser um misterioso velhinho ignorado do mundo e à espera da morte naquele sereno recanto da natureza” (LOBATO, 1979, p. 20). Na casa do velho, ele ainda conhece Jane, sua filha, e fica encantado com ela. O professor lhe conta que enviuvou muito cedo e tem apenas a filha como sua família, sendo sua

companheira nas análises dos “cortes anatômicos do futuro”. Perante a surpresa do rapaz, ele pede à filha para lhe mostrar as experiências que eles fazem. Mas, antes disso, dá uma aula no laboratório, explicando que tudo na Terra é éter que vibra e que ele conseguiu criar uma máquina capaz de captar essas vibrações e antecipar o futuro. O funcionamento da máquina, que chama de cronizador, é descrito da seguinte forma pelo professor Benson:

- [...] Este meu cronizador, em suma, é um aparelho de produzir o *tempo artificial* com muito mais rapidez do que pelo sistema antigo, que é esperar que o tempo transcorra. Obtenho um ano num minuto de turbilhonamento; penetro no futuro, no ano 2.000, por exemplo, em 74 minutos. Opera-se durante a cronização uma zoadá, que é o som dos anos a se sucederem, som muito semelhante a um eco distante [...] (LOBATO, 1979, p. 36).

Para visualizar o futuro, ele tem um outro aparelho, um globo cristalino, que capta os resultados do cronizador, transformando-os em imagens: “- Pois é o *porviroscópio*, o aparelho que toma o corte anatômico do futuro, como pitorescamente diz Jane, e o desdobra na multiplicidade infinita das formas de vida futura que estão em latência dentro da corrente congelada” (LOBATO, 1979, p. 37). Sabendo da máquina, ele começa a conversar com *miss* Jane e passa a saber muitas coisas sobre o futuro, como o desaparecimento dos carros nas cidades a partir de 2200, o surgimento de tecnologias como o rádio transporte e a rádio sensação. Quando se lê esse trecho, parece que o autor previu a internet. Também fala sobre o “homem desdobrado”, que seria um homem que ouve e assimila coisas diferentes em cada um dos ouvidos e vê coisas diversas com cada olho. Há, ainda, o “teatro onírico”, uma projeção dos sonhos em uma tela, além de outras revelações, como a lei que determinava as férias conjugais, por meio das quais os casais tinham férias do casamento, o que reduzira o número de divórcios.

O velho Benson, já doente, fala para Ayrton que está prestes a morrer e que deu uma educação à sua filha que lhe permitirá morrer feliz. Ele deixa Jane e Ayrton conversando para fazer seus trabalhos. Enquanto estão juntos naquele dia, o rapaz fica sabendo sobre um choque das raças nos Estados Unidos, no ano de 2228. A moça diz que lhe contará tudo para que ele escreva um livro. O professor começa a passar mal e revela que destruiu a sua invenção antes de morrer. Feito isso, “Fechou os olhos e imobilizou-se. Minutos mais tarde estava apagada a luz

daquele cérebro, o mais potente que ainda desabrochou no seio da humanidade” (LOBATO, 1979, p. 57). Depois da morte do professor Benson, o moço volta ao seu trabalho na empresa dos Sá & Pato, onde é recebido de forma hostil pelos patrões, mas é readmitido. Aos domingos, passa a visitar miss Jane para saber mais sobre a história do choque das raças, pois ela prometera lhe contar tudo o que viu.

Nas conversas sobre o futuro e a sociedade estadunidense, a moça louva os feitos daquele povo, e o protagonista sempre ouve fazendo algumas inferências que nem sempre são muitos felizes. Quando ele diz que a solução para o “problema” das raças foi resolvido de forma pragmática, no Brasil, com o cruzamento entre elas, uma vez que ao longo de cem ou duzentos anos iriam desaparecer os negros por cruzarem com brancos, ela mostra que ele estava enganado:

- Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável peora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que ás lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mal resultado (LOBATO, 1979, p. 70).

Ayrton procura, ainda, descobrir a solução dada naquele país para as raças formulando hipóteses, como um massacre dos negros ou uma divisão do país em uma parte branca e outra negra, mas tudo em vão. Só depois, em outras visitas, é que vai descobrindo que a população negra nos Estados Unidos foi crescendo devido ao fato de eles se proliferarem demais. A moça viu que no futuro desenvolveram-se ideias eugenistas, as quais faziam a população branca diminuir a natalidade, privilegiando a qualidade de vida, enquanto os negros preferiam continuar se multiplicando a ponto de gerar preocupação no governo, fazendo-o criar o Ministério da Seleção Artificial. Esse Ministério aplicava leis, como eliminar crianças que nasciam defeituosas, castrar os tarados, os malformados mentais etc. Com isso, o programa de seleção criava uma sociedade sem indivíduos que pudessem prejudicá-la. Até mesmo os peludos desapareceram, por ser um problema social (lembramos que o autor dessa história tinha uma bela sobrelhaça).

peluda!). Mesmo com essas medidas, havia os negros que, em 2228, eram 108 milhões contra 206 milhões de brancos.

Nesse contexto, os negros começam a defender a divisão do país em duas partes: o sul, para os negros, e o norte, para os brancos. Estes, por sua vez, não aceitavam por querer manter seu *status quo*. Aparece no cenário político Jim Roy, o negro gênio. Nessa época, todas as pessoas que tinham a mesma cor que a sua viviam na América, tinham a pele esbranquiçada, já que a ciência tinha desenvolvido uma forma de destruir o pigmento, “O processo científico de embranquecê-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos” (LOBATO, 1979, p. 97). Ele era um grande líder que conseguiu unir todos os negros em um partido político e conseguia liderá-los de forma a lhes obedecerem como um líder messiânico. Entre os brancos, sumiram os partidos Republicano e Democrata devido a uma fusão entre eles, que, por consequência, faz surgir o Partido Masculino e tem o presidente Kerlog como candidato à reeleição. A oposição era feita pelo Partido Feminino, que, por sua vez, apresentava Miss Astor como candidata, com grande chance de vitória. Elas eram chamadas de elvinistas por seguir uma teoria feminista criada por miss Elvin. Ambos os partidos contavam com o apoio de Jim Roy para conseguir a vitória. “As melhores estatísticas davam ao Partido Masculino 51 milhões de vozes, ao Partido Feminino 51 e meio e à Associação Negra, contados os votantes de ambos os sexos, 54 milhões. A próxima eleição dependeria pois exclusivamente da atitude do grande negro” (LOBATO, 1979, p. 82-83). O presidente Kerlog achava que ganharia o apoio naturalmente por ser do mesmo sexo, mas não estava disposto a ceder às exigências de Roy. Evelyn Astor usava o discurso de que negros e mulheres eram escravos do homem branco.

No dia das eleições, o líder negro deveria radiar uma senha por ondas de rádio aos seus seguidores, ou seja, o nome do candidato em que deveriam votar. Quando chegou o momento, ele refletiu e falou: “O candidato da raça negra é Jim Roy” (LOBATO, 1979, p. 108). Estava decidido em quem deveriam votar. Dessa forma, foi eleito o 88º presidente da República dos Estados Unidos. “Apesar de disporem de um eleitorado quase duplo do contrário, os brancos perdiam a presidência graças à cisão entre os dois sexos provocada pelo elvinismo [...]” (LOBATO, 1979, p. 111). A partir da eleição, começa uma discussão entre os

brancos sobre o futuro do país. Eles reúnem as cabeças mais inteligentes da nação para solucionar o problema numa convenção da Raça Branca.

Os eleitores brancos não conseguem aceitar a derrota e criam uma solução aterrorizante para os dias de hoje. Quando John Dudley apresenta a solução para o presidente Kerlog, ele questiona: “- Sem dor, sem lesão, sem que o paciente sequer suspeite? / - Exatamente!” (LOBATO, 1979, p. 144). Inventaram um shampoo alisador de cabelos que tornava os negros estéreis. Por meio da ciência, conseguiram resolver o que consideravam um problema histórico. O próprio Kerlog é quem vai até a casa de Jim para comunicar o feito, na véspera da posse, e conta que “Tua raça foi vítima do que chamarás a traição do branco e do que chamarei as razões do branco” (LOBATO, 1979, p. 161). E revela que os raios ômega do alisador capilar tinham virtude dupla por alisar o cabelo e esterilizar o homem. No dia seguinte, o presidente eleito, James Roy Wilde, é encontrado morto em seu escritório e Kerlog se reelege presidente. Os arianos venceram e a vida na América voltou ao normal. O narrador consegue um beijo de Jane e conclui dizendo: “- Minha, Afinal!... (LOBATO, 1979, p. 173). A mulher tão fria e preocupada com a ciência se rendeu aos desejos de Ayrton.

Monteiro Lobato lançou esse livro em outro país, acreditando que, com o racismo que lá existia, ele conseguiria vendê-lo bem. Ele “supunha que seu romance seria um imenso sucesso nos ricos Estados Unidos, com talvez um milhão de exemplares vendidos. Mas lá o romance foi rejeitado” (CAUSO, 2003, p. 141). Talvez a literatura estivesse mais avançada entre os ianques do que ele próprio suspeitava.

3.5 A CIDADE PERDIDA

O último livro selecionado é *A cidade perdida*, de 1948. Nesta história, Jerônimo Monteiro, um dos mais importantes escritores e incentivadores da ficção científica brasileira, narra a aventura de Jeremias e Salvio, que se lançam rumo à Amazônia, em busca de uma civilização perdida. Já no começo, o narrador Jeremias nos dá uma ideia do que vão encontrar, ao dizer: “Tanto Salvio como eu estamos certos de que entre os ocasionais leitores deste livro há de se encontrar

algum atlante” (MONTEIRO, 1948, p. 10). Sabemos de antemão que eles chegaram à Atlantis-a-eterna e a narrativa já começa com o personagem Salvio decidido a partir em uma viagem pelo sertão. Quando diz ao amigo Jeremias que há um Templo do Sol no interior do Brasil, é questionado sobre essa certeza, que responde: “- Tenho certeza absoluta. Há um Templo do Sol situado entre os rios Xingu e Tapajós, entre os paralelos 5 e 10 e quase sobre o meridiano 55 Oeste de Greenwich. Tenho certeza!” (MONTEIRO, 1948, p. 13). Nesse momento, já vemos uma primeira introdução de noções científicas na obra. Essa convicção de Salvio vem de conhecimentos adquiridos graças a uma nova religião que ele estava seguindo. Ele diz ao amigo “[...] Ouça: A tradição das religiões ocultas de que os iniciados têm conhecimento ensina que existe um Templo oculto no mais recôndito recesso da América do Sul [...]” (MONTEIRO, 1948, p. 14). Quando Jeremias é intimado por Salvio a partir nessa aventura, ele fica meio perdido e, numa visita ao amigo Matheus, revela que era culpado pelas loucuras de Salvio por ter lhe mostrado uma misteriosa peça de metal, que recebera de um tio que morava na Venezuela. Isso despertou a curiosidade do amigo, que viu a tal peça como um sinal de que eles eram escolhidos para encontrar a cidade perdida. Jeremias, sempre questionador, em uma conversa com Salvio, fala sobre os índios brasileiros serem descendentes dos orientais ou mongóis, ao que Salvio responde: “- E por que não podia ser o contrário, Jeremias?” (MONTEIRO, 1948, p. 21). A partir desse momento, desenvolvem-se teorias nas falas de Salvio sobre a América, como berço da civilização. Isso ajuda a desenvolver a diegese do romance. Aos poucos, vamos nos apoiando em afirmações, como “- Mas é que nossos índios podem ter uma história que, de tão milenar, se perdeu na noite dos tempos. A dos chineses é tão nova que ainda pode ser perfeitamente lembrada [...]” (MONTEIRO, 1948, p. 22). O argumento central do texto está em um momento da conversa na qual Sálvio explica o pensamento que os move para a aventura:

- Você ouvirá e julgará. Penso que no planalto central do Brasil deve ter-se desenvolvido, em épocas muito primitivas, uma civilização, que seria o ponto de partida para todas as decantadas civilizações do mundo. Daqui teriam saído os homens que, fundando a Atlântida, se tornariam os mais famosos e misteriosos seres da nossa raça. Da Atlântida eles teriam passado para a África, com os elementos que deram nascimento à decantada civilização egípcia. A civilização sul-americana, como todas as outras, devia ter-se baseado num princípio religioso e este só podia ser o culto solar, porque nada impressionou tão profundamente o

homem primitivo como o sol, porque bem logo ele aprendeu a reconhecer que é do sol que nos vem toda a vida. E a tradição nos ensina que os templos do sol eram, comumente subterrâneos... Afinal, o melhor é parar por aqui. Isto não passa de imaginação (MONTEIRO, 1948, p. 28).

Além disso, eles encontram evidências que os incentivam a partir nessa empreitada. Depois que Salvio demonstrou “cientificamente” que os orientais descendem dos americanos, e não o contrário, Jeremias nos conta como revelou ao amigo o objeto que recebeu de um tio. “- É um trabalho em ferro batido que recebi da Venezuela, numa mala que meu tio me mandou, um tio que foi para as Guianas há muitos anos” (MONTEIRO, 1948, p. 28). Eles decidem que aquele era o momento de partir e saem de São Paulo rumo ao Alto Xingu. No caminho, contratam Quincas, um conhecedor da região que pretendem explorar. Ele era “[...] um rapaz moreno, curtido pelo ar livre, homem de poucas palavras e de poucas carnes – todo músculos” (MONTEIRO, 1948, p. 37), ou, ainda, “[...] um camarada realmente extraordinário, mateiro até as últimas fibras do seu ser. Conhecia o mato, era inteligente, tinha presença de espírito e nenhum segredo da selva lhe era desconhecido” (MONTEIRO, 1948, p. 87). Quando revelam a intenção de ir ao Brasil central, o rapaz lembra que alguém já havia passado por lá com esse propósito e nunca mais voltou. Além disso, seu pai também participou dessa expedição, tendo sumido nela. Ele recomenda que conheçam o coronel Marcondes, que também gosta desses assuntos. Do coronel, eles ganham um objeto interessante. Tratava-se de um Muirakitã, relacionado aos amazonenses, que lhes ajudaria a atingir o fim que procuravam. Eles ainda contratam Lalau e Tobias para lhes ajudar na viagem. No caminho, eles encontram evidências do que procuram, como a gruta com inscrições pré-históricas, que deduzem ser de uma civilização antiga que desenvolveu a escrita aqui na América. Nessa mesma gruta, encontram fósseis, como uma tíbia, um crânio e um maxilar. Em outro momento, encontram as ruínas de um templo sagrado e isso gera dúvidas em Jeremias, que se questiona: “Perguntas... Só perguntas! Tudo aquilo era um imenso ponto de interrogação suspenso sobre a história da América. E por onde andariam as respostas? (MONTEIRO, 1948, p. 77). Em um determinado momento, eles encontram índios, que lhes acompanham em um trecho da mata. Quincas é quem lhes convenceu a ajudá-los e acalmou seus amigos que tinham medo dos três

novos integrantes da equipe: “- Está tudo em ordem. Eles moram na Ilha do Bananal. Irão conosco até lá. Em troca, daremos um facão a cada um” (MONTEIRO, 1948, p. 89). Depois que os indígenas lhes deixam no local combinado, eles são capturados por outro grupo, os Tapirapés. São levados para a tribo, mas graças ao Muirakitã que Sálvio trazia no pescoço, foram libertados e ainda receberam dois destacados homens da tribo para guiá-los até o Xingu. Porém, não tiveram sorte, acabaram encontrando mais índios no caminho e os seus guias entram em luta com o outro grupo para protegê-los, morrendo os dois tapirapés. Em seguida eles tornam-se prisioneiros desses novos e estranhos índios, descritos como louros. Tobias também morre nesse encontro. Para sorte dos aventureiros, esses índios louros tinham um comportamento curioso quando anoitecia, pois, assim que começava a anoitecer, andavam tropeçando e logo dormiam amontoados em qualquer lugar. Mesmo assim, eles permanecem mais um dia como prisioneiros para estudar essas novas criaturas. Na segunda noite, cai uma chuva forte e eles deixam os seus aprisionadores para se esconder em uma caverna. Com a chuva, eles acabam sendo levados pela água para o fundo e só quando amanhece é que se libertam. Os índios parecem ter sido carregados pela enxurrada, não há sinal deles. Lalau não aparece e quando retornam à gruta para procurá-lo descobrem que aquele local é uma espécie de cemitério, com túmulos invioláveis, fechados com grandes pedras. Mais do que isso, um cemitério dos atlantes. É nesse local que será sepultado Lalau: “- Ele não morreu afogado – murmurou Salvio. – Quando chegou aqui, já estava morto. Pobre companheiro! Mas não o levaremos para cima, Quincas. Ele ficará aqui, e aqui terá o túmulo mais glorioso da terra! – E Salvio apontava a parede circundante” (MONTEIRO, 1948, p. 112). Os acontecimentos servem para mostrar como não foi fácil a empreitada na busca de um povo primitivo. Eles passam fome, quase morrem, mas superam as adversidades até o momento no qual percebem não estar sozinhos: “Acordei com a estranha impressão de que alguém se encontrava ao nosso lado, alguém que não era amigo. Sacudi meus companheiros” (MONTEIRO, 1948, p. 127). E, ainda, “A nossa reserva de mantimentos, frutas, carne – tudo havia desaparecido. Alguém andara em torno de nós e nos despojara” (MONTEIRO, 1948, p. 128). Essas dificuldades impostas por um inimigo invisível pode ser para evitar que chegassem onde pretendiam ou, ainda, para ver se eram dignos de

alcançar sucesso. Eles acabam encontrando um atlante. Quando acordam em uma manhã, se defrontam com um homem que não conhecem. “Será um atlante? – perguntou Quincas?” (MONTEIRO, 1948, p. 157). Os atlantes os fazem de prisioneiros, mas os mantêm vivos. Jeremias e Salvio discutem sobre o fato de serem ou não civilizados, então, Salvio argumenta que

[...] Podiam ter-nos matado dúzias de vezes, e não o fizeram. Procuraram tornar a viagem impossível, foram-nos tirando tudo o que tínhamos. Mas, nós, teimosamente, continuamos, ignorando tudo. Conseguimos chegar em um ponto onde lhes pareceu que o melhor era, afinal, ajudar-nos. Foi quando apareceu aquele atlante para nos guiar, com provisões distribuídas ao longo do caminho. Bem. Aqui chegamos. Eles nos têm em seu poder. Sabem que somos teimosos, curiosos e infatigáveis. Resolveram tirar-nos a liberdade temporariamente, até que possamos saber melhor quem somos e que queremos. É razoável! Acho que são muito humanos. No meu modo de ver, para evitar complicações futuras eles nos deviam matar logo. Era mais seguro. (MONTEIRO, 1948, p. 164).

Eles não foram mortos, mas sim libertados e conseguiram se manter a salvo graças ao Muirakitã e a alguns desenhos que Salvio mostrou a um dos chefes. Também ficaram sabendo que estavam em um posto avançado de proteção à Atlântida. Havia um núcleo central e postos que serviam para guardar a cidade. No posto avançado, eles tomam conhecimento sobre o modo de vida dos atlantes. Jeremias observa que “Toda aquela gente estava satisfeita, e o ar impregnado de alegria despreocupada e feliz como eu não via há muitos anos, desde a minha infância” (MONTEIRO, 1948, p. 170). E a forma como foram tratados fica nítida quando ele diz que olhavam-os “com curiosidade, sem hostilidade”. Embora sejam bem tratados, Jeremias não quer ficar, ele quer ir embora, ao contrário dos companheiros que acreditam poder ir ao núcleo central e conhecer melhor aquele povo, pois Salvio conta que conversou com o velho chefe e tirou alguma informação:

[...] Parece-me que eles se consideram um povo predestinado a grande missão no futuro. Há inumeráveis séculos, há milênios que vivem de acordo e respeitando certa missão sagrada, que vem de épocas esquecidas. O cérebro que dirige tudo está no Núcleo Central, perdido entre serras vastíssimas e inatingíveis. (MONTEIRO, 1948, p. 184).

Essa descrição nos mostra a grandeza territorial do Brasil, dando a ideia de que havia muita terra desconhecida a ponto de uma cidade estar perdida “entre serras vastíssimas e inatingíveis”. Após discordar de seus companheiros, Jeremias percebe que o melhor era mesmo ir em frente e acaba, inclusive, chegando a uma conclusão: “Confrontando serenamente os acontecimentos, concluía que o selvagem, ali, era, unicamente, eu [...]” (MONTEIRO, 1948, p. 186). Depois que um enviado à cidade central retorna, eles recebem a importante notícia do chefe daquele posto:

- Estou admirado. Não esperava isto. Durante a nossa história aconteceu várias vezes recebermos estrangeiros, mas jamais passaram daqui, e quase todos foram exterminados depois de poucos dias. Esta é a primeira vez que pessoas não nascidas dentro de nossas cidades têm licença, já não digo de ir ao Núcleo Central, mas simplesmente de viver. Mesmo entre os nossos, posso contar pelos dedos os que já foram ao Núcleo. Recomendo-lhes que sejam prudentes. Creio ainda ser útil avisá-los que decerto jamais poderão voltar à sua terra natal. Para nossa segurança, ninguém pode saber que existimos, nem como vivemos. (MONTEIRO, 1948, p. 189).

Com a autorização para seguir até a cidade perdida de Atlântida, os três destemidos aventureiros seguem em frente, guiados por oito cidadãos daquele povo. O caminho aparenta ser muito bem projetado no meio da mata. A emoção de Salvio fica clara quando ele percebe que estão próximos do que procuram e diz:

- Estamos perto! Estamos no limiar da maior de todas as descobertas feitas até hoje pelo homem!... É lá adiante, Jeremias! Entre aquelas montanhas atormentadas, naquele imenso rochedo... Geomá! Lá é que se encontra o segredo da origem do homem, e talvez também o segredo do seu fim! E estamos a poucos passos! (MONTEIRO, 1948, p. 193).

Realmente, estavam perto. Deixados muito próximos pelos seus guias, seguiram sozinhos até a porta de entrada. Lá, logo de chegada, são bem recebidos por um atlante sorridente com um “- Bem-vindos a Atlantis, a Eterna.” (MONTEIRO, 1948, p. 198). Finalmente chegaram a Atlântida, mãe de todas as outras civilizações. Seus habitantes, os atlantes, escolheram viver em segredo e não se revelar para o resto do mundo. Nos dias em que passam com esse povo, travam discussões filosóficas e conhecem o pensamento distópico dos atlantes. Estes,

sempre mostrando o lado negativo da sociedade que se autodestrói, dos homens que digladiam-se entre si e que, ao invés de progredir, regridem. A existência dos atlantes em lugar escondido e bem protegido é revelada aos homens que chegaram de São Paulo, quando aquele que os recebeu explica que sua missão

- É humana e divina, e só terá lugar quando surgirem certas circunstâncias, quando a atual civilização tiver destruído tudo quanto no mundo existe de respeitável e de humano – o que não demorará muito, porque o homem enlouqueceu de puro orgulho. Então entraremos em cena, com novas bases de vida. (MONTEIRO, 1948, p. 200).

Além de saber qual era a missão daquele povo e sua forma de pensar, eles tiveram a sorte de presenciar um importante ritual religioso em homenagem ao sol. Quando conversam com um atlante que chamam de o Primeiro Orientador, explicam o porquê de tão arriscada empreitada pelo Brasil adentro. O atlante os adverte por acreditar que o que eles procuravam eram “[...] sinais de superioridade em relação aos outros povos [...]” (MONTEIRO, 1948, p. 218). E nessa conversa percebe-se, ainda, várias críticas ao mundo dito civilizado. Jeremias não consegue compreender como é possível viver sem a possibilidade de conquistar coisas, sem ter “estímulos”.

Para a alegria deles e principalmente de Quincas, conhecem uma jovem, chamada Vanila, que lhes conta várias coisas, inclusive sobre o pai de Quincas que chegou até lá e viveu entre eles, mas já tinha falecido. Os dois amigos pensam em voltar, enquanto Quincas parece se interessar por Vanila e decide viver entre os atlantes. Quando comunicam ao Primeiro Orientador que querem ir embora, ouvem “-Daqui ninguém sai!” (MONTEIRO, 1948, p. 240). Com essa resposta, percebem que a única maneira é fugir. Quincas, que não iria junto, tenta convencê-los a ficar, mas não adianta. Então, com seus conhecimentos e a ajuda de Vanila, ele colabora com seus amigos e durante a noite consegue as instruções para a fuga:

- Olhem. Aqui está um mapa com as indicações necessárias. Caminhos subterrâneos, atalhos, pousos de alimentação, fontes de água pura... Sigam por

este mapa, aconteça o que acontecer. Se não fizerem isso, estarão irremediavelmente perdidos [...] (MONTEIRO, 1948, p. 242).

Eles saem durante a madrugada mesmo sabendo dos perigos. A história termina com uma última contemplação da montanha que esconde a cidade de Atlântida: “Lançamos um último olhar ao rochedo sombrio, Geomá! Que ali ficava, cobrindo com o seu peso o indefinível mistério dos atlantes sempre-vivos!” (MONTEIRO, 1948, p. 245). Sabemos que eles conseguiram retornar devido à introdução do narrador que diz, logo nas primeiras páginas, que pretendia voltar àquele lugar.

3.6 ANÁLISE DAS OBRAS

Comparando as obras citadas anteriormente, podemos encontrar algumas semelhanças bem nítidas e em outras nem tanto. Vemos que a FC produzida no Brasil, entre 1875 e 1948 trata de temas como viagens de exploração, habitabilidade do sol, imortalidade e homeopatia, sociedades perdidas/escondidas, cruzamentos de espécies, eugenia, sanitarismo, previsões futurísticas, utopia e distopia etc.

Frente à dificuldade de definir o que é ficção científica, Tavares (1986) estabeleceu alguns traços característicos da FC, os quais podemos identificar com clareza em nossas obras. Usaremos três exemplos para cada um deles. O primeiro, a “tentativa de síntese (ou pelo menos de aproximação) entre elementos de diferentes áreas do conhecimento (ciências humanas, exatas e experimentais, filosofia, religião, etc.), através da narrativa de ficção;” (TAVARES, 1986, p. 80). Isso pode ser notado em *O Dr. Benignus*, que é filosofante ao mesmo tempo em que se serve de argumentos científicos para pregar a habitabilidade do sol; É detectado também, em *O imortal*, que aproxima a homeopatia das crenças indígenas; e, da mesma forma em *A cidade perdida*, que alia ciência arqueológica com misticismo. O segundo é “a semelhança de estrutura com outras formas de narrativa: formas clássicas (as utopias, as viagens imaginárias) [...]” (TAVARES, 1986, p. 80). Aqui, destacamos três obras que serão analisadas no próximo

parágrafo por terem narrativa de viagem como denominador comum: *O doutor Benignus*, *A Amazônia misteriosa* e *A cidade perdida*. O terceiro traço é “a recorrência de imagens e temas desenvolvidos a partir de fins do século passado (Verne, Wells) e fixados nos *pulp magazines* americanos entre as décadas de 20 e 40;” (TAVARES, 1986, p. 80). Essa característica está bem clara em *O presidente negro* e *A Amazônia misteriosa*, que dialogam com Wells e *O Dr. Benignus*, que aponta para as obras de Júlio Verne. Há, ainda, um quarto traço, o qual teria surgido a partir dos anos 1960 e 1970, que seria uma síntese mais ampla “assumindo uma postura reflexiva, auto-consciente; ao mesmo tempo, a aproximação com o mundo acadêmico e com algumas vanguardas e movimentos culturais contemporâneos” (TAVARES, 1986, p. 81). Este, porém, não se aplica às obras em análise, porque estas vão até o ano de 1948. O que podemos aplicar nesse estudo é a observação de que “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores” (CANDIDO, 2011, p. 84). Ou seja, a arte, ao mesmo tempo em que mimetiza a realidade, dialoga com a própria arte.

As obras *O doutor Benignus*, *A Amazônia misteriosa* e *A cidade perdida* estão ligadas pelo fato de se servirem de um recurso muito comum na literatura de fantasia: a viagem fantástica. Não por coincidência, os três enredos nos levam ao Brasil central, passando pela região amazônica, que, naquela época, ainda era muito pouco habitada, exercendo sobre a imaginação uma dose considerável de mistério. Sobre isso, Artur César dos Reis no prefácio à 9ª edição de *A Amazônia misteriosa*, de 1973, escreveu que “A Amazônia, no entanto, vem provocando também a inteligência criadora dos que nela encontram um filão rico para a aventura do espírito” (REIS, 1973, p. 15). Com efeito, passados mais de 40 anos, essa afirmação continua atual. João Adolfo Hansen (2003), ao prefaciar a pesquisa de Roberto Causo, observa que “O sucesso brasileiro de textos que representam mundos perdidos, propõe Roberto, teria sido condicionado pela imensidão, exotismo e desconhecimento do próprio território nacional” (HANSEN, 2003, p. 22). Perante essa imensidão e exotismo, a viagem por aquelas terras proporciona provas e descobertas aos protagonistas. Benignus conhece indígenas, se depara com a queda de um meteorito, fósseis etc. O outro Doutor de nossa análise conhece muitos mistérios da Amazônia, é capturado por indígenas e levado a uma tribo de índias amazonas. Já Sálvio e Jerônimo, depois de terem seus pertences

roubados em sua peregrinação pela selva, são acompanhados por índios e acabam chegando à cidade dos atlantes. Essas aventuras amazônicas mostram que “o drama que ali se vive, no conflito homem-natureza, [...] é o drama que assegura conteúdo aos que o vêm utilizando e desse modo criando um capítulo denso na história da criatividade literária” (REIS, 1973, p. 15). Até hoje a Amazônia guarda mistérios e, mesmo vigiada, acaba sendo alvo de derrubadas, queimadas e outros crimes ambientais, chamando a atenção da mídia. As histórias que tratam da Amazônia como um lugar ainda a ser explorado deixam claro que “Cada narrativa de ficção nos mostra, por baixo das aventuras que conta e dos ambientes que descreve, uma tensão permanente entre o *conhecido* e o *desconhecido*” (TAVARES, 1986, p. 17). Aquela região misteriosa, imensa e perigosa gera uma ambientação interessante, na qual a cada momento pode aparecer ou acontecer algo novo.

Nas três histórias de viajantes temos um companheiro que nutre admiração e respeito pelo herói da narrativa. É o caso de Katini, um peruano que serve o doutor Benignus, de Pacatuba, o qual acompanha o narrador de *A Amazônia misteriosa*, e Quincas, o sábio conhecedor das matas e companheiro de Sálvio e Jeremias, em *A cidade perdida*. Vemos aí uma aproximação das aventuras vernianas. Quem não lembra de Passepartout, o empregado de Mr. Fogg, em *Volta ao mundo em 80 dias*?

O Brasil não desenvolveu uma ficção científica nacional com características próprias, os autores de FC procuravam dialogar com escritores como Júlio Verne e H. G. Wells, entre outros. Roberto Causo, ao analisar a ficção científica de Augusto Zaluar, afirma que “o complexo de inferioridade nos fazia copiar os modelos de literatura e pensamento oriundos da Europa – especialmente da França –, emulando uma consciência social que preconizava a erudição e o didatismo sobre o aventureiro e o narrativo” (CAUSO, 2003, p. 130). Alguns foram mais felizes nessa cópia. Sobre esse assunto, Candido (2011), ao tratar da literatura brasileira entre 1900 e 1945, destaca que há uma dialética entre um nacionalismo literário, capaz de criar até uma língua diversa, e o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Sob esse aspecto, o dado local é a substância e os moldes europeus são a forma. Com isso, supera-se obstáculos, como “[...] o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado,

desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes” (CANDIDO, 2011, p. 117-118). Se Zaluar estava envolvido por um sentimento de inferioridade, os escritores do início do século XX já tinham em parte superado isso. Nesse sentido, “Ao questionar se a FC brasileira é autêntica, distinta, ou quiçá antagônica, não se pode perder de vista que, como genuíno produto cultural de massa, originou-se num processo de internacionalização de seu consumo, ainda que contenha raízes mais fortes em alguns países específicos” (SKORUPA, 2002, p. 13). O que se produziu no Brasil não é, portanto, imitação, mas fruto de um momento histórico no qual a FC conquistava seu espaço, num momento de intenso diálogo com a produção estrangeira.

A relação inglesa e francesa com a nossa literatura aparece, por exemplo na obra *O doutor Benignus*, na qual o autor apresenta dois personagens das respectivas nacionalidades na comitiva exploratória. Trata-se de Jaime River, um garoto inglês, e M. de Fronville, um mineralogista francês. Há uma passagem que ilustra a relação entre o brasileiro e eles. Isso ocorre de uma forma um pouco engraçada. Depois de o doutor Benignus se afogar e ser salvo por Jaime River, acontece a seguinte cena:

Jaime River deu um pulo de contentamento e gritou com voz entusiástica:
- Hurra! à rainha da Inglaterra!
- Hurra! à república francesa! acrescentou M. de Fronville não menos satisfeito.
- Hurra! ao imperador do Brasil! disse por sua vez e já de pé o Dr. Benignus procurando na cabeça o seu chapéu de jipijapa, enquanto toda a comitiva repetia esta saudação. (ZALUAR, 1994, p. 248).

Como podemos observar, a imitação de escritores estrangeiros não é muito satisfatória no caso de Augusto Emílio Zaluar, o qual é muito descritivo e didático. Em vários momentos, ele se apega mais às digressões científicas do que ao desenvolvimento do enredo. Quando encontra um formigueiro, por exemplo, ele dedica cerca de duas páginas para explicar a organização das formigas. Portanto, “o livro é pródigo em longas dissertações sobre astronomia, mineralogia, paleontologia, botânica, zoologia e até mesmo sobre meteorologia” (CARNEIRO, 1994, p. 16). Nesse sentido, “a simples originalidade do tema não garante a

qualidade literária da obra e a intenção didática pode antes comprometê-la. Mas não se deve cobrar de Zaluar uma alta qualidade ficcionista quando a ficção brasileira da época deixava muito a desejar” (CARVALHO, 1994, p. 7-8). Quanto à ciência, ele especula pouco, seu personagem é muito sábio, mas não age perante a ciência e a tecnologia. Em certo momento, quando Benignus e seu grupo estão numa situação difícil com os indígenas, é um amigo norte-americano que aparece pilotando um balão dirigível. Ele leva instrumentos científicos na expedição, mas não os usa. Observa-se, ainda, que “O texto de Zaluar tem menos ação física que os romances de Júlio Verne e seu enfoque da ciência e da tecnologia é exterior: elas são objetos de descrição e contemplação, não de transformação imediata da natureza” (HANSEN, 2003, p. 18). Ou seja, não só nesta obra, mas em várias produzidas no Brasil, nesse período, os personagens mais admiram e se maravilham com os recursos científicos e tecnológicos do que se servem deles.

Tecnologia não é o forte de Benignus. Sua expedição é equipada com instrumentos científicos, inclusive escafandros, mas eles têm presença apagada. O escafandro nem mesmo é posto em uso. A proeza balonística é deixada a cargo de um amigo americano. Benignus é astrônomo e biólogo, seu colega de expedição, o francês Fronville, é geólogo e mineralogista. Sua principal preocupação é observar e explicar os fenômenos naturais, não transformar a natureza. (CARVALHO, 1994, p. 10).

Nota-se que “Essa ciência passiva, contemplativa, é índice evidente do modo como a ciência e a tecnologia tinham pouca relevância no Brasil do autor” (CAUSO, 2003, p. 131). Embora a especulação científica seja carente, esse romance *O Doutor Benignus* é um importante marco na ficção científica do Brasil. A fantasia já existia como um gênero em nossa literatura, mas é a primeira vez que um escritor se interessa em falar sobre ciência, ainda que de forma muito incipiente. O próprio autor alerta no prólogo do livro: “competem-me o dever de declarar que nem apenas chega a ser ele um ensaio, mas o simples pressentimento da nova fase em que necessariamente vai entrar a literatura contemporânea” (ZALUAR, 1994, p. 28). Contudo, “O romance de Zaluar é um legítimo romance científico brasileiro do século XIX, mas é produto tanto da imitação quanto da distância cultural sofrida pelo país em relação à Europa” (CAUSO, 2003, p. 134). Demoraria muito tempo para que outro autor se arriscasse

a dar mais ênfase ao cunho científico e especulasse mais sobre a ciência nos romances, pois “no romance científico do século passado [século XIX] são feitas extrapolações prevendo grandes avanços nas aplicações tecnológicas da ciência, mas não tão ousadas como as da moderna ficção científica” (CARNEIRO, 1994, p. 13).

A literatura foi usada como instrumento de formação da identidade nacional e isso faz com que as obras de ficção científica sejam pobres em imaginação, pois “Os usos da literatura como instrumento da formação da nacionalidade teriam preferido a documentação realista e naturalista orientada pelas ideologias do progresso e do determinismo” (HANSEN, 2003, p. 21). Por isso, muitas vezes nossos escritores pecam em não produzir obras de valor estético para valorizar elementos que reforçam o sentimento de nação. É importante observar isso, porque “Nos países da América Latina a literatura sempre foi algo profundamente empenhado na construção e na aquisição de uma consciência nacional, de modo que o ponto de vista histórico-sociológico é indispensável para estudá-la” (CANDIDO, 1989, p. 180).

Jerônimo Monteiro, escrevendo em um mundo pós Segunda Guerra, afirma sobre uma sociedade utópica, algo presente nesse tipo de narrativa. Essa sociedade estaria vivendo isolada do resto do mundo, na Amazônia. A cidade é Atlântida e seus habitantes são os atlantes. Essa cidade/continente já fazia parte de uma tradição de alguns séculos, pois o tema “a Atlântida, aparece em ‘The New Atlantis’ (in *Sylva Sylvarum*, 1627), de Francis Bacon. Ao contrário de outras narrativas do continente perdido, esta é francamente ficcional” (CAUSO, 2003, p. 57). Sobre ela, ainda pode-se observar que “A Atlântida é outro tema esotérico cujo interesse atual se alimenta duplamente do ficcional e do lendário” (CAUSO, 2003, p. 57). O autor de *A cidade perdida* faz isso, mesclando o ficcional e o lendário para construir a verossimilhança do enredo. Como vimos, Jeremias, seu personagem-narrador, ouve Sálvio, o qual desenvolve uma teoria por meio da qual atesta que as primeiras sociedades da história surgiram na América. A história tem alguns símbolos que, às vezes, parecem mais místicos do que científicos, porém, aos poucos, eles se mostram como fontes arqueológicas. O enredo de Monteiro flui melhor que o de Zaluar, só que, neste caso, a ciência é representada pela arqueologia. Esta tem importante papel na história para fundamentar a existência

de Atlântida, já que os sinais encontrados pelos protagonistas são interpretados, além da forma mística, sob o ponto de vista científico, como vemos em uma longa explicação de Sálvio:

- Cale-se! Agora, está falando a Ciência! O solo da maior parte do nosso país é constituído de rocha primitiva, arcaica. No planalto central aflora, por todos os cantos, o “cristalino”, rocha que constitui os legítimos alicerces do globo. [...] Pense bem sobre isto, e não esqueça nunca: se a nossa terra surgiu das águas milênios antes das outras, deve, também, ter recebido a semente da vida milênios antes delas. Foi um adiantamento que tomamos e que ninguém nos poderá mais tirar. (MONTEIRO, 1948, p. 23-24).

Em outros momentos da narrativa, essas interpretações vão se intensificando e o argumento fica cada vez mais convincente, afinal, “para cada mundo ficcional é criada uma lógica com a qual o leitor deve familiarizar-se, enquanto o autor é obrigado a mantê-la” (CAUSO, 2003, p. 37), ou seja, a verossimilhança se consolida nos argumentos arqueológicos presentes no enredo. Jeremias descreve ao amigo o objeto que possui: “- Não sei precisamente. Mas são uns desenhos... Um círculo, uma cruz... creio que tem também um sol e uma meia lua...” (MONTEIRO, 1948, p. 28). Sálvio demonstra grande interesse pelo objeto a ponto de passar a noite estudando até chegar à conclusão de que se tratava de símbolos ligados a uma religião muito antiga, na qual o deus era o Sol. Ele toma isso como um sinal de que eles estavam no caminho de uma grande descoberta. Quando, em Goiás, o coronel Marcondes mostra objetos dentro de uma caixa, lá estão algumas bonecas que são interpretadas como “ídolos, remanescentes de cultos que se perderam na noite dos tempos” (MONTEIRO, 1948, p. 44). O “Muirakitã”, objeto amazonense que ganharam, traz um símbolo de riqueza e poder. Em certa altura da viagem, encontram uma formação rochosa, e o atento Sálvio percebe que, na verdade, era a ruína de um templo sagrado. Quando é questionado sobre sua conclusão, responde: “- Sem dúvida. Este é o lugar onde o povo se reunia para realizar alguma cerimônia religiosa! Por aqui deve ter havido um altar!” (MONTEIRO, 1948, p. 76). Como vemos, a especulação aparece com muita ênfase nos primeiros capítulos nos quais os personagens se convencem da existência de uma civilização escondida na Amazônia brasileira.

A referência à literatura estrangeira também aparece nessa obra de Monteiro, sobretudo quando o personagem Sálvio questiona Jeremias se ele sabe que o Brasil está situado no continente mais antigo do mundo.

- Sim... tanto que Conan Doyle, quando quis arranjar um cenário adequado para a sua história do “Mundo Perdido”, com animais antediluvianos ainda vivos, escolheu o planalto central do Brasil.
- Isso é fantasia Jeremias. É claro que Conan Doyle sabia de alguma coisa, mas a verdade científica, meu caro Jeremias, é que o planalto central do Brasil é formado pelas rochas pertencentes ao período chamado em geologia “de transição”; rochas que não foram cobertas por nenhuma formação mais recente. (MONTEIRO, 1948, p. 23).

Assim como Verne, Wells e outros autores, Doyle faz parte do panteão que influenciou nossa FC. Nesse trecho citado, ele ganha ainda um *status* de homem sábio, conhecedor dos mistérios da pré-história brasileira.

Diferente dos dois autores anteriores, Gastão Cruls consegue fazer uma história com muito mais cientificidade ao descrever um médico que faz experiências com seres humanos e animais. É uma narrativa mais elegante, com personagens bem construídos e uma lógica interna mais convincente. A ciência também é descrita de forma clara compondo um elemento importante na narrativa. Embora o narrador, que é o protagonista, seja um médico, portanto, homem de ciência, ele não atua nas experiências, mais uma vez é mero espectador, ou seja, não foge da característica geral da FC brasileira da época. Roberto Causo afirma que é “um livro notável em muitos aspectos” (CAUSO, 2003, p. 174). Para ele, o narrador “parece se colocar como o *alter ego* do autor. [...] – Cruls era um médico que abandonou a carreira, e o seu protagonista tem a mesma profissão” (CAUSO, 2003, p. 174). Ainda que a influência do escritor inglês H. G. Wells seja muito nítida, Cruls consegue o seu estilo e brasilidade, mas sem manter a obra puramente especulativa. Por isso, pode-se dizer que

talvez teria sido melhor para a ficção científica brasileira se Cruls se detivesse mais nos aspectos especulativos do seu romance, mas por outro lado ele demonstrou que a influência de H. G. Wells pôde ser absorvida sem que a totalidade da sua ideologia fosse igualmente integrada. Ao contrário, os aspectos “brasileiros” do livro – o deslumbramento pela terra, a simpatia pelos indígenas e sua vida simples – são mais penetrantes que a influência, que, ao final, se limita aos dispositivos narrativos criados pelo autor inglês, o que me parece ser bastante razoável. (CAUSO, 2003, p. 176).

Portanto, não é apenas o diálogo com outro autor que vemos. Além de imaginar possibilidades científicas com experiências em humanos, *A Amazônia misteriosa* também apresenta a possibilidade de um estudo da denúncia do colonialismo representado pelo dr. Hartmann. Essa crítica ao colonialismo pode ser vista em outro momento quando Atauhalpa conversa com o narrador em uma viagem onírica e lhe conta sobre a chegada dos espanhóis:

Era a desolação e a dor por onde quer que passassem: cidades reverberando ao clarão dos incêndios, após o saque pela matula infrene; populações inteiras cruciadas pela sede e pela fome; caciques e príncipes de sangue real aviltante e feramente torturados; homens livres trazidos à escravidão e forçados ao trabalho exaustivo das minas; mulheres violadas por uns monstros de lascívia; crianças tenras espostejadas para servir de pasto à matilha dos perros ferozes e industriados à caça dos índios... Para se ajuizar o que foi este mundo de flagelos, é bastante assinalar que, no curto espaço de trinta a quarenta anos, foram aniquilados para mais de doze milhões de indígenas. (CRULS, 1973, p. 88).

Como se percebe, Gastão Cruls conseguiu absorver influências estrangeiras ao lado de elementos nacionais de caráter mítico, sendo que “Essa estratégia crítica e mitopéica é funcional ainda hoje, e é certamente um caminho lícito para a produção de uma ficção especulativa de caráter mais brasileiro”. E não podemos deixar de observar “com um certo orgulho, que *A Amazônia misteriosa* é escrito com mais elegância e ímpeto que o às vezes trôpego *A ilha do Dr. Moreau*” (CAUSO, 2003, p. 177). Isso mostra que o nosso país tinha capacidade e mentes criativas para desenvolver uma ficção científica consistente e capaz de se impor como gênero de grande valor literário. Porém, não é o que vimos acontecer.

Talvez, por dialogismo ou por mera coincidência, acabamos encontrando pontos de contato nas obras de Zaluar e Monteiro. Um escreveu em 1875 e outro em 1948: os dois extremos do nosso recorte temporal. Embora com um intervalo de 73 anos entre as duas obras, encontramos frases, ideias e acontecimentos muito semelhantes. Como já vimos, são histórias que narram viagens pelo interior do Brasil. Em um determinado momento da expedição de *O Doutor Benignus*, quando a comitiva resolve partir de Minas Gerais para o Brasil central, o narrador lembra que é preciso andar com cautela e a propósito cita um caso em que um homem a cavalo

indaga de um Barão mineiro se conseguiria chegar antes da noite na primeira povoação. A resposta foi “- Se for a passo, chega; a galope não sei!” (ZALUAR, 1994, p. 132). A explicação para isso é que há um obstáculo para os viajantes, são os desvios de percursos que chamam de “erradas” que podem fazer com que se percam, portanto, é preciso ter cautela e calcular bem o caminho a ser seguido. Essa mesma ideia, expressa de outra forma, aparece em *A cidade perdida*, quando os viajantes precisam andar 300 quilômetros de Iguape, em São Paulo, até Formosa, no estado de Goiás. Sálvio e Jeremias têm pressa, mas Quincas alerta que é preciso paciência: “— Que massada! Nunca chegaremos!/ — Chegaremos, sim! O essencial aqui, para chegar logo, é não ter pressa!” (MONTEIRO, 1948, p. 61). Dessa forma, há uma mensagem de que a natureza deve ser respeitada, não se deve enfrentá-la como um inimigo a ser vencido de forma açodada.

Há uma outra passagem que parece ser uma cópia de uma obra dentro da outra, que é o enterro na caverna. Este, aliás, é o nome do capítulo XXIII de *O Doutor Benignus*. O companheiro Manuel mestiço havia sido atacado por um tigre preto e morreu. Como se encontravam em meio à floresta, resolveu-se sepultar o homem em uma caverna ali mesmo por perto. “Entrando na caverna, a cena tornou-se então mais grandiosa e comovente. [...] O corpo desceu ao fundo da cova, que havia sido aberta, de forma a evitar qualquer profana exumação e todos disseram ao seu companheiro de trabalho o derradeiro e sentido adeus!” (ZALUAR, 1994, p. 231-232). Essa cena se repete em *A cidade perdida*, quando os amigos se escondem em uma caverna para se proteger de uma tormenta que caiu à noite. Todavia, acabam sofrendo com uma inundação. Sálvio, Jeremias e Quincas se salvam, mas Tobias acaba morrendo com a enxurrada. É então, que decidem sepultá-lo lá.

— Ele não morreu afogado — murmurou Salvio. — Quando chegou aqui, já estava morto. Pobre companheiro! Mas não o levaremos para cima, Quincas. Ele ficará aqui, e aqui terá o túmulo mais glorioso da terra! — E Salvio apontava a parede circundante.

É que em todo o redor a caverna era crivada de nichos circulares, dispostos em seis séries sobrepostas. (MONTEIRO, 1948, p. 112-113).

Não se pode afirmar que Jerônimo Monteiro “colou” de Augusto Zaluar, porém, é mais provável que como um importante escritor da nossa ficção científica, ele tenha feito uma homenagem ao seu antecessor.

A exploração do interior do país leva inevitavelmente os personagens ao encontro dos moradores originais daquelas paragens, os indígenas. Ora eles são vistos como amigos, ora como inimigos. Em determinados momentos, são pessoas que podem ajudar os protagonistas, oferecer algum conhecimento, salvá-los. Porém, em outros casos, eles aparecem como seres violentos, perigosos, ignorantes e inferiores, convertendo-se em obstáculo para os viajantes. Em *A cidade perdida*, acontecem as duas coisas, um grupo ajuda e outro os faz de reféns. No primeiro encontro com índios na floresta, Quincas consegue a ajuda deles, mesmo contra a resistência de seus companheiros em tê-los na equipe. Para Jeremias, eles “Davam impressão de estupidez e ferocidade, de força bruta, mas não de agilidade e destreza. [...] Pouco depois, formavam, selvagens e exploradores, um só grupo. Eu desconfiava e temia” (MONTEIRO, 1948, p. 89). Aqui, há uma opinião preconceituosa em relação aos indígenas, que pode ser verificada nas palavras de Quincas:

- Sempre ouvi dizer que esses índios são ferozes.
- São mesmo, quando os enfurecem com ataques inúteis. Aliás, eu, que conheço toda a bugrada desta zona, posso lhes dizer que a maioria dos índios é mansa, cordata o não tem desejo de guerrear com os brancos. Os índios sabem, porém, que não podem confiar nos brancos, porque estes, sempre que os vêem, começam por atirar sobre eles. Mas os índios têm uma espécie de sentido que os avisa do perigo e os põe de sobreaviso quando os visitantes têm más intenções. Podemos confiar nestes. Sabem que não temos intenções malévolas. (MONTEIRO, 1948, p. 89).

Em uma história que trata de uma civilização perdida, o autor provoca o leitor com a velha discussão sobre quem é civilizado, uma vez que mostra a violência do homem branco que, sem conhecer, julga os habitantes da floresta como ferozes, além de chamá-los de selvagens. Mas é outro não índio que esclarece que a violência dos brancos gera a violência dos silvícolas. Mesmo sem o consentimento de todos, depois de dez dias de ajuda, os três índios os deixam no destino combinado. Mas Jeremias descreve que, logo após, ao caminharem por dois dias, “Na madrugada do terceiro dia tivemos o mais angustioso despertar de toda a

viagem até então: Estávamos cercados de selvagens, e Quincas classificou-os logo como Tapirapés. [...] Fizeram-nos levantar, juntar à pressa tudo o que tínhamos. Depois rodearam-nos e obrigaram-nos a caminhar para onde queriam” (MONTEIRO, 1948, p. 91). Foram levados até a tribo onde Quincas conversa com o cacique convencendo-o que não eram conquistadores. Acabam sabendo que o aprisionamento era normal. O “Muirakitã”, objeto místico no pescoço de Sálvio, chama a atenção do cacique, o qual acaba disponibilizando dois homens da tribo para acompanhá-los até o Xingu. Esses dois, porém, ao entrar em confronto com os “selvagens louros”, vêm a morrer. Novamente, os exploradores são aprisionados, mas não sabemos muito sobre o curioso grupo de índios que desaparece devido a uma tormenta na segunda noite, fazendo com que Sálvio e os companheiros se tornem livres.

Na narrativa de Gastão Cruls, o primeiro encontro com indígenas acontece depois de se perderem na floresta, quando são surpreendidos:

Estávamos cercados pelos índios! Sem demora, o Pacatuba aperrou a arma, mas eu sobrestive-lhe o gesto. Vi, então, alguns vultos que saltavam de uma grande árvore fronteira a nós, empunhando arcos e flechas, e se sumiam numa touceira de mato à margem oposta do córrego. Aí deviam estar seus companheiros, pois a folhagem ramalhava em vários pontos. (CRULS, 1973, p. 24).

Embora tenham se assustado, eles percebem que aquele grupo era capaz de ajudá-los. Graças à desenvoltura do Doutor, eles conseguem manter a calma e inspirar confiança. O grupo que acompanha o narrador passa dias com os indígenas, conhece a tribo, os costumes, sendo muito bem tratados. Portanto, os índios de *A Amazônia misteriosa* são mais fraternos. A tribo das Amazonas, para a qual são levados, também reforça a ideia de organização e civilização. Não são mulheres quaisquer, pois além de serem lendárias, elas desenvolveram a sua comunidade de acordo com as heranças dos demais povos americanos. O próprio Atahualpa é quem lhe conta em sonho que elas descendem dos incas: “- Foi daqui – disse-me ele – que partiram as avós das tuas Amazonas, quando chegou a Cusco a notícia do meu aprisionamento e das primeiras violências praticadas pelos espanhóis” (CRULS, 1973, p. 85). Com isso, pode-se compreender o modo de vida muito evoluído daquelas mulheres.

De forma análoga a Cruls, Zaluar põe em questão o preconceito em relação ao indígena, mostrando, nas falas dos personagens, que um vê o índio brasileiro como inferior aos outros homens enquanto outro reconhece que eles são culturalmente desenvolvidos e fisicamente evoluídos. Quando o cozinheiro Katini avista um indígena pescando, comunica ao seu amo que resolveu o problema da evolução das espécies, em particular, da espécie humana. “Descobri nada mais nem nada menos, que esse misterioso indivíduo que marca a perfeita transição entre o gorila e o homem!” (ZALUAR, 1994, p. 278). Quando eles vão verificar a descoberta do peruano, percebem que era apenas “um selvagem da tribo dos gradaús, tão freqüentes nas regiões desertas do Araguaia [...]” (ZALUAR, 1994, p. 281). Diante disso, o narrador onisciente nos transmite o pensamento do doutor que

No entanto bem sabia este que se em alguma parte da terra existe o tipo que marca a transição dos animais inferiores para o homem, não é, sem dúvida alguma, entre os aborígenes que povoam as matas de Goiás, pois além de pertencerem estes ao período em que já eram conhecidas as artes cerâmicas, são eles relativamente perfeitos em suas formas podendo até dizer-se que são belos os ferozes canoieiros, distinguindo-se sobretudo por sua independência e por sua audácia, como talvez ainda tenhamos mais tarde ocasião de convencer-nos” (ZALUAR, 1994, p. 281-282).

Apesar de ter esse reconhecimento e respeitar os indígenas, o médico encontra problemas com eles. No capítulo “O chefe Koinaman”, a presença dos índios Carajás assinala um momento decisivo no romance por conta de um desentendimento entre o doutor e o cacique. Ao saber que Willian River vive entre eles, ficam sabendo também, que não desejam deixá-lo ir por ser um importante conselheiro da tribo. Nesse momento, há uma situação a ser resolvida: “Então, recusas entregar o branco? - Perguntou-lhe com força o Dr. Benignus. /- Recuso, respondeu terminantemente o índio” (ZALUAR, 1994, p. 317). A resolução, como já vimos, acontece de forma extraordinária, pois quando o balão aerostático aparece, deixa os índios assustados fazendo com que aceitem libertar o prisioneiro inglês. Na história, os Carajás são mostrados como pacíficos, apesar de aprisionarem um branco.

O indígena, presente nas obras que tratam de viagens pelo interior do país, também aparece no conto *O imortal*. Neste caso, o narrador conta a história de seu pai que se casou com a filha de um chefe indígena, recebendo de seu sogro, uma poção da vida eterna. O cunho científico desta produção de 1882 fica por conta da homeopatia. O personagem, depois de beber a metade do líquido, guarda a outra metade e resolveu a levá-la para um grande centro para estudar suas propriedades, “a idéia dele era fazer analisar a droga na Europa, ou mesmo em Olinda ou no Recife, ou na Bahia, por algum entendido em cousas de química e farmácia” (ASSIS, 1994, p. 6). Isso não se concretizou, pois o pai do narrador tomou a outra metade para poder morrer. O tema da imortalidade faz parte da produção literária e da imaginação de todos nós, bem como é objeto de interesse da religião, da filosofia, da arte etc. Por meio do pastiche de gêneros e de uma trama que promove a repetição de acontecimentos típicos da literatura romântica do período, o autor deixa transparecer o que ele espera do seu leitor. Mas este que lê, só consegue compreender se for o que Iser chamou de “leitor ideal”, isto é, aquele que é capaz de perceber o jogo do autor.

Machado de Assis que enveredou por vários gêneros literários, também experimentou a FC. Carmem Lúcia Gerlach (1989) nos mostra que há um jogo da “hipérbole carnavalesca” com o gênero fantástico e que o autor dialoga com outros escritores, como Hoffmann, no seu conto *O morgado*, e Balzac, em *O elixir da longa vida*. Além desses, Machado de Assis dialoga com outro texto seu, *Rui de Leão*, publicado dez anos antes, porém, mais extenso e com filosofias diversas da segunda versão. Em ambas as publicações, o homem imortal procura desesperadamente a morte, encontrando-a através da homeopatia. O que há em comum nesses textos todos, além de serem contos, é o uso de um elixir. Carmem Gerlach alude a Barthes para sustentar a ideia de que esse texto machadiano é uma “literatura-objeto e meta-literatura” (GERLACH, 1989, p. 123), uma vez que o autor se utiliza de procedimento onde além de expor uma determinada corrente de medicina, aliás, em voga na época, dialoga consigo mesmo, por meio da alusão a uma narrativa sua anterior: “Tal é o caso extraordinário, que há anos, com outro nome, e por outras palavras, contei a este bom povo, que provavelmente já esqueceu a ambos.” (ASSIS, 1994, p. 17). Para ela, o texto nos traz duas lições, visto que, ao final do conto, “Quando termina a ficção é que começa praticamente

a lição, pois o parágrafo seguinte, curto, desenvolve duas ideias essenciais, já comentadas aqui, importância da divulgação e fatal esquecimento do que se ouve, do que se lê, refletindo, modestamente é verdade, sobre sua própria literatura.” (GERLACH, 1989, p. 123). Com isso, podemos indagar sobre a intenção do narrador com essa história. Seria propagar a homeopatia? Seria mostrar a importância de morrer? Refletir sobre a monotonia de viver? O próprio autor lança o desafio nos parágrafos finais: “Dou este problema aos estudiosos.” (ASSIS, 1994, p. 17). De maneira diferente, João Adolfo Hansen (2006) afirma que *O imortal* traz consigo o pastiche de gêneros e “O verdadeiro tema de ‘O imortal’ é a verossimilhança” (HANSEN, 2006, p. 71). Ao reprisar os acontecimentos que influenciam o personagem a procurar novos amores e aventuras, caindo em novas frustrações, o autor reitera os lugares-comuns do romance da época, tentando mostrar que a verossimilhança acontece com esse espichamento do texto e tem como função mostrar o quão patético é o gênero romanesco. Podemos afirmar que “a ironia está no emprego de aventuras romanescas para, sucessivamente ridicularizá-las” (GOMES, 2009, p. 106). Dessa forma, o autor não pretendia simplesmente criar uma moral para a sua história, um sentido. Para Hansen, “Não há moral na história pois quer divertir; no entanto, se quiser, o leitor cioso de moralidade poderá concluir que estar livre da morte, mas sujeito às contingências da condição humana é tristemente tedioso [...]” (HANSEN, 2006, p. 60-61). Se nos basearmos na classificação feita por Antônio Candido (2000), esse conto seria um exemplo da *arte de agregação*, aquela que se inspira “na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis” (CANDIDO, 2000, p. 33), ou seja, procurava se manter dentro das expressões artísticas com as quais a sociedade está acostumada e, dessa forma, satisfazer aqueles que liam por diversão. Por outro lado, ao ridicularizar os fenômenos comuns nos romances da época, Machado procura escrever algo novo que só poderá ser entendido por um grupo reduzido de leitores com bagagem literária mais apurada.

Neste trabalho, procuramos nos apegar à justificativa científica no conto, que aparece quando Rui de Leão, ao guardar o resto do elixir, reflete: “a ciência de um século não sabia tudo; outro século vem e passa adiante. Quem sabe os homens não descobrirão um dia a imortalidade, e se o elixir científico, não será esta mesma droga selvática?” (ASSIS, 1994). Outro argumento científico se forma

no final do texto quando o personagem descobre o princípio da similitude na homeopatia, e o efeito é invertido com outra dose da poção. Embora procuremos valorizar o argumento científico, sabemos que “a ciência parece ser uma fonte de inspiração; mas não encontraremos – a não ser numa minoria de casos – a presença de racionalizações científicas convincentes” (TAVARES, 1986, p. 8). Dessa forma, as obras aqui apresentadas confirmam essa observação, em *O Dr. Benignus*, a ciência é filosofante sem muita tecnologia; em *O imortal*, há um elixir da imortalidade que não se explica como é feito; *O presidente negro* apresenta um professor, sua filha e uma máquina, que funciona com vibrações do éter; *A Amazônia misteriosa* discorre sobre experiências medicinais feitas por um médico em humanos, mas difíceis de acreditar. Como pode um primata nascer de uma mulher e esta ganhar mais alguns anos de vida devido à cirurgia que permitiu essa gravidez improvável? A única obra que tem um discurso científico mais convincente é *A cidade perdida*, a qual utiliza a arqueologia como argumento que justifica a existência de uma sociedade utópica no interior do Brasil, afirmando que a América é o berço da humanidade e da civilização. Deve-se observar, ainda, que muitas obras tendem mais para a magia do que para a ciência.

Em *A cidade perdida* e *A Amazônia misteriosa*, obras que têm muita semelhança entre si, podemos notar a descoberta de cidades no interior do país. Na primeira obra, o encontro dessa cidade é previsível, uma vez que o título já sugere que há uma cidade perdida. Quando os personagens conseguem vencer as dificuldades e chegam a Atlantis, são guiados por um cidadão que os conduz pela porta principal. Essa entrada da cidade demonstra a ideia do que eles acabaram de encontrar:

Seguimo-lo através da porta. Não era porta. Era túnel. [...] A porta que acabávamos de transpor era o túnel que atravessava a muralha, um túnel longo e tortuoso. Creio que aquela porta podia ser fechada de modo a vedar qualquer entrada no recinto, porque escalar a muralha seria impossível.

Jamais o homem pudera dispor de tão inexpugnável fortaleza. (MONTEIRO, 1948, p. 199).

Percebe-se que eles têm um olhar de admiração perante aquela cidade tão protegida. Não há uma descrição tão detalhada daquela área, pois, a partir do

momento em que a adentram, começam diálogos com os atlantes. Estes têm uma visão negativa sobre o nosso mundo, mostrando que se manter isolados é uma forma de se proteger e esperar o momento no qual a civilização irá se destruir para que, então, eles possam reconstruí-la.

A descrição da cidade encontrada em *A Amazônia misteriosa* deixa mais claro que estão perante a uma imitação de uma urbanização, pois os personagens dessa história, ao serem levados por um grupo de indígenas até o lugar habitado por índias Amazonas, se dão conta de que estão em uma sociedade que se organiza de forma diferente de uma tribo: “Em pleno coração da selva, na mais recôndita paragem, uma cidade em miniatura, com habitações bem construídas, ruas regulares, estradas largas, e até o arremedo de praças e jardins, onde muitas árvores deveriam ter sido plantadas pela mão do homem” (CRULS, 1973, p. 43). Não é, portanto, um simples lugar escolhido para viver, mas algo engenhado e arquitetado para aquelas que lá moravam.

A cidade que, para os viajantes do interior do país em algumas histórias, é objeto de admiração, de contemplação e surpresa, acaba sendo um espaço desagradável em outras. Às vezes, na mesma história, vemos esse sentimento, como é o caso de *A cidade perdida*, em que os amigos Sálvio e Jeremias conversam sobre a empreitada a qual estão se submetendo, e o primeiro mostra o que pensa da vida que leva em um grande centro, como São Paulo: “— Tem razão, Sálvio. Seremos novos Colombos e Cabrais. E iremos, nem que seja só pela aventura, e para descansar um pouco desta vida imbecil que levamos na cidade. Iremos. Continue” (MONTEIRO, 1948, p. 59). Ou seja, para quem vive num espaço urbano, viajar pela floresta é uma forma de fugir daquela situação considerada imbecil. Em *O presidente negro*, o narrador também nos mostra o que pensa em relação a isso: “Afeito ao meu viver de cidade, no tumulto das ruas, aquele silêncio e aquela solidão punham-me novidades n'alma. Senti no cérebro um reverter de ideias novas, a saírem da casca que nem pintos” (LOBATO, 1979, p. 15). Nesse caso, ele contrapõe a vida tumultuada de um ambiente urbanizado à tranquilidade que encontra na natureza. Lá, encontra um lugar para refletir, pensar em sua própria existência e conceber novas ideias. A cidade chega a ser objeto de estranhamento e repulsa, dado o tom distópico, comum a muitas obras de FC. Os habitantes das cidades também merecem crítica por parte da bela miss Jane ao afirmarem que “Estes

homens da cidade têm a visão muito restrita; o mundo para eles se resume na rua, nas casas marginais e no torvelinho humano” (LOBATO, 1979, p. 22). A visão de mundo para ela era muito mais ampla. Sendo possuidora de uma máquina que prevê o futuro, ela explica que não gosta daquele ambiente urbano e conta: “Raras vezes vamos à cidade, pouco interesse, aliás, achando nós dois em seu tumulto” (LOBATO, 1979, p. 42). A cidade não é um lugar atraente nessa história.

O personagem Ayrton, de Monteiro Lobato, guarda uma semelhança com os de outras histórias da época, pelo fato de não ser ele o responsável pela ação diante da ciência e da tecnologia, e isso fica muito nítido nas palavras de Jane: “- Ficamos na posição de um espectador imóvel num ponto. Só vemos e ouvimos o que passa ao alcance dos nossos olhos ou soa ao alcance dos nossos ouvidos” (LOBATO, 1979, p. 43). Ele fica sabendo do futuro por meio de Jane, pois não opera o porviroscópio inventado pelo professor Benson. Ao criar uma história sobre o futuro, o autor procura mostrar como é negativa a mestiçagem louvando, por sua vez a segregação racial nos EUA. No Brasil, já haviam sido escritas outras obras que tratavam do tema racial, como é o caso de *Sua Excia. A Presidente da República no ano 2500*, de Adalzira Bittencourt, a qual não faz parte de nossa seleção. O tema de *O presidente negro* apresenta outra semelhança com algumas obras da época: a influência de Wells que “explicitou suas opiniões em obras de não-ficção, nas quais pregava conceitos próximos da eugenia ou da higiene social” (CAUSO, 2003, p. 136) e “Monteiro Lobato, cidadão do seu tempo que era, caiu pela falácia do Darwinismo Social” (CAUSO, 2003, p. 137). Devido a isso, o autor é criticado nos dias de hoje como racista, não poucos trabalhos têm sido feitos afirmando essa postura do escritor. Recentemente, seu livro *As caçadas de Pedrinho* esteve no centro de uma discussão se deveria ser distribuído nas escolas ou não devido às expressões utilizadas para designar os negros e que hoje são consideradas ofensivas aos afrodescendentes. Decidiu-se que o livro deve ter uma nota explicativa contextualizando a época em que foi escrito. No sentido racista e darwinista, Wells não é uma boa influência por aqui e “Infelizmente a absorção do autor inglês por Lobato, Veríssimo e outros alimentou um discurso darwinista social e eugênico em um país mestiço e neocolonizado [...]” (CAUSO, 2003, p. 174). A questão de o escritor inglês servir de modelo para brasileiros é reforçada na obra do próprio Lobato, quando o personagem Ayrton é instigado por Jane a escrever

um romance sobre o futuro com base no que ela viu, a obra seria um caso único de profecia ao que ele responde: “- Realmente! Exclamei. Será romance como os de Wells, porém, verdadeiro, o que lhe requintará o sabor. Quanta novidade!” (LOBATO, 1979, p. 52). Outra referência a um escritor de FC é quando ele dá o nome de “O Capitão Nemo” para o capítulo III de *O presidente negro*. Em certo momento, o personagem diz “Eu lera em criança um romance de Júlio Verne, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, e aquele gabinete misterioso logo me evocou várias gravuras representando os aposentos reservados do capitão Nemo” (LOBATO, 1979, p. 16). Como pode-se observar em outras obras, Verne influenciou nossos escritores sendo imitado, lembrado ou servindo como inspiração. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que “Muitos brasileiros tinham o francês como segunda língua, e estavam familiarizados com autores como Jules Verne (1828-1905) e Camille Flammarion (1842-1925)” (CAUSO, 2003, p. 128). Não é por acaso que os franceses se fazem presentes de alguma forma na nossa produção literária. Sabe-se que “até a última Grande Guerra, o francês era a segunda língua literária do Brasil e muito do que se conhecia de outras literaturas, especialmente da alemã e da inglesa, vinha através da França. Foi o caso típico de H. G. Wells, que nos chegaram nas traduções francesas” (CUNHA, 1974, p. 6). Portanto, é a partir disso que se compreende a importância dos franceses na nossa FC.

O escritor francês e sua “literatura de antecipação” fizeram com que muitos outros se sentissem “impelidos a repeti-lo, ou melhor a reproduzir o seu exemplo de ‘antecipar’ cada novo avanço científico” (SKORUPA, 2002, p. 42). Os autores conseguiam, dessa forma, produzir algo que gozou de boa recepção por parte dos leitores que já conheciam o que se escrevia no velho continente. No Brasil, que por conta de sua condição colonial, importou seus modelos literários primeiramente de Portugal, a partir da segunda metade do século XIX diversificou suas referências: “outras literaturas européias não-metropolitanas, sobretudo a francesa, foram se tornando modelo a partir do século XIX” (CANDIDO, 1989, p. 151), esse é o caso que se apresenta de forma muito clara nas produções brasileiras de FC.

Expediente bastante usual em nossa literatura de ficção científica é o recurso ao sonho como fonte de evasão e exploração onírica. Às vezes, histórias fantásticas, com especulações interessantes, perdem muito por recorrer a esse tipo de justificativa. O leitor, quando chega ao final da história, descobre que se

tratava de um sonho ou alucinação. Felizmente, as obras que fazem parte deste trabalho têm no sonho apenas um elemento para reforçar o que se pensa, ou para esclarecer dúvidas. Isso acontece em *A Amazônia misteriosa*, no capítulo “O inca”, quando o narrador protagonista bebe uma bebida indígena e vai assistir a um ritual de dança. Neste devaneio, ele acaba se encontrando com Atahualpa, que o leva em uma viagem pelas civilizações pré-colombianas, fazendo-o entender que a tribo em que se encontrava era de descendentes de seu império. Sabemos que se trata de uma viagem onírica somente ao final desse capítulo quando o Doutor nos revela o seu despertar.

Voltei-me e, quando procurava as figurinhas de Tânagra, dei com Malila que sorria, sentada bem junto da minha rede.

- Então, sonhou com muita coisa bonita? – E porque a minha estupefação fosse completa e eu ainda procurasse a sombra de Atahualpa, a indiazinha desculpou-se timidamente:

- Foi *Mananchic*... Ela disse que misturasse um pouco de aiquec à sua cupana. (CRULS, 1973, p. 89).

O sonho não aparece por acaso nessa história e não serve como simples ilustração do enredo, mas exerce o papel de mostrar o pensamento utópico da obra. Atahualpa, o governante inca na época da conquista espanhola por volta de 1532, mostra ao protagonista um mundo sem guerras, sem exploração, sem pobreza, ao mesmo tempo em que critica a nossa civilização.

O personagem Dr. Benignus também recebe uma visita em sonho quando estava acampado com seu grupo em Jurupensem, no estado de Goiás. Lá, ele presencia a queda de um meteoro e decide, então, ficar refletindo sobre as suas teorias sentado sobre o aerólito, porém, não consegue ficar acordado, “Quis resistir contra o sono, reter no cérebro as idéias que lhe fugiam, reagir contra a vontade, ainda tenaz, contra a força desconhecida, que o dominava, invadia e se infiltrava em todo o seu ser; mas foi-lhe inteiramente impossível e o sono triunfou” (ZALUAR, 1994, p. 292). Enquanto dormia, “Apareceu diante dele uma figura luminosa semelhante ao que se pode idear de mais perfeito na forma humana, massa cósmica, espécie de chama cor de ouro, que se agitava às mais ligeiras ondulações do ar, sem nunca perder nunca a pureza dos contornos” (ZALUAR,

1994, p. 293). Essa figura que lhe aparece faz considerações sobre os moradores da terra, os quais deveriam elevar o seu nível intelectual, pois ainda estariam muito atrasados em relação aos solarianos. O médico é motivado a dar continuidade na sua empreitada, pois é visto como alguém que tem uma missão de vulgarizar a ciência para fazer o povo evoluir. “O Dr. Benignus acordou neste momento e achou-se transido de frio, e recostado sobre a dura superfície do pesado aerólito. A cena que o rodeava era a da vida real, e a visão tinha desaparecido.” Mesmo sendo um sonho, ele “Creu naquela singular revelação e sentiu acrisolar em sua alma o amor da ciência e a idéia absoluta do bem” (ZALUAR, 1994, p. 295). Neste caso, o sonho ilustra a história e se justifica na sequência da narrativa pela passagem de uma corrente magnética na atmosfera, o que teria causado o sono agitado do médico e seus companheiros. A conversa com a estranha aparição serve para reforçar o tom de descrença na nossa sociedade, a qual é considerada inferior.

O personagem Quincas, de *A cidade perdida*, também passa por uma situação de sonho. Quando o grupo está perdido e tem a sensação de estar sendo perseguido, prepara um local para dormir na floresta. Porém, quando acordam, veem que sua fogueira foi apagada. Nesse momento, Quincas conta sobre o seu sonho,

- Eu estava sonhando com eles... Sonhava que nós três corríamos por uma planície e que de repente vieram descendo do céu inúmeros guerreiros nus e sem face. Eram tantos que cobriam a luz do sol e ficou tudo muito escuro...
- Decerto você sonhou com isso quando apagaram as fogueiras.
- Talvez. Deixe continuar. Eles chegaram ao chão, alcançaram-nos e nos envolveram. Um me agarrou e, com força descomunal, ia me arrancando o braço. Acordei nesse momento. Estava tudo escuro e o meu braço esquerdo, sob o corpo, adormecido.
- Bem, sonhos são tolices, Quincas. O que devemos fazer é acender outras fogueiras. (LOBATO, 1979, p. 131).

O sonho, nessa história, não atua como algo fantástico ou como uma viagem de revelações, ele serve para ajudar a construir a atmosfera naquele momento da narrativa, quando os personagens estão perdidos e atemorizados com a eventual perseguição. Quincas consegue sentir a grandeza do povo que procuram, embora seu amigo Jeremias acredite que sonhos são tolices.

Outra observação relevante são as reflexões feitas nas obras, às vezes pelo narrador, mas, na maioria, pelos personagens. Elas demonstram o tom da história, a descrença nos homens e na sociedade, a esperança de uma sociedade melhor, etc. Sem a intenção de problematizar essas reflexões, mas apenas de assinalar sua presença nas obras. Vejamos alguns pensamentos:

“Antes macaco aperfeiçoado, que Adão degenerado” (ZALUAR, 1994, p. 36). O narrador cita essa frase de um filósofo alemão.

“O chapéu de um filósofo agricultor pode valer tanto ou mais do que o chapéu de um general” (ZALUAR, 1994, p. 66). Diz o Dr. Benignus ao seu empregado Katini depois de tomar por empréstimo o seu chapéu. Outra reflexão, embora um pouco mais extensa, é feita pelo mesmo personagem:

O indivíduo, dizia ele, sofre o influxo da área em que vive. Não é só o clima que influi sobre a atividade das raças, é antes de tudo o exemplo e o hábito. O homem ativo, no meio de um centro indolente, reage a princípio, mas vendo em torno de si arvorado o reinado da inércia, torna-se por fim também pusilânime e frouxo; o homem, pelo contrário, de natureza aparentemente menos vivaz, achando-se no meio de um centro trabalhador e enérgico, envergonha-se por fim de sua inutilidade, e vendo que só à custa do esforço pode viver, torna-se também, empreendedor e diligente. (ZALUAR, 1994, p. 126).

Sabemos, ao ler os primeiros capítulos da história, que Benignus, cansado de viver próximo de pessoas que não lhe eram interessantes, decidira mudar para Minas Gerais. Igualmente cansado, estava o Sr. Rui de Leão, pai do Dr. Leão, em *O imortal*. Porém, estava cansado não só de pessoas, mas da vida, por isso, quando foi preso pelo Santo Ofício, chegou até a achar isso bom, como contou a seu filho: “Meu filho, disse-me ele, eu tinha padecido tanto naqueles longos anos de vida, tinha visto tanta paixão má, tanta miséria, tanta calamidade, que agradei a Deus, o cárcere de uma longa prisão [...]” (ASSIS, 1994, p. 14). Já em *A Amazônia misteriosa*, o protagonista em conversa com o Dr. Hartmann, ouve sua posição sobre o trabalho de um cientista: “Só pode fazer pesquisas científicas quem pode dispor de tempo e possui muita paciência e verdadeiro espírito de abnegação e sacrifício” (CRULS, 1973, p. 116). Não chega a ser uma reflexão relevante, mas uma opinião de um personagem que se apresenta como alguém que, em nome da

ciência, faz de tudo. Isso leva o leitor a pensar se realmente vale a pena essas pesquisas e se os resultados compensam o sacrifício.

Em *O presidente negro*, o professor Benson propõe uma reflexão para Ayrton, seu confidente: “— Não refletiu nunca, meu caro senhor Ayrton, na oportunidade do silêncio? O silêncio é sábio, é uma das mais altas formas da sabedoria. Foi silenciando que Jesus deu ao ‘Que é a verdade?’ de Pilatos a única resposta acertada [...]” (LOBATO, 1979, p. 24). O pobre ignorante, depois de tentar entrar em uma conversa entre pai e filha, percebe que era melhor ter ficado quieto. E a filha do cientista, com a mente nas práticas eugenistas que seriam aplicadas no futuro, adverte o rapaz que se sentiu tão desinformado dos avanços do mundo: “— Paciência, senhor Ayrton. A vida é cheia de maus pedaços — mas há bons pedaços para os que sabem esperar [...]” (LOBATO, 1979, p. 158). Ele associa a advertência ao sentimento de amor que nutre por ela, sem perceber que a ideia vai além disso. Sálvio, de *A cidade perdida*, é um grande estudioso que ensina várias coisas ao seu amigo Jeremias, como as lendas: “Você não sabe que todas as lendas assentam sobre fatos verídicos? Alteram, modificam ou deturpam a verdade inicial, mas a essência dos fatos primitivos lá está, intacta no fundo da versão fantasista” (MONTEIRO, 1948, p. 31). Jeremias, por sua vez, também faz suas observações ao ouvir um atlante afirmando que “A verdade dita com simplicidade sempre impressiona” (MONTEIRO, 1948, p. 202). Dessa forma, as obras trazem argumentos que podem ser aprofundados e melhor embasados em teorias, porém, não é o objetivo deste trabalho, que procura observar a ficção científica resultante de uma determinada época no país, pois “A ficção científica deve ser entendida não por suas similitudes com outras épocas e seus autores, mas pelo que ela tem e transmite de sua própria época, pelo que tem de diferente e de original” (SKORUPA, 2002, p. 33). Para isso, procuramos identificar temas que são relevantes nas obras (e para esta pesquisa), configurando características comuns entre os autores.

4. TEMAS PRESENTES NA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Pode-se notar que a produção desse gênero no Brasil estava vinculada ao estágio de desenvolvimento do país, uma vez que os personagens se revelam

passivos frente à tecnologia, ou seja, não a utilizam. Como de praxe, as novidades culturais e tecnológicas vêm dos países centros do capitalismo, como na época Inglaterra e França. A falta de um público leitor também levava nossos escritores a ter os olhos focados na Europa. “Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores; e considerando-se equivalentes ao que ao havia lá de melhor” (CANDIDO, 1989, p. 148). Embora a postura dos intelectuais brasileiros, como uma elite “flutuante” que ficava acima do resto da sociedade, fizesse acreditar que eram iguais aos europeus, nem sempre conseguiram estar à altura do que lá se produzia. Outros estudiosos do tema mostram que “Tendo como modelo ideal a cultura européia, muitos intelectuais, bibliógrafos e integrantes de diversas categorias sócio-profissionais pautaram sua formação na cultura livresca, em voga na Europa, e mantiveram acesa a eterna questão da busca sempre ilusória dos modelos europeus para a vida na América” (FERREIRA, 1996, p. 368). Não apenas os autores, mas os leitores que compunham uma elite letrada, mantinham essa busca pelo referencial europeu.

Dentre os temas que destacamos, estão a “contradição entre o potencial do país e a realidade periférica”, “utopia e distopia”, “eugenia” e “especulação futurística”. Com isso, é possível estudar o que a ficção científica escrita no Brasil apresentava enquanto subgênero da fantasia. A FC “tem muito em comum com todos os outros romances e contos” (ALLEN, 1974, p. 224) e, mesmo assim, ainda se encontrava em processo de construção no país.

O Brasil demorou a produzir suas obras de ficção científica e, nesse aspecto, podemos inferir que o surgimento tardio de tais obras se deu pelo motivo de não termos ainda um sentimento de nação, já que só no século XIX deixamos de ser colônia de Portugal. Para Roberto Causo (2003),

Talvez seja até mesmo possível estabelecer que quanto maior o sentido de nacionalidade, maiores as chances de haver alguma forma de proto FC sendo produzida em um país, de modo relativamente autônomo com respeito aos aspectos científicos e tecnológicos. Afinal, qualquer náufrago poderia refugiar-se em Lilibut ou Utopia. Mas o autor *deve* provir de uma sociedade com essa consciência de estado e nacionalidade, para empregar efetivamente os dispositivos dessas formas críticas. Isso explicaria, em certa medida, o surgimento relativamente tardio dessas formas de proto FC, ou mesmo das imitações diretas do

scientific romance, no Brasil, um país que demorou para abandonar seu estatuto colonial. (CAUSO, 2003, p. 59).

Vemos, com essa análise, que não houve uma protoficção científica no país por não existir na época o sentido de nação, pois, para que a FC produza uma sátira da sociedade, uma sociedade alternativa ou uma utopia, é preciso haver antes uma sociedade consolidada para que se ataque as falhas do sistema. Sobre a forma como Portugal se servia do ouro, Causo critica o atraso científico e tecnológico, que se deveu ao fato de os lusos usarem o ouro para honrar a Deus, e não como fonte de riqueza. Para ele, “É por isso que temos tantos altares maravilhosos inteiramente decorados com ouro, no Brasil e em Portugal – e tão pouca ciência e tecnologia nos dois países” (CAUSO, 2003, p. 123). Além disso, a história mostra que a maioria do ouro levado do Brasil teve como destino a Inglaterra, já que os portugueses tinham altas dívidas com banqueiros ingleses. Os britânicos souberam usar essa riqueza, que ajudou a desenvolver a indústria, ocasionando uma revolução a ponto de transformar o país na maior potência econômica do século XIX, enquanto Portugal se configurava como uma periferia do capitalismo nascente.

4.1 A CONTRADIÇÃO ENTRE O POTENCIAL DE UM PAÍS GRANDE E A REALIDADE PERIFÉRICA

Ao interpretar alguns discursos nas obras e tentar compreender o sentido que têm, pode-se deduzir que os autores que estamos estudando pretendem demonstrar, de alguma forma, o sentimento de que o Brasil estava atrasado, em termos de ciência, tecnologia, política e cultura. Havia uma incompatibilidade entre a vastidão do território e o atraso de suas instituições, o imenso território, por um lado, era motivo de contemplação, visto como terra de oportunidades, “Mas no outro lado da medalha, também as visões desalentadas dependiam da mesma ordem de associações, como se a debilidade ou a desorganização das instituições constituíssem um paradoxo inconcebível em face das grandiosas condições naturais. (‘Na América tudo é grande, só o homem é pequeno.’)” (CANDIDO, 1989,

p. 142). Há, portanto, de forma muito sutil, um sentimento de estar às margens dos países desenvolvidos e isso transparece em alguns momentos das narrativas analisadas.

O Dr. Benignus, logo no começo da história, fala para sua mulher sobre o fato de se sentir deslocado no meio em que vive:

- Sabes que mais? Não posso já sofrer os homens nem as suas instituições. Detesto os exércitos permanentes, aborreço a guarda nacional, e sobretudo não posso compreender a utilidade da monarquia constitucional, porque já está velha, nem a da república, porque ainda está nova. (ZALUAR, 1994, p. 37).

Pensando nisso, a política brasileira, que passava por um processo de transição do Império para a República, é vista com certa insegurança por parte do personagem, o qual não consegue compreendê-la, e por isso escolhe se mudar para um lugar retirado, onde ficaria afastado da vida social fluminense da época. Talvez, não só para o Dr. Benignus, mas para muitos brasileiros, a política do final do século XIX era atrasada e velha, mas as características da nova organização republicana era ainda uma incógnita. Os próprios republicanos não tinham um projeto único de República, pois, como descreve José Murilo de Carvalho, em *A formação das almas*, os grandes proprietários queriam o modelo americano que privilegiava os interesses particulares e acreditavam no darwinismo social como necessário para a ordem. Já a população urbana (formada por pequenos proprietários, profissionais liberais, jornalistas professores e estudantes) era atraída pelo jacobinismo francês, enquanto os militares eram atraídos pelo positivismo que condenava a Monarquia em nome do progresso (CARVALHO, 1990, p. 24-25).

A amargura de viver em um país periférico se torna mais nítida em outros momentos do enredo de Zaluar, como no capítulo em que Benignus escreve para o cientista francês Camille Flamarion. Na carta, ele discorre sobre as teorias astronômicas elaboradas pelo europeu, rasgando elogios e reclamando do lugar em que vive. Sabemos que o protagonista dessa história era muito excêntrico, o que se percebe quando ele escreve a Flamarion: “Mas seja como for, eu hoje não pertenço mais ao mundo em que nasci. Libertei-me, não posso dizer de tudo, mas de todos que me eram importunos” (ZALUAR, 1994, p. 50). Verifica-se que ele se mostra

superior às pessoas com quem convive. Para falar sobre ciência, se comunica com alguém distante. Ele chega a convidar o francês para vir ao Brasil, “Venha, Sr. Flamarion, venha depressa, ver todas estas cousas antes que a mão destruidora de meus compadres dê cabo de tudo isto!” (ZALUAR, 1994, p. 53). Seria, então, o povo brasileiro tão atrasado? Parece que o velho continente é que tinha qualidades que aqui ainda não tinham chegado. A carta termina com o Dr. Benignus pedindo perdão por escrever tanto, mostrando sua simpatia pelo cientista e dizendo que estendera a mão “[...] da América à Europa, por sobre duas mil léguas do oceano, a outro homem a quem respeita e que é ao mesmo tempo uma das glórias científicas de nosso século” (ZALUAR, 1994, p. 56). A submissão do Brasil fica evidente nessa história quando o médico recebe a companhia de um francês e um inglês para a sua viagem e, na hora em que aparece o balão dirigível, quem pilota é um norte-americano.

O Brasil, que era um país de predominância agrária, é exaltado justamente por possuir terras férteis. James Wathon, o amigo do Dr. Benignus, fica admirado com a natureza daqui. “- Esta natureza é realmente admirável! Estou quase com vontade de nunca sair daqui. A força da vegetação e a cor dos terrenos, estão indicando a uberdade do solo” (ZALUAR, 1994, p. 340). Se prestarmos atenção às frases seguintes, pronunciadas pelo estadunidense, podemos perceber que há um discurso com uma reflexão mais profunda ao questionar “[...] por que motivo então se não há de aproveitar este torrão abençoado, atrair para ele a vida e o trabalho e criando com ele as forças das grandes energias, que originam a circulação dos capitais, os prodígios da indústria, as descobertas maravilhosas da ciência?” (ZALUAR, 1994, p. 341). Parece que o Brasil não sabia aproveitar os seus recursos naturais capazes de gerar riquezas. Por fim, ele conclui: “Bastará uma vontade potente para transformar este deserto em civilização” (ZALUAR, 1994, p. 341). Portanto, tem-se uma ideia de que os brasileiros não eram capazes de desenvolver sua civilização. Algo curioso é que o médico ganha uma fortuna de um milhão de dólares do amigo Wathon, - e o que ele faz? Promete criar uma colônia agrícola. Uma pessoa que se mostra tão interessada na ciência e no progresso apenas reproduz aquilo que aparentemente faz do Brasil uma nação inferior aos Estados Unidos e à Europa.

Na obra de Gastão Cruls, não é diferente o sentimento de periferia. O protagonista se questiona logo nas primeiras páginas ao escrever em seu diário “1-1-191... Que nos trará de bom o ano novo? Ainda perdurará pela Europa o sopro de loucura que ensangüentou os países mais civilizados?” (CRULS, 1973, p. 14). Se os países europeus são ditos mais civilizados é porque o narrador considera o Brasil atrasado em relação a eles, isto é, menos civilizado. Na tribo das Amazonas, como vimos, eles encontram um casal, sendo ele alemão e ela francesa. Eles têm conhecimento e cultura que lhes permite se colocar numa condição de respeito naquela comunidade. A mulher usa uma vestimenta de tecidos grosseiros e embora ela não goste, o Doutor fica admirado por usarem roupas com tecidos confeccionados pelas próprias indígenas. Num tom de ironia, a mulher fala: “- E o senhor queria que fosse algum modelo de Paris?” (CRULS, 1973, p. 64). A reclamação e a posterior brincadeira sobre as roupas deixam claro o seu gosto refinado. Embora o protagonista dessa história seja um médico e, portanto, um cientista, ele não põe em prática seus conhecimentos. A cientificidade da obra fica por conta das experiências do médico alemão, é ele quem representa a ciência dentro do enredo. Seu nome é Jacob Hartmann, médico que foi aprendiz de um tal professor Steinach, na Europa, e que lamentava não poder fazer experiências em humanos. Por isso, ele explica que “Foi acompanhando o início dessas pesquisas, logo promissoras dos mais belos resultados, e pelas quais também me apaixonei, que me veio a idéia de demandar estas paragens” (CRULS, 1973, p. 113). Com isso, o personagem da ficção científica escrita por Gastão Cruls também é um observador que não põe em prática o conhecimento científico que tem, ele vê isso sendo feito pelo estrangeiro. Essa posição passiva pode ser ilustrada pelas conclusões do protagonista na conversa com o alemão: “Achei de bom alvitre mostrar-me de perfeito acordo com o seu ponto de vista, e, dali por diante, já de regresso, mas sempre conversando animadamente, só tive aplausos para o os seus trabalhos” (CRULS, 1973, p. 122). Por mais que os dois sejam médicos, o brasileiro se coloca numa posição inferior ao europeu, reconhecendo a relevância científica das experiências feitas entre as amazonas. Algo a ser notado é o fato de o alemão não ser visto com bons olhos pelo brasileiro devido às suas experiências. Isso mostra que os cientistas podem fazer coisas tanto positivas quanto negativas e, por isso, “Todo cientista está sujeito a passar por herói ou vilão, principalmente na fc [...]”

(TAVARES, 1986, p. 18). Por esse motivo, há o mito do cientista empregado na FC que “usa freqüentemente este mito e faz um acréscimo, tornando-o um produto próprio; junta o estereótipo do cientista maluco, obcecado por um projeto ambicioso, comumente megalomaniaco, isolado e avesso à humanidade” (SKORUPA, 2002, p. 87). Esse lado tenebroso da ciência, praticado pelo Dr. Hartmann, lhe dá um aspecto negativo da imagem do cientista e, por isso, ele atua como antagonista da história.

Na mesma esteira de outros autores, Monteiro Lobato demonstra um sentimento de inferioridade nacional do Brasil perante a Europa e os Estados Unidos. O brasileiro Ayrton tem um encontro com um cientista norte-americano, por obra do acaso. O acidente que o leva até a casa do professor Benson lhe coloca numa posição inferior perante o velho. A superioridade do yankee é ilustrada pela seguinte fala: “— O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um inocente, começou ele. Chamo inocente ao homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. Empregado no comercio: quer dizer que não teve estudos” (LOBATO, 1979, p. 18). Com isso, vemos que Ayrton representa o povo pouco escolarizado, com emprego em tarefas medíocres, que não conhece muito de ciência e por isso é chamado por Benson de inocente. Em outras palavras, Ayrton representa um Brasil subdesenvolvido frente aos Estados Unidos. Até mesmo ao comparar o comportamento dos seus patrões brasileiros com o estrangeiro ele evidencia um caráter inferior daqueles. “Diante do comendador Pato eu tremia e balbuciava; mas diante do professor Benson, um deus, sempre me senti como em face de um igual. Compreendo hoje o fenômeno e sei que a verdadeira superioridade num homem não o extrema dos ‘inocentes’ [...]” (LOBATO, 1979, p. 35). Essa situação de desconforto perante seu chefe se deve ao fato de o mesmo se portar como alguém muito importante e acima dos outros, sem respeitar os empregados, e detentor de uma conduta moral deplorável. Já o professor Benson, dotado da verdadeira condição superior, consegue ser mais agradável, com um comportamento mais elevada. Ayrton, ao se imaginar esposo de Jane, sonha com o momento em que em algum lugar do exterior, viajando com ela, chegaria para comprar ações na bolsa de valores: “A piedade do corretor vendo esta carinha chupada de brasileiro amarelo comprar ações de uma empresa cuja bancarrota estava iminente!” (LOBATO, 1979, p. 55-56). Mais uma vez, desenvolve-se a ideia de que o brasileiro não está nas mesmas condições de outros povos. Em outro

momento, há uma grande exaltação dos Estados Unidos e seu povo. A bela jovem de olhos azuis contesta a opinião do rapaz que os considera um “povo sem ideais, o mais materialão da Terra”:

— Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a frase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideias? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. (LOBATO, 1979, p. 65).

O que se pode notar é que há uma tentativa de mostrar o quanto aquele país estava mais adiantado em relação ao nosso, louvando os feitos daquela nação, ao mesmo tempo em que menospreza e diminui a importância deste país latino. Essa visão trazida pela personagem nos ajuda a compreender o fato de que “Para veicular suas idéias e opiniões, a personagem possui uma voz. E essa voz não é apenas ligada à expressão das idéias e valores daquele indivíduo; ela expressa valores e idéias necessariamente ligados a uma instituição social” (SILVA, 2009, p. 181). Nesse caso, o discurso está ligado aos grupos e instituições que viam o branqueamento da população como uma solução prática para os problemas sociais do país. Desenvolve-se, ao longo de alguns capítulos, a ideia de que um projeto eugenista elevou os EUA a tal ponto de se tornarem o centro econômico do mundo.

A obra *A cidade perdida*, de Jeronymo Monteiro, está muito carregada de uma ficção científica na qual a arqueologia, a paleontologia e a geologia servem de base para argumentar que o surgimento das primeiras civilizações ocorreu no continente americano, principalmente no Brasil. Embora esse argumento percorra toda a história, tentando dar algum *status* importante para o país, na história da humanidade, o sentimento de viver em uma periferia dos países europeus não deixa de aparecer. Isso ocorre quando Sálvio explica a Jeremias o porquê de não se encontrarem vestígios que comprovem tal teoria sobre as primeiras civilizações brasileiras:

[...] o nosso povo não tem educação suficiente para se interessar pelo assunto e para avaliar qualquer encontro fortuito. Um lavrador que em qualquer canto da Europa encontre um pedaço de louça de forma estranha sabe logo a quem se dirigir, sabe que convém guardá-lo para comunicar o fato a alguma instituição científica. Se for o caso, logo depois se fazem escavações no local. Mas, aqui... ninguém se incomoda com essas ninharias... e nem mesmo com coisas mais importantes. (MONTEIRO, 1948, p. 49).

Os europeus são vistos como um povo que valoriza a ciência, mesmo sendo lavrador, enquanto os brasileiros não se preocupam com objetos arqueológicos e por isso seriam menos civilizados e atrasados culturalmente, uma vez que aqui ninguém se incomoda com “coisas mais importantes”, segundo o personagem da história. A crítica ao comportamento dos brasileiros continua nesse mesmo diálogo sobre a importância de achados arqueológicos:

Entre nós o normal é não fazer caso. Sabe o que é? Sofremos de “doutoria” aguda. Aqui todo mundo é autoridade, todos sabem demais e são superiores. Se algum trabalhador encontrar no campo uma preciosidade arqueológica, em 99 por cento dos casos meterá a enxada e destruirá tudo. Mas, se por espírito curioso resolver conservar o achado, consultará o primeiro “doutor” que encontrar — o delegado, o prefeito ou qualquer outro. Este, por sua vez, sentado sobre a Sabedoria, dará uma olhada, fará um trejeito, e exclamará: “Bobagem! Isso é uma pedra comum. Os efeitos da erosão nas pedras friáveis são caprichosos! Os veios arenosos desagregando-se produzem pedaços assim às vezes com a forma de cachimbo. Puro acaso. Isso é bobagem sem valor.” Ou então, dizem: “Ora... isso é um pedaço de vaso de barro que caiu por aí...” E assim se lavram as sentenças! Suponha que o lugar onde se fez um achado daqueles é rico em peças arqueológicas... estará tudo perdido, porque o “doutor” já explicou que é bobagem! (MONTEIRO, 1948, p. 50).

Nesse caso, além de criticar o comportamento daqueles que não sabem dar importância para a ciência, há também uma crítica a alguns costumes do povo brasileiro, que são colocados como nocivos ao progresso. Ou seja, os “doutores”, líderes tradicionais na nossa sociedade, se acham superiores e dão o veredicto sobre uma ciência que não dominam, prejudicando, assim, as pesquisas arqueológicas. Isso demonstra que o coronelismo/caciquismo, muito comum em nossa sociedade, são atrasos culturais que prejudicam tanto a política quanto o desenvolvimento científico em nosso país. Sobre isso, Sérgio Buarque de Holanda cunha o termo “bacharelismo” ao criticar a postura dos brasileiros em se importar

com a visibilidade que sua profissão proporciona, e afirma que “Ainda hoje são raros, no Brasil, os médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, professores, funcionários que se limitem a ser homens de sua profissão” (HOLANDA, 1995, p. 156). Segundo ele, se trabalha para alcançar altos postos nas áreas de atuação, mas nem sempre segue-se o curso normal das carreiras profissionais. Há, ainda, aqueles que ocupam vários cargos sem exercer nenhum. Guardadas as proporções, podemos encontrar alguma relação entre a “doutoria” e o “bacharelismo”.

O estágio de desenvolvimento econômico e social também se demonstra no saneamento. Ao cruzar por Tocantins, o narrador fala sobre o rio que passa pela cidade de Palmas: “No rio Paranã, que serve de banheiro à população, há dois lugares reservados: um para os homens e outro para as mulheres, este um pouco acima do primeiro” (MONTEIRO, 1948, p. 74). A ideia de povo atrasado aparece nas descrições dos indígenas, que embora sejam descendentes das primeiras civilizações do mundo, acabaram se espalhando pelas florestas e “perderam a civilização e a sabedoria de seus antepassados, transformando-se nos selvagens atrasados que conhecemos” (MONTEIRO, 1948, p. 158).

Ao relacionar o Brasil com a Europa, a realidade periférica novamente floresce no momento em que um atlante questiona Sálvio sobre sua curiosidade: “— Mas qual é o interesse em saber que o Brasil foi o berço da humanidade?” E o rapaz responde: “— O interesse pela verdade. A ciência, monopolizada por alguns sábios europeus, insiste em afirmar que o berço da civilização teria sido a África e o da humanidade a Ásia. Manifesta completo desprezo pelo Brasil e pela América, nesta questão” (MONTEIRO, 1948, p. 218). Mostra-se, aqui, que o Brasil não era capaz de desenvolver ciência e se sente desprezado pelos europeus que detêm o poder sobre o conhecimento que os aventureiros buscam. Por outro lado, se evidencia uma situação interessante, pois “O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua essência verdadeira — como construção ideológica transformada em ilusão compensadora” (CANDIDO, 1989, p. 142), ou seja, os intelectuais brasileiros viram-se motivados a lutar contra o atraso do país ao tomar consciência de seu subdesenvolvimento.

No capítulo “Literatura e subdesenvolvimento” de *A educação pela noite*, Antônio Candido explica que depois da Segunda Guerra Mundial o Brasil tomou

consciência de seu subdesenvolvimento, porém, desde 1930 já havia na literatura resquícios desse reconhecimento. Sobre esse tema, ele afirma:

Ora, dada esta ligação causal "terra bela — pátria grande", não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro [...]. (CANDIDO, 1989, p. 142).

Em *A cidade perdida*, é justamente isso que se percebe, uma visão negativa sobre a nossa atual sociedade e a previsão de um futuro no qual os humanos enfrentarão problemas e os atlantes fundarão uma nova sociedade, com valores preservados por eles. Embora se exalte a grandiosidade das condições naturais, o povo é mostrado como inculto, sem princípios e cientificamente inferior. Há aí uma contradição, pois apresenta-se um lado negativo do país em contraposição à ideia ufanista, de que o Brasil é um país de muita riqueza e grandes possibilidades de realização de sonhos.

4.2 ESPECULAÇÕES FUTURÍSTICAS

Não é raro encontrar em obras de FC especulações sobre o futuro. Os personagens fazem previsões sobre o que pode acontecer ou vêm a saber de alguma forma o porvir. Outra forma de antecipar os acontecimentos seria a viagem no tempo, mas este não é um elemento presente nos enredos que escolhemos analisar. Nosso principal autor, nesse caso de especulação, é Monteiro Lobato com *O presidente negro*, visto que seu protagonista conhece alguém que possui uma máquina que lhe traz conhecimentos sobre o futuro da humanidade. Mas o conto de Machado de Assis também permite que observemos especulações, como a feita por Rui de Leão ao se questionar sobre a medicina: “A ciência de um século não sabia tudo; outro vem e passa adiante. Quem sabe, dizia ele consigo, se os homens não descobrirão um dia a imortalidade, e se o elixir científico não será esta

mesma droga selvática?” (ASSIS, 1994, p. 5). A imortalidade poderia estar em uma poção descoberta em uma floresta.

De forma um pouco diferente, Lobato especula sobre o futuro em sua história usando miss Jane como porta-voz. Ela e seu pai podem observar os fatos que estão por acontecer utilizando o porviroscópio. Sobre a criatividade e as ideias de Monteiro Lobato na obra, os editores de *O presidente negro* escreveram:

Este romance de Monteiro Lobato, escrito em três semanas para o rodapé d'A MANHÃ, de Mario Rodrigues, no ano de 1926, antes da partida do autor para os Estados Unidos, constitui uma verdadeira curiosidade literária. Embora aparentemente uma "brincadeira de talento", encerra um quadro do que realmente seria o mundo de amanhã, se fosse Lobato o reformador — e em muitos pontos havemos de concordar que sob aparências brincalhonas brilha um pensamento de grande penetração psicológica e social. O conserto do mundo pela eugenia, o ajuste do casamento por meio das "ferias conjugais", a criação da cidade de Eropolis, o teatro onírico... Como H. G. Wells, Monteiro Lobato talvez não tenha imaginado coisas, e sim apenas antecipado coisas. (LOBATO, 1979, p. 4).

Existem estudiosos que falam sobre a capacidade que os escritores têm de antever os acontecimentos. Ao comentar sobre Lobato não ter imaginado e sim antecipado coisas, eles o colocam como um desses. Vemos esse potencial de prever o futuro quando a moça fala:

- [...] O que se dará é o seguinte: o radio-transporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á á distância. E acho muito logica esta evolução. Não são hoje os recados transmitidos instantaneamente pelo telefone? Estenda esse princípio a tudo e verá que imensas possibilidades para vir trazê-lo. O progresso foi grande, mas repare quando á radiocomunicação se acrescentar o radio-transporte. (LOBATO, 1979, p. 44).

Se hoje temos a internet, naquela época, talvez, nem se acreditasse na possibilidade de alguém fazer o trabalho em casa e enviar por algum tipo de onda ou frequência ao escritório. E não é só o trabalho a distância que ele descreve, mas também a educação a distância, tão comum na era da comunicação. Segundo a personagem, “A Universidade Sabina fez furor. Não tinha sede ao sistema de hoje, como aliás a maioria dos estabelecimentos de ensino da época. As lições

eram radiadas diretamente para a residência das alunas” (LOBATO, 1979, p. 127). O jornalismo impresso também se transforma com a tecnologia da época em que aconteceu o choque das raças nos EUA: “— Ainda havia jornais nesse tempo? — Sim, mas jornais nada relebrativos dos de hoje. Eram radiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas” (LOBATO, 1979, p. 93-94). Tantas previsões podem fazer algum entusiasta dizer que a FC antecipa coisas, porém, ela está mais ligada ao imaginário do que a previsões/antecipações, pois o discurso ficcional traz em si a capacidade de dar forma às potencialidades que estão postas no imaginário de uma sociedade ou época. Sem a obrigação de profetizar sobre o mundo, “a ficção científica antes de tudo, é o retrato dos pensamentos de uma época e de um autor” (SKORUPA, 2002, p. 133). Por mais que existam acertos nessas antecipações, ela é um exercício de criatividade artística.

O transporte pelas ondas de rádio não se limita à informação, trabalho e estudo, faz também o papel de transportar sensações, pois “Descobriram-se novas ondas, e o transporte da palavra, do som e da imagem, do perfume e das mais finas sensações tácteis, passou a ser feito por intermédio delas. A consequência lógica foi uma grande transformação da vida” (LOBATO, 1979, p. 94). Com isso, Jane explica que “— No futuro o senhor Ayrton *fumará á distancia*. Veja quanta economia de tempo e esforço humano!” (LOBATO, 1979, p. 45). Ou seja, o prazer das sensações poderia ser transportado e isso ainda não acontece. Seja como for, existem proposições interessantes, como o desdobramento do homem,

O doutor Lewis, sábio que começou a surgir em 2201, teve a ideia de romper com o plano simétrico do corpo humano. Possuímos dois olhos e dois ouvidos que agem como a parrelha de cavalos a puxar no mesmo rumo o carro. Lewis alterou isso. Por meio dum delicado processo cirúrgico, desligou — desxifopagou os nervos óticos e auditivos, dando autonomia aos dois ramos. Conseguiu dess'arte que o "desdobrado" pudesse ver uma coisa com o olho direito e outra com o esquerdo, e também ouvir ás duplas, com a audição assim desligada. (LOBATO, 1979, p. 52).

Seria curioso uma pessoa capaz de fazer várias atividades ao mesmo tempo graças a esse tipo de cirurgia, mas Jane teve a oportunidade de ver e conta:

— Mas, continuou ela, voltando ao meu homem desdobrado direi que pude observá-lo em ação no escritório do *Herald*. Estava á mesa de trabalho, a examinar com o olho direito uma gravura antiga e a consultar uma tabua de logaritmos com o esquerdo. Ao mesmo tempo ouvia a música da moda com o ouvido direito e com o esquerdo atendia a um colaborador do jornal. Ocupava-se em quatro coisas diversas, valendo assim por quatro homens não desdobrados. (LOBATO, 1979, p. 53).

Especula-se, nesse caso, sobre um homem útil que, sendo desdobrado, equivale até quatro homens, pura ficção científica que destaca a criatividade e a inventividade do autor. Existem mais possibilidades imaginadas na história. Uma delas que merece ser lembrada é o teatro onírico.

— Outra coisa que muito me maravilhou foi o Teatro Onírico, prosseguiu ela.
 — Que?
 — O teatro dos sonhos.
 — Fiquei na mesma..
 — Descobriu-se um processo de fixar na tela os sonhos, como hoje o cinematografo fixa em filmes o movimento material. E dada a riqueza do nosso subconsciente, mar donde emana o sonho, e mar profundo do qual a consciência não passa da exígua superfície, pode o senhor Ayrton imaginar que maravilhosas representações não se davam nesse teatro. (LOBATO, 1979, p. 54).

E outra possibilidade é imaginada em relação às casas durante a noite.

Inventara-se a luz fria. Por dentro e fora eram pintadas as casas de uma tinta de luar, que dava às cidades o aspecto de emersas de um banho de fósforo. Paredes, muros, telhados, todas as superfícies dimanavam um palor uniforme de sonho. Mas o escuro é tão necessário ao homem como o luminoso, de modo que todas as casas possuíam cômodos não revestidos de luar ou apenas aquarelados de leve. Que deliciosas penumbras vi no Oblivion Park, em Eropolis! [...] (LOBATO, 1979, p. 101).

Os temas especulados na obra são os mais diversos, como casamento, geopolítica, ciência eugenista e o pensamento de Henry Ford. Sobre a situação dos casais naquele futuro distante, Jane conta que havia um ministério da seleção que autorizava ou não os casamentos, e que raramente falhava, mas nos casos em que o matrimônio não dava certo, era possível se separar sem problemas. No entanto, Ayrton não consegue entender como podiam esses relacionamentos serem duradouros.

- Quer dizer que o número dos divórcios cresceu espantosamente...
- Ao contrário, diminuiu como nunca se esperou. E diminuiu em virtude da única imposição que a lei fazia a esses contratos: as férias conjugais obrigatórias. (LOBATO, 1979, p. 134).

As férias conjugais seriam uma forma de limpar as toxinas do relacionamento, de expurgar os enfaros e aliviar a monotonia que podia se tornar esse contrato. Com isso, os casais passariam a viver com muito mais amor e sem a necessidade da separação.

O Brasil é vislumbrado como um país dividido em uma parte mais moderna e outra mais atrasada. Nesta última, a miscigenação racial é mostrada como a culpada pelas dificuldades de organizações política e linguística.

O antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do rio Paraná. Com as cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da América transformado na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma república tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semi-morta língua portuguesa. Os sociólogos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo consequente á fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este último predominante no vale do Amazonas. (LOBATO, 1979, p. 76-77).

Nota-se, ainda, de forma sutil, a defesa de uma divisão entre o sul e o norte, sendo que a região do Rio Paraná é mostrada como mais desenvolvida em relação às outras. Em outro momento, isso fica mais claro quando Jane conta sobre a questão da ocupação do Brasil:

- Um país não é povoado como se quer, senhor Ayrton, ou como apraz aos idealistas. Um país povoa-se como pode. No nosso caso foi o clima que estabeleceu a separação. Dos europeus só os portugueses se aclimavam na zona quente, onde, graças às afinidades com o negro, continuaram o velho processo de mestiçagem, acabando por formar um povo de mentalidade incompatível com a do sul. (LOBATO, 1979, p. 78).

A especulação sobre a ciência eugenista aparece em alguns momentos: “A ciência havia resolvido o caso de cor pela destruição do pigmento” (LOBATO, 1979, p. 79). Dessa forma, os negros passavam a ter a pele branca, “Mas nem eliminando com os recursos da ciência o característico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na América” (LOBATO, 1979, p. 80). A luta entre brancos e negros é prevista como algo inevitável.

As soluções dadas pelos estadunidenses para o que se considera o problema racial são descritas como práticas, óbvias e muito eficientes. Isso teria sido influência do gênio de um homem muito importante daquele país. Miss Jane o considera um idealista pragmático e sentencia: “Ninguém melhor do que eu poderá dizer isto de Henry Ford, porquanto devassei o futuro e por toda parte vi reflexos do seu pensamento. É pois o melhor tipo atual do idealista orgânico. Sonha, mas sonha a realidade de amanhã” (LOBATO, 1979, p. 67). A inteligência de Henry Ford é louvada pela moça, que se impressiona com os reflexos das suas ideias em toda parte.

Diante de tantas informações recebidas sobre o futuro, o personagem Ayrton fica impressionado, mas nos conta o que mais lhe chamou a atenção: “[...] quanta coisa formidável! Mas nada me interessou tanto como o drama do choque das raças nos Estados Unidos” (LOBATO, 1979, p. 51). Essa disputa entre brancos e negros é o auge da história, na qual o eleitorado branco, ao se dividir, acaba sendo derrotado. Ao falar sobre o país norte-americano, o autor mostra o que ele imagina que pode acontecer no Brasil, uma sociedade com um alto contingente de população negra. Percebe-se no romance que Lobato segue uma corrente de pensamento da elite paulista contemporânea a ele e pode ser interpretado como racista.

Como podemos ver, algumas obras de ficção científica brasileira são carregadas de previsões do futuro. Ezra Pound (1997) chamou os artistas de “antenas da raça” (p. 77), pois segundo o autor, eles conseguem sentir e captar estímulos imperceptíveis aos demais, eles atuam como órgãos sensoriais da sociedade. Além disso, Os artistas usam sua imaginação para criar uma possibilidade de sociedade e civilização. Falam sobre relacionamentos, ciência, geografia, imortalidade e tantos outros temas que despertam a curiosidade dos leitores. A arte, muitas vezes, e por acaso, consegue antecipar acontecimentos, mas os artistas não tem a obrigação de acertar sempre, pois estão apenas especulando.

Como mostramos antes, ela põe em prática potencialidades que estão no imaginário social. Criar sociedades alternativas na literatura é uma forma de renovar as esperanças, dado o caráter de desesperança, de desgosto com o mundo de hoje. Aquelas pessoas que não conseguem aceitar/suportar o lado maldoso da humanidade acabam encontrando nesses enredos uma válvula de escape para suas angústias, por pensar na possibilidade de um mundo melhor. Temos um exemplo disso, na previsão de futuro contida em *A cidade perdida*, no momento em que um cidadão atlante explica como será o reinício de uma nova civilização:

— E aqui estamos até agora, e aqui ficaremos ainda quem sabe ainda por quantos séculos... daqui irradiará a civilização, para tomar conta de um mundo novo. Tudo se fará lentamente, sem lutas nem choques. Levará milênios, talvez, mas valerá a pena, porque será a única oportunidade, para a humanidade, de assumir o seu verdadeiro papel sobre a terra. (MONTEIRO, 1948, p. 223).

Os capítulos finais dessa história deixam claro que a humanidade entrará em colapso e que serão os atlantes os restauradores de uma verdadeira civilização, com ideais e princípios diferentes dos que aí estão atualmente. Os humanos saberão se relacionar como iguais. Fica claro o tom utópico presente na obra do escritor Jeronymo Monteiro. Analisaremos, a seguir, outro tema presente em algumas obras da época, a eugenia.

4.3 EUGENIA

O tema eugenia é muito forte em *O presidente negro*. Nesse caso, o livro atua como instrumento de difusão de ideias, já que

No início do século XX, num momento em que vários projetos políticos e de controle das populações proletárias de negros e imigrantes aplicam ideologias eugenistas, racistas, tayloristas e fordistas à organização racional do trabalho em centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, a ficção especulativa tornou-se meio para a propaganda das medidas. (HANSEN, 2003, p. 22).

Na época em que foi escrito, havia outros romances que abordavam esse tema, como é o caso de *O reino de Kiato*, escrito por Rodolpho Theophilo (1922), e *Sua excelência a presidente da República no ano 2500*, de Adalgiza Bittencourt (1929). Nas duas obras, nota-se um clamor por um líder radical e autoritário desejo esse que se concretizou, de certa forma, em 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Para nós, Lobato é considerado o autor mais conhecido e que serve de exemplo para mostrar esse tipo de ficção científica eugenista, embora se afirme que ele “apenas repetia, dentro do paradigma da época – como o fizeram e ainda fazem muitos intelectuais brasileiros vivendo em uma sociedade mulata -, ideias e conceitos importados” (CAUSO, 2003, p. 139). Já se disse que “O presidente negro, além de fraco literariamente, é um livro racista, contra a raça negra” (CARNEIRO, 1967, p. 109), porém, cabe ao leitor o olhar crítico sobre a obra, visto que “alguns textos podem estar justamente tentando reforçar os valores e idéias ‘consagrados’ de seu tempo, exaltando os próprios preconceitos e, se o leitor for ingênuo, pode acabar apenas aceitando o ponto de vista do texto, sem pensar sobre ele ou discuti-lo” (SILVA, 2009, p. 178). Por isso, ao ler a ficção científica escrita por Monteiro Lobato, é preciso levar em conta a época na qual ele escreveu e procurar entender o que isso significa, pois é necessário considerar o contexto, e não apenas o texto.

A linguagem literária pode ser vista como ferramenta de construção e afirmação do imaginário social se considerarmos que “O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem” (BACZKO, 1985, p. 311). As ficções eugenistas procuravam transmitir valores e comportamentos que já faziam parte de um imaginário social presente entre a elite paulista da época, por isso, foi possível torná-lo discurso ficcional com base em um pensamento real. É importante ressaltar que “Lobato veiculou em *O Presidente negro* idéias e desejos nutridos pela classe dirigente ao longo de todo o período da República Velha, quando o propósito de imitar a Europa levou o Brasil a renegar o seu próprio povo” (SILVA, 2008, p. 279).

Anterior a Lobato, Zaluar, não prega a eugenia, mas podemos notar que há um sentimento de superioridade de um povo em relação a outro, pois, quando o Dr. Benignus termina a sua empreitada pelo Brasil central, investe em uma colônia

agrícola e vê Jaime River e seus filhos preparando estudos racionais e práticos para serem grandes proprietários na ilha de Santana e “[...] fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo” (ZALUAR, 1994, p. 346). Dessa forma, não há uma ideia eugenista, mas pode-se perceber o sentimento de superioridade que, muitas vezes, leva as pessoas a apoiá-la.

Já no livro que tem como título completo *O presidente negro ou o choque das raças*, as ideias de sanitarismo e eugenia são defendidas e incentivadas em vários momentos. Em muitas falas de Jane, é possível identificar sem muito esforço o que o autor propõe. Não cabe neste trabalho discutir o certo ou errado, concordar ou não com o que é mostrado, mas sim apresentar como a higiene social e a raça pura é proposta nessa obra literária.

Logo no começo do livro, Ayrton, ao conversar com um corretor de negócios, ouve “Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo dêsse combate á deshonestidade por meio da completa eliminação dos deshonestos. Que paraíso!” (LOBATO, 1979, p. 6). Com essa conversa, o leitor já é convidado logo no primeiro capítulo a refletir sobre o tema. Ao longo dos acontecimentos, a defesa de tal medida vai se desenvolvendo, depois que o protagonista fica sabendo que Jane conhece o futuro, ele ouve algumas coisas que ela pode observar na máquina: “Ficamos, eu e meu pai, perplexos ante aquele mongolismo da França. Só depois, fazendo cortes menos recuados e combinando uns com os outros, conseguimos decifrar o mistério. Tinham-se derramado pela Europa os mongóis e se substituído á raça branca” (LOBATO, 1979, p. 43-44). O futuro que ela revela mostra um mundo sendo assombrado pelo aumento populacional das raças inferiores, já que “O amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorção o branco da América” (LOBATO, 1979, p. 44). Contudo, o que acontece na Europa é visto como um problema que gera perplexidade na moça.

A discriminação racial tão explícita nos Estados Unidos é vista na obra como algo positivo, Ayrton não consegue compreender porque Jane não se horroriza com o ódio entre as raças naquele país, ao que ela justifica:

— Esse ódio, ou melhor, esse orgulho, respondeu miss Jane, serena como se a própria Minerva falasse pela sua boca, foi a mais fecunda das profilaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou a ambas em estado de relativa pureza. Esse orgulho foi o criador do mais belo fenômeno da eclosão étnica que vi em meus cortes do futuro. (LOBATO, 1979, p. 70).

Nesse sentido, a miscigenação que ocorreu no nosso país não era motivo de orgulho, mas de um problema que compromete o caráter do povo brasileiro. Segundo ela,

— [...] A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável peora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. (LOBATO, 1979, p. 69).

O Brasil não foi eficiente, segundo miss Jane. O caráter piorou devido à mistura racial, diferente do que aconteceu nos EUA. Eugenia e eficiência são dois trunfos dos norte-americanos, uma vez que “O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais” (LOBATO, 1979, p. 91). E, ainda, em épocas de eleições “há muito se havia eliminado as hipóteses de fraude, não só porque a seleção elevava fortemente o nível moral do povo [...]” (LOBATO, 1979, p. 100). Essa seleção necessária naquele país foi conduzida por um Ministério da Seleção que conseguiu resolver os problemas sociais por meio de algumas medidas, consideradas práticas para elevar moralmente o seu povo. Muitas restrições foram impostas de forma que “Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos mal-formados no físico desceu a proporções mínimas — sobretudo depois do ressurgimento da sábia lei espartana” (LOBATO, 1979, p. 74). Para os deficientes mentais, criou-se uma lei, “A lei Owen, como era chamado esse Código da Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos mal-formados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progenie o futuro da espécie” (LOBATO, 1979, p. 75). Ou seja, a eugenia presente no enredo dá conta não só da questão racial, mas também higienista ao eliminar

malformados físicos e mentais. Até mesmo pessoas peludas são vistas como problema para a raça, o autor escreve “e lá se foram os peludos” (LOBATO, 1979, p. 75), e devemos lembrar da sua enorme sobancelha.

O europeu é mostrado como um bom produto para o eugenismo, pois “Em vez de entrada franca a quem quisesse vir localizar-se no país, organizou o governo americano em todas as nações do velho mundo um serviço de importação de valores humanos, consistente em atrair para lá a fina flor eugênica das melhores raças europeias” (LOBATO, 1979, p. 73). Os europeus, os quais foram alvo de interesse do governo brasileiro no nosso processo de branqueamento na época do fim da escravidão, não poderiam deixar de ser mostrados como raça superior na obra.

A eugenia mostrada como positiva na história influenciava até na beleza, como é o caso da candidata feminina à presidência, “Embora, graças á vitoria da eugenia, fosse regra a beleza, em vez de exceção como hoje, mesmo assim a formosura de miss Evelyn Astor se destacava de modo obsedante” (LOBATO, 1979, p. 83). Por mais que as medidas tomadas pelo governo tenham resolvido vários problemas, não conseguiu acabar com os negros, pelo menos não a princípio, pois “[...] Os brancos entraram a primar em qualidade, enquanto os negros persistiam em avultar em quantidade. Foi a maré montante do pigmento. Mais tarde, quando a eugenia venceu em toda a linha e se criou o Ministério da Seleção Artificial, o surto negro já era imenso” (LOBATO, 1979, p. 74). Dessa forma, o autor pretende mostrar que o crescimento da população negra acabou sendo um problema a ser resolvido. A resolução veio com um alisador de cabelo, em uma conversa com Kerlog, Jim percebe que os raios ômega, contidos no produto, têm dupla função, ao mesmo tempo em que alisam os cabelos, “[...] esterilizam o homem” (LOBATO, 1979, p. 162). Ao final, ficamos sabendo que Jim morreu provavelmente assassinado. Os brancos, assim como certos grupos de nossa época, não souberam aceitar a derrota nas eleições. A história apresenta os negros como um obstáculo ao desenvolvimento da América, bem como apresenta uma solução radical para resolver a questão.

O Brasil trazia as discussões eugenistas da Europa por meio de intelectuais que acreditavam ser possível existir uma raça superior à outra. “O movimento eugenista se intensificou no Brasil no início do século XX e, em 1918, foi fundada a

Sociedade Eugênica de São Paulo durante uma reunião na Faculdade de Medicina em São Paulo cujo objetivo era discutir os trabalhos eugênicos de Francis Galton” (NEVES, 2008, p. 242). Médicos, como Raimundo Nina Rodrigues⁶, defendiam essas ideias por meio de teorias científicas, como as de Francis Galton, que cunhou o termo eugenia, em 1883, para designar a ciência que estuda o melhoramento da hereditariedade humana. Alguns escritores de FC acabaram se apropriando desse pensamento que acaba sendo exposto nas obras.

4.4 UTOPIA E DISTOPIA

As obras de FC geralmente têm um enredo relacionado à utopia e à distopia. Não é uma regra, mas é muito comum no gênero. Quando Thomas Morus escreveu seu livro *A utopia*, ele usou como referencial a Inglaterra, local no qual vivia para imaginar uma sociedade ideal diferente daquela. Portanto, quando os autores escrevem sobre uma sociedade possível ou impossível, eles utilizam o seu mundo como referência. Foi assim com Wells, Verne, Huxley e outros. Segundo Carlos Berriel (2005), as utopias são geradas por dois princípios: “1) a partir de uma experiência histórica, como metáfora [...]” e “2) a partir de uma Idéia, de uma construção abstrata que desce do Céu para a Terra [...]” (BERRIEL, 2005, p. 4). Ou seja, são construídas a partir de algo concreto, ou de algo desligado do mundo concreto. Isso é percebido quando André Carneiro (1967) cita uma observação de Otto Maria Carpeaux, a qual verifica-se que “a mais conhecida das antiutopias é 1984 de Orwell, que foi entendida como libelo contra o totalitarismo comunista e era, na verdade, uma denúncia historicamente exagerada do trabalhismo inglês” (CARNEIRO, 1967, p. 17), ou seja, um contexto histórico real que influencia numa distopia aqui chamada de antiutopia.

Nas obras aqui estudadas, é possível identificar em todas elas ideias tanto da utopia quanto da distopia. Elas podem ser observadas em momentos que

⁶ Nina Rodrigues foi um dos incentivadores da eugenia no país. Acreditava que existiam três raças: a branca, a negra e a vermelha e que o cruzamento delas gerava uma degenerescência racial. Seu pensamento é muito contestado pelas ideias racistas. Muitos brasileiros da época aderiram a esse pensamento, que colocava o negro como inferior ao branco. Dentre suas obras, estão: *Mestiçagem*, *Degenerescência* e *Crime*, na qual procurava provar suas teses sobre a degenerescência e tendências ao crime dos negros e mestiços; *Antropologia patológica: os mestiços*; e *Degenerescência física e mental entre os mestiços nas terras quentes*. Para ele, o negro e os mestiços se constituíam em chagas da nossa nacionalidade.

apresentam uma sociedade melhor, sobre um país melhor, pessoas mais humanas ou quando maldizem a sociedade atual e sua organização, quando consideram os humanos como seres sem respeito uns pelos outros, quando preveem o fim da humanidade etc. Sabe-se que “a distopia nasceu da utopia, e que ambas as expressões estão estreitamente ligadas” (BERRIEL, 2005, p. 4). Podemos perceber isso em *O doutor Benignus*, quando o médico escreve para um francês convidando-o a conhecer o Brasil:

Enfim, Sr. Flammarion, que escreveu as belas páginas, que ilustram as suas admiráveis obras não deve deixar de vir pedir novas e mais fecundas inspirações a estas regiões prediletas do sol e da liberdade! Venha, Sr. Flammarion, venha depressa, ver todas estas cousas antes que a mão destruidora de meus compadres dê cabo de tudo isto! (ZALUAR, 1994, p. 53).

Ocorre, portanto, uma exaltação da Terra como sendo inspiradora para os artistas, mas, ao mesmo tempo, uma preocupação, uma descrença nos homens que nela vivem por serem capazes de destruir um lugar tão admirável. Em outro momento da mesma história, é possível notar novamente essa relação entre os dois conceitos, é quando o Dr. Benignus recebe em sonho a visita de um habitante do sol.

Quando chegar o dia em que deves largar o envólucro que te veste, para tomares a forma diáfana e brilhante em que me apresento diante de ti, compreenderás como ainda está atrasada a humanidade a que te pertences. Mas entre os meios eficazes de elevar o homem teu semelhante ao seu aperfeiçoamento espiritual, que é também moralmente o seu ponto objetivo consiste o principal na fecunda e nobre missão de que te encarregaste, isto é, vulgarizar os resultados da ciência e fazer subir por esse meio o nível intelectual do povo. (ZALUAR, 1994, p. 294-295).

Podemos concluir que “Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa” (BERRIEL, 2005, p. 4), uma vez que ao mesmo tempo em que o solariano critica nosso mundo, afirmando que a humanidade está atrasada, ele mostra a importância de Benignus como aquele que ajudará a elevar espiritual e intelectualmente o povo na Terra, ou seja, do discurso distópico se revela uma missão utópica.

A utopia da imortalidade acaba dando espaço para um tom mais angustiante no conto de Machado de Assis, pois, como já vimos, viver se tornou algo tão triste para o Sr. Rui de Leão a ponto de desejar a morte que não vinha. São vários os momentos em que ele se mostra cansado do mundo no qual vive:

[...] mas afinal acostumou-se às tristes obrigações de um navio negreiro. Acostumou-se, e enfarou-se, que era outro fenômeno na vida dele. Enfarava-se dos ofícios. p. 10

Todas estas patranhas aborreceram tanto a meu pai, que ele terminou por passar à Bahia, onde casou... p. 12

[...] tinha visto tanta paixão má, tanta miséria, tanta calamidade, que agradecia a Deus, o cárcere e uma longa prisão; e disse comigo que o Santo Ofício não era tão mau, pois que me retirava por algumas dezenas de anos, talvez um século, do espetáculo exterior... p. 14.

Enfim, aborreceu-se dos turcos: era a sina dele aborrecer-se facilmente de uma coisa ou de um ofício. p. 15

A alma de meu pai chegara a um grau de profunda melancolia. Nada o contentava; nem o sabor da glória, nem o sabor do perigo, nem o do amor. p. 16

[...] a observação mostrou-me que ele estava em plena saúde. Só o espírito, como digo, parecia abatido e desencantado. p. 16

Tinha de estudar novas línguas, como faria Aníbal, se vivesse até hoje: e para quê? Para ouvir os mesmos sentimentos, as mesmas paixões... E dizia-me tudo isso, verdadeiramente abatido. p. 16 (ASSIS, 1994, pp. 10-16).

Quem lê *O imortal* pode notar que o autor exagera na exposição dos sentimentos de tristeza do homem agraciado com a vida eterna. Viver neste mundo, por tanto tempo, acaba sendo algo ruim – daí considerarmos essa obra uma distopia.

Em *O presidente negro*, não há uma relação direta entre as duas coisas. Em determinados momentos, apresenta-se um sentimento de descrença nos homens e, em outros, a previsão de um futuro fascinante. Há uma fala do professor Benson que evidencia sua falta de confiança nos homens de sua época. Sobre a sua invenção, ele afirma que

[...] Se houvesse, ou antes, se predominasse no homem o bom senso, a inteligência superior, as qualidades nobres em suma, sem medo eu atiraria á divulgação a minha maravilhosa descoberta. Mas sendo o homem como é, vicioso e mau, com um pendor irredutível para o despotismo, não posso deixar entre eles tão perigosa arma. (LOBATO, 1979, p. 19).

O sábio professor se posiciona como alguém superior, detentor de um poder que não pode cair em mãos erradas. Neste trecho, é possível interpretar essa posição como uma forma de dizer que o Brasil não era capaz de ter alguma tecnologia de tamanha complexidade e que outros países mais desenvolvidos é que estavam preparados para isso. Nesse sentido, “A distopia que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia” (BERRIEL, 2005, p. 4). Se por um lado há essa desconfiança, por outro, a história nos faz pensar sobre possibilidades futuras, como a organização das cidades, a produção industrial e os meios de transporte.

Pelo sistema atual vai o homem para o serviço, para o teatro, para o concerto — um ir e vir que constitui um enorme desperdício de energia e é o criador dos milhões de veículos atravancadores do espaço, bondes, autos, bicicletas, trens, aviões e outros. Com a fecunda descoberta das ondas hertzianas e afins, e sua conseqüente escravização aos interesses do homem, o ir e vir forçado se reduziu a escala mínima. O serviço, o teatro, o concerto é que *passaram a vir ao encontro do homem*. Foi espantosa a transformação das condições do mundo quando a maior parte das tarefas industriais e comerciais começou a ser feita de longe pelo rádio-transporte. (LOBATO, 1979, p. 94).

Em outro momento, Jane fala de um sonho que é compartilhado por muitos de nossa época. Sobre as coisas que viu no futuro, ela conta: “Outra, que muito me impressionou, foi a transformação das ruas que se nota no ano 2.200 em diante. Cessa a era dos veículos. Nada de bondes, automóveis ou aviões no céu” (LOBATO, 1979, p. 44). E, ainda “— Hoje, que só temos a rádio-comunicação. Mas chegará o dia da rádio-sensação e do rádio-transporte, com radical mudança do nosso sistema de vida. Os veículos ao sistema corrente desaparecerão um por um. Voltará o homem a caminhar a pé, por prazer, e as ruas se tornarão uma delícia” (LOBATO, 1979, p. 45). Isso é uma utopia, ao mesmo tempo, possível, mas ainda distante. Contudo, podemos dizer que “as utopias, partindo de elementos reais, reconstroem todas as Histórias possíveis, todos os cenários que a História não realizou” (BERRIEL, 2005, p. 4). Se, naquela época, o escritor já descrevia o desejo de ruas sem carros, onde se caminha por prazer, o que ele imaginaria hoje, com tantos veículos nas ruas e tendo a capital do seu estado natal, São Paulo, um dos trânsitos mais caóticos do mundo?

Uma parte importante, em algumas histórias utópicas, é a viagem feita pelo narrador. Ela é importante para comparar sociedades distintas e assim deixar nítida a relação com a distopia. Dessa forma, “o longo percurso permite ao narrador deixar atrás de si a sua própria experiência social, política, religiosa e econômica para viver em um mundo cujo isolamento geográfico, e conseqüentemente histórico e cultural, criou instituições e costumes que nada têm em comum com a realidade originária do viajante” (BERRIEL, 2005, p. 5-6). As viagens fantásticas, contidas nas obras de Gastão Cruls e Jeronymo Monteiro, nos dão suporte para compreender melhor essa ideia. De forma mais clara, em *A cidade perdida*, pode-se notar que “a estrutura negativa da organização humana existente é sobreposta àquela estrutura positiva da Cidade Nova imaginada. Desta maneira, o utopista procura superar a realidade contingente propondo, como alternativa, uma sociedade perfeita enquanto racionalmente fundada” (BERRIEL, 2005, p. 6). A viagem de Jeremias e Sálvio até Atlantis e do Doutor e Pacatuba até a tribo das Amazonas revela o desejo de um lugar melhor e mais humano dentro do próprio território brasileiro. São viagens que os afastam de sua realidade para um mundo diferente. Quando chegam nos novos lugares, relacionam com o que vivem e percebem os males da sociedade.

A forma como o narrador de *A Amazônia misteriosa* descreve a região que ele passa em um determinado momento faz lembrar as sociedades utópicas de Manoa, Eldorado e, até mesmo, de Atlântida. Ele se encontrava em uma situação de cansaço, afastado do resto do seu grupo, aprisionado por indígenas, navegando em um rio e, mesmo assim, calmo. Por isso, reflete: “Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martínez a caminho de Manoa?” (CRULS, 1973, p. 30). Ele explica ainda que essa cidade, Manoa, estaria perdida em algum lugar da selva amazônica, já que o seu descobridor não soube descrever sua localização com precisão. A chegada a uma cidade povoada por mulheres e bem organizada lembra um pouco do livro de Morus. Há, ainda, uma relação que se pode estabelecer com *A utopia* na parte em que o narrador fala dos espanhóis que ele viu em uma revelação onírica. Quando eles chegaram à América, receberam ajuda dos índios, mas “Infelizmente, alguns desses mesmos indígenas traziam às orelhas pequenas chapinhas de ouro, que logo despertaram a atenção dos descobridores. Daí por diante já não houve mais como contê-los” (CRULS, 1973, p. 87). Esse

desejo árduo pelo ouro é criticado por Morus, o qual escreveu que “Os utopianos classificam os amadores de pedrarias na categoria dos maníacos de nobreza” (MORE, 1997, p. 38). Enfim, a cobiça pelo ouro nessas sociedades utópicas é algo que degenera o ser humano e por isso é desprezível.

Quando há uma negação de nossa civilização e exaltação de outra considerada melhor, podemos dizer que se trata de uma visão distópica, porém, em *A cidade perdida*, a descrença em nossa sociedade ajuda a formar um argumento para justificar a existência de uma cidade provavelmente melhor. Nesse caso, passa a predominar a utopia como elemento dominante no texto. Jeremias, o narrador, não acredita que os índios brasileiros tenham tido um passado civilizado, mas seu amigo Mateus acha que sim:

— Mas é claro! Só quem já teve uma civilização muito grande e artificial é que pode acabar sendo o que são os nossos índios. [...] Nós estamos é arruinando a vida deles, matando-os, destruindo-os. Se fôssemos humanos e inteligentes; se soubéssemos respeitar os direitos alheios — deixaríamos esses homens viver em paz a vida que melhor lhes aproovesse. Mas não. Teimamos em obrigá-los a adotar o nosso artificial e deletério sistema de vida [...] (MONTEIRO, 1948, p. 17).

Para dizer que os indígenas do Brasil já foram civilizados, ele deixa transparecer sua opinião de que o nosso sistema de vida é que é ruim, artificial e destruidor. Aqui, com certeza, se opera o conceito de distopia se considerarmos que ela “busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia)” (BERRIEL, 2005, p. 5). Não são raros os momentos na história elaborada por Monteiro em que a humanidade é negada em nome de um mundo melhor, no qual se mostra a continuidade e ampliação de algo negativo, fazendo da sociedade algo indesejável, como vemos nessa fala de um atlante:

Os homens aprenderam a ser homens com os atlantes, e isso foi há muitas centenas de séculos e foi neste mesmo lugar [...] Depois, os homens progrediram e se encheram de orgulho, julgaram-se deuses e se esqueceram dos simples Mandamentos da Felicidade. Estão regredindo, certos de que continuam a progredir.

Mas a civilização de onde vieram, morrerá. E daqui se espalhará, outra vez, a semente do Bem, da Esperança e da Vida [...] (MONTEIRO, 1948, p. 190).

Ao mesmo tempo em que critica o mundo atual, o personagem prevê um mundo melhor, o qual será originado pelos próprios atlantes. Mas outros pontos negativos são expostos pelos líderes de Atlântida. Por exemplo, quando explicam o porquê de tanta precaução para proteger a cidade:

— Porque não confiamos nos homens que povoam o mundo de onde vêm. Sofrem da fúria da conquista. Querem conquistar tudo. Até o que não precisam, até o que não podem conservar. [...] Evitamos, assim, a visita de importunos que trariam atrás de si outras visitas, mais importunas ainda. Somos intransigentes, pois que temos uma missão a cumprir no futuro, e havemos de cumpri-la. (MONTEIRO, 1948, p. 200).

A essa altura do enredo, chega a ser exaustiva a exposição da ideia de que os homens são maus e que uma humanidade melhor surgirá. Percebemos, em vários momentos, falas que mostram essa crença: “Sempre foi assim, mas o perigo está em que as armas que se inventam são cada vez piores e mais destruidoras, daí a destruição final inevitável” e “O rumo que a vossa civilização tomou é o rumo da ruína” (MONTEIRO, 1948, p. 201). E mesmo Sálvio percebe que “As democracias atuais são farsas, e não têm mais campo. Elas quererão reagir, lutarão, mas se transformarão, sem o sentir, em ditaduras também. Quer dizer: estamos vivendo uma época de violências” (MONTEIRO, 1948, p. 203). Ao ler esses trechos que preveem situações negativas, lembramos do que disse Bráulio Tavares:

Difícilmente haverá algum tipo de catástrofe mundial sem que um autor de ficção levante o braço lá atrás: ‘Eu bem que avisei!’. A ficção não avisa para prestar um serviço de utilidade pública, mas pelo prazer de criar e resolver satisfatoriamente uma história que inquiete o intelecto e as emoções do leitor. Principalmente uma história para nos lembrar que a humanidade não é eterna, e nada indica que morra de velhice: é mais provável que morra de uma overdose qualquer – de mísseis, de poluição ou de incompetência social. (TAVARES, 1986, p. 37).

Em oposição a esse aspecto negativo, apresenta-se a previsão de um mundo futuro, no qual isso será corrigido pelos habitantes de Atlantis a Eterna. Por isso, “Na

utopia, a sociedade configurada histórica, cultural e historicamente é formalizada com o objetivo de ser superada através da imagem da Cidade ideal instaurada” (BERRIEL, 2005, p. 5). Nesse caso, Atlantis é a cidade idealizada, a qual fará renascer a nossa sociedade depois que ela chegar a um estágio terminal. O discurso de repulsa ao modo de vida atual se manifesta novamente quando um atlante critica o jeito de morar. Ele questiona: “Não é um contrasenso? Vocês são tão contraditórios que construíram aviões, trens e autos de grande velocidade e no entanto se amontoaram em bairros superlotados. Não percebem que isto é idiota?” (MONTEIRO, 1948, p. 239). O próprio Jeremias percebe o quanto é estúpido ao dizer que “De longe não percebíamos claramente quais eram os “nossos” ideais — os ideais que desencadeiam guerras, destroem cidades, chacinam milhões de criaturas humanas” (MONTEIRO, 1948, p. 231). Perante as negações do modo de vida moderno e a revelação de que uma nova humanidade surgirá, essa obra nos ajuda a entender que a utopia “[...] se posiciona como objeto de comparação diante de uma ordem social e política já estabelecida” (CAUSO, 2003, p. 57). O mundo pós Segunda Guerra ajudou Monteiro a imaginar uma sociedade mais qualificada.

É possível, ainda, identificar discursos utópicos de cunho socialista, como quando o protagonista de *A Amazônia misteriosa* tem um sonho e visita o império inca, lá, observa o modo de vida daquele povo que, segundo ele, podia servir de paradigma às mais justas aspirações da humanidade.

Ali não se conhecia a propriedade particular e não havia razão para a existência de qualquer sistema monetário. Todo Inca, ao atingir a maioridade, tinha o dever de constituir família e para isso recebia do governo um pedaço de terra, que era obrigado a cultivar. [...] Destarte sob o regime de tão sábio comunismo, a nação vivia coesa e próspera, na comunhão geral dos seus bens e das suas crenças e sem jamais ter conhecido os ódios e as paixões que se nutrem das desigualdades sociais e das oscilações da fortuna. (CRULS, 1973, p. 84-85).

Sobre a luta de classes, há uma fala em *A cidade perdida* que reproduz de alguma forma o pensamento pregado pelo socialismo: “Enquanto houver quem enriqueça à custa da desgraça alheia, à custa da destruição — vocês estarão errados” (MONTEIRO, 1948, p. 232). E, em outro momento, sobre os operários tão louvados no marxismo, mas ignorados enquanto membros da sociedade, um atlante fica perplexo: “— Absurdo! Quer dizer, então, que no seu país os operários pertencem a uma espécie inferior, são talvez animais domesticados, diferentes de

você?” (MONTEIRO, 1948, p. 234). E, por fim, os atlantes criticam o sistema capitalista: “— Enriquecer individualmente não é progredir, meus amigos, porque onde há ricos, tem que haver pobres — e isso é injusto. Progredir é enriquecer espiritual e mentalmente. É enriquecer coletivamente, com distribuição de igual soma de benefícios para todos” (MONTEIRO, 1948, p. 239). Os atlantes podem não ter lido *O capital* ou *O manifesto do partido comunista*, mas seu modo de ver o mundo se aproxima muito das ideias desenvolvidas pelo alemão Karl Marx e por outros da mesma vertente. Obras como esta e outras que citamos neste trabalho deixam transparecer em algum momento uma crítica ao capitalismo. Isso vai ao encontro do que afirma Marisa Corrêa Silva (2009), ao interpretar Lukács e dizer que “o texto passa a refletir o todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada. A degradação dos valores humanistas causada pelo capitalismo está, segundo ele, revelada na literatura” (SILVA, 2009, p. 179). O Brasil, que passava nesse período por uma reestruturação econômica e política, por ter saído do sistema colonial, vivido o Império, a transição para a República, a industrialização e a Era Vargas, permitia que seus autores de FC pudessem demonstrar seu estranhamento frente a esse país que se adaptava aos novos moldes políticos e econômicos.

Em *O presidente negro*, aparece também uma menção à luta de classes e à exploração do patrão sobre o empregado, mas há também uma solução de eficácia comprovada por um grande líder da indústria. Sobre isso, Jane conta que as sementes da sociedade, plantadas na América, estavam livres das classes, diferente do que acontecera na Europa. Ayrton diz que, mesmo assim, as classes surgiram nos EUA, então, a moça explica:

— Deu origem a classes, é certo, e os interesses das classes se tornaram antagônicos. Mas o espírito de exame dos fatos — e outra coisa não quer dizer o idealismo orgânico — interveio a tempo e harmonizou tais interesses. Quando Ford provou que não há hostilidade entre o capital e o trabalho e sim mal-entendido — e o provou com o fato da sua formidável realização, todos os olhos se abriram, e a indústria, até ali Moloch devorador da classe que produz e da que consome em proveito da que detém os meios de produção, passou a ser a mais harmonizada das associações. (LOBATO, 1979, p. 69).

A solução aqui imaginada e descrita não acaba com a propriedade privada, nem dá o poder aos operários. Simplesmente há um entendimento entre os grupos antagônicos de tal forma que cessa esse confronto patrão *versus* empregado. Não é exatamente o que os socialistas propunham, mas é uma utopia que prevê uma comunhão entre as forças. Isso se aproxima do fascismo, uma “conciliação de classe” sob a égide da terra e do sangue.

Enfim, vemos que a utopia e a distopia estão sempre ligadas uma à outra e foram muito comuns na nossa ficção científica. Há muito tempo acredita-se que o Brasil é o país do futuro, ou, ainda, um gigante adormecido que em algum momento vai despertar. Isso é notável nas obras, visto que “Os autores brasileiros se aventuraram na ficção científica revelando em seus textos uma forte presença do pessimismo wellsiano sem, contudo, abandonar totalmente uma recorrente expectativa positiva de que o Brasil poderia igualar o desenvolvimento que sabiam ocorrer nos Estados Unidos, como a fé no gigante adormecido” (SKORUPA, 2002, p. 49). Eles não negam o Brasil, em poucos momentos o louvam, mas, com certeza, o tempo todo procuram mostrar que o país ainda terá importância reconhecida. Isso ocorre em *A Amazônia misteriosa*, em *A cidade perdida* e em *O Dr. Benignus*. Também procuram mostrar que, no futuro, o país terá grande importância na América do Sul, como aparece em *O presidente negro*, ao falar do surgimento da República do Paraná, e também se pode perceber que o homem imortal do conto de Machado de Assis viaja pelo mundo todo, mas escolhe voltar ao Brasil e é aqui que encontra o seu descanso com a morte. Deve-se lembrar, por fim, de que há uma grande teoria desenvolvida por Sálvio, personagem de Jeronymo Monteiro, que trata da importância arqueológica do Brasil por ser o berço das primeiras civilizações. Contudo, podemos nos identificar com esses personagens surgidos nos primórdios da nossa FC pelo fato de que, assim como eles, somos brasileiros que, por mais que enfrentemos dificuldades, acreditamos na utopia de um Brasil melhor. Essa crença vai ao encontro do pensamento de Baczkó, o qual afirma que “os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção das angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro” (BACZKO, 1985, p. 312). Nesse sentido, a literatura de ficção científica torna-se um símbolo dos imaginários sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção especulativa no Brasil não conseguiu alcançar um patamar de êxito editorial e de crítica. Ela sobrevive de esforços dos aficionados. Além disso, em raros momentos, um grande escritor assume a responsabilidade de tentar elevar esse tipo de produção artística no país, como fez Jerônimo Monteiro durante a sua vida. Hansen nos fala sobre uma observação feita por Bráulio Tavares: “por aqui não houve grandes obras produtoras de imitações, nem se organizou nenhum grupo de autores unidos no projeto de inscrever a ficção especulativa na história literária do país” (HANSEN, 2003, p. 21). Vimos que a FC surgiu em terras brasileiras já no final do século XIX e aumentou nas décadas seguintes, porém, não conseguiu se consolidar enquanto gênero estável. Para Léo Godoy Otero (1987), “Relativamente tarde e somente nas grandes cidades, onde o meio circundante determinava certa tecnologia, apareceu a ficção científica no Brasil” (OTERO, 1987, p. 184). Roberto Causo afirma, no terceiro capítulo de *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil*, que a produção das *pulp fictions* - histórias escritas em papel barato e que aproximavam o leitor do produtor - não ocorreu no Brasil como teria acontecido em outros países. Para ele, não houve uma *pulp* era brasileira e o Brasil perdeu “por não ter desenvolvido a sua própria versão de uma era de revistas populares, em que a inventividade estava presente e o público reagia, criando o vínculo único entre produtores e consumidores de ficção, que caracteriza a literatura especulativa em muitas partes do mundo” (CAUSO, 2003, p. 282). Essa ideia vai ao encontro do que pensou José Paulo Paes sobre a falta de uma literatura de massa que poderia criar o público leitor que desse condições aos escritores de escrever com mais qualidade. Esse foi um dos motivos para a FC não vingar por aqui.

Devido a isso, depois da década de 1940, “Apenas na década de 1980 é que a ficção especulativa sofre um renascimento no Brasil, desta vez brotando da vontade dos fãs e leitores fiéis, que começaram a se reunir em clubes, publicando fanzines, organizando encontros e, inevitavelmente, se metendo também a escrever” (CAUSO, 2003, p. 292). Não foi por falta de interesse que não deu certo, pois vários trabalhos feitos até a década de 1920 mostram que havia interesse em produzir uma ficção especulativa no Brasil que poderia impulsionar a produção do gênero nas

décadas seguintes, mas “Infelizmente, como viria a acontecer muito mais tarde nos anos 70, os exercícios nacionais não resistiram à invasão estrangeira, à pressão da crítica, que nunca criou um nicho para a ficção especulativa no Brasil, e ao relativo desinteresse do público leitor” (CAUSO, 2003, p. 210). Hoje, podemos dizer que existem escritores de ficção científica que se destacam no país, e até conseguem atrair um público leitor. Essa situação “fomenta a marginalidade da FC brasileira, contornada, frequentemente, com iniciativas individuais e de grupos de fãs” (SKORUPA, 2002, p. 10). As editoras não se veem atraídas por esse nicho do mercado pelo fato de ser mais barato investir em obras estrangeiras já consagradas do que em autores ainda desconhecidos. Já os grandes escritores de nossa terra fazem pequenas incursões pelo gênero e, mesmo que tenham algum sucesso, não dão continuidade a essa produção, pois a FC no país tem sido cultivada por poucos autores já que “[...] no Brasil é mais frequente os autores se inclinarem para a fantasia e o realismo mágico do que para a especulação científica” (TAVARES, 1986, p. 82) conforme percebemos ao estudar o assunto.

Além dos motivos mostrados no parágrafo anterior, podemos encontrar razões históricas e sociais para que o gênero não se desenvolvesse de forma convincente do lado de cá do Atlântico. Há várias hipóteses para a rarefação de obras de ficção científica no Brasil, “a primeira delas associa-se ao quase nenhum desenvolvimento da filosofia e da ciência num país que continuou agrarista e escravista por muito tempo depois da sua independência política” (HANSEN, 2003, p. 21). Essa característica de país agrário se explica, em parte, na análise de Sérgio Buarque de Holanda (1995), de que os portugueses instauraram no Brasil “uma civilização de raízes rurais” (HOLANDA, 1995, p. 73). Além de rural, foi escravista, o que dificultou o desenvolvimento científico que, por consequência, retardou o aparecimento da FC e limitou a quantidade de obras produzidas. Nesse sentido, “a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra — de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador” (CANDIDO, 1989, p. 163-164). André Carneiro (1967) afirma que quando a FC tem qualidade, ela é “uma projeção e análise das angústias e dos desejos humanos, dos seus temores e de sua

problemática, dentro do mundo contemporâneo” (CARNEIRO, 1967, p. 8). E assim ela pode conter análise sociológica, especulação, surrealismo etc.

Pensando a literatura de ficção científica sob um ponto de vista que a coloca como fenômeno histórico e não estético, é possível perceber que o Brasil não foi um lugar muito propício para o seu desenvolvimento, pois não era possível mimetizar algo que não fazia parte da nossa realidade. Bráulio Tavares (1986) não concorda com esse tipo de visão e comenta: “Fala-se às vezes que o impasse da ficção científica no Brasil seria a obrigação tácita de se usar idéias científicas importadas, uma vez que a ‘ciência nacional’ ainda é incipiente” (TAVARES, 1986, p. 81). Quanto a isso, ele critica e afirma que a ciência é do mundo e não tem uma nacionalidade, ela é uma só, tão paulista quanto esquimó, também não há fronteiras culturais e, portanto, a imitação dos europeus é uma questão secundária. Concordamos que a ciência é universal e, nesse sentido, vemos que a população brasileira “demonstrou um misto de fascinação e temor em relação ao progresso e a ciência da Belle Époque⁷ que se tornou matéria prima para narrativas que muito se assemelharam às praticadas pela ficção gótica britânica, norte-americana e francesa [...]. Esta semelhança demonstra que os escritores nacionais estavam em consonância com as inquietações e angústias de britânicos, americanos e franceses da virada do século” (SILVA, 2008, p. 267). E, ainda, “De um modo geral, as imagens presentes nos textos brasileiros não diferem essencialmente das de outras nacionalidades” (SKORUPA, 2002, p. 241). Por esse ponto de vista, o que se produziu no Brasil não foi mera imitação, como muitos defendem, nossa FC seria movida por sentimentos em comum com europeus e estadunidenses, como o fascínio e o medo perante a ciência.

Alguns acontecimentos nos fazem pensar que o Brasil, no século XIX e começo do XX, era avesso às tecnologias. Vemos que anos depois de fazer seu voo com o 14 Bis, Santos Dumont pediu ao governo brasileiro, em 1917, fazer um esforço industrial e tecnológico para se equilibrar perante os países vizinhos e desenvolver a aeronáutica, mas ele foi ignorado. Há uma história de um padre, chamado Landell de Moura, que inventou um rádio e pediu dois navios para fazer

⁷ A *Belle Époque* aconteceu na Europa e a cidade que a viveu mais intensamente foi Paris. Esse período foi marcado pelo crescimento industrial, racionalismo científico e estabilidade política. No Brasil, houve um esforço para tornar o Rio de Janeiro uma Paris tropical e, por isso, a cidade teria experimentado sua *Belle Époque* entre 1898 e 1906, quando uma série de projetos foi colocada em prática, visando modernizar a cidade.

uma demonstração pública de seu invento, em 1905. O então presidente da República, Rodrigues Alves, mandou um assessor para saber do que se tratava. O padre explicou o que desejava e no retorno o assessor falou ao presidente que ele era um maluco que dizia que em pouco tempo, por meio da ciência, o homem se comunicaria com outros planetas. Outro cientista brasileiro de reconhecimento internacional, que não recebeu muitos créditos por aqui foi o médico Oswaldo Cruz. Na sua campanha de vacinação, em 1904, viu a população do Rio de Janeiro enfurecida com a vacina obrigatória.

Em um país que não era afeito às tecnologias e à ciência, a literatura cumpriu um papel importante. Antônio Candido (2000) escreve que “Ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento” (CANDIDO, 2000, p. 120), pois as ciências naturais e humanas não se desenvolveram no mesmo ritmo que a literatura e o Direito. A literatura, portanto, era filosofante e beletrista, voltada para a elite, e a ficção científica não consegue conquistar o gosto dos leitores médios na época. Mas não foi só no passado que a FC sofreu com o preconceito, “No Brasil, ficção científica e fantasia ainda são vistos – especialmente por autores do *mainstream* literário – como formas destinadas ao entretenimento fácil e à sátira superficial” (CAUSO, 2003, p. 172). Ou, ainda, como uma literatura juvenil colocada no nível de romances policiais e de detetives. Aqui na América, o insucesso desse tipo de produção artística pode ser justificado pela herança recebida de Portugal e Espanha, visto que “Nessas antigas metrópoles a literatura foi e continua sendo um bem de consumo restrito, em comparação com os países plenamente desenvolvidos, onde os públicos podem ser classificados pelo tipo de leitura que fazem, e tal classificação permite comparações com a estratificação de toda a sociedade” (CANDIDO, 1989, p. 144). Além disso, em um passado não muito distante, podemos associar a falta de um público leitor ao alto índice de analfabetismo da população.

Uma outra situação que poderia servir de argumento para explicar o fato de a fc não vingar de forma convincente por aqui seria o que José Paulo Paes lamentava no final da década de 1980: o fato de não ter havido uma literatura brasileira de massa. Em seu ensaio publicado na *Folha de São Paulo*, “Faz falta uma literatura brasileira de massa” (1989), ele afirma que

Numa cultura de literatos como a nossa, todos sonham ser Gustave Flaubert ou James Joyce, ninguém se contentaria em ser Alexandre Dumas ou Agatha Christie. Trata-se obviamente de um erro de perspectiva: da massa de leitores desses últimos autores é que surge a elite daqueles, e nenhuma cultura realmente integrada pode se dispensar de ter, ao lado de uma vigorosa literatura de proposta, uma não menos vigorosa literatura de entretenimento. (PAES, 1989, p. 8).

Esses leitores de obras esteticamente mais simples não aparecem com tanta força, não há “uma literatura média de entretenimento, estimuladora do gosto e do hábito da leitura” (PAES, 1989, p. 8), que estimularia o surgimento de um público leitor da literatura canônica e, dessa forma, os leitores de ficção não se consolidaram como um grupo numeroso de grande representatividade. Talvez, ainda, fosse necessário que houvesse um grande autor brasileiro que, ao ser imitado, trouxesse outros para o mercado editorial, semelhante ao que aconteceu com Rubem Fonseca, que, ao escrever romances policiais, conseguiu angariar seguidores. Isso vai ao encontro da afirmativa feita por Antônio Candido, que, ao analisar obras de poesia, assevera que havia uma dependência cultural dos países latino-americanos em relação aos europeus e, por isso, “Um estágio fundamental na superação da dependência é a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciada, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores” (CANDIDO, 1989, p. 153). Essa observação se aplica à ficção científica, já que nela também não superamos a dependência, pois os modelos estrangeiros continuavam sendo copiados e não houve um autor que conseguisse promover o gênero com sucesso.

Muitas vezes, ao analisarmos o passado da humanidade, e em particular o da nossa comunidade, achamos que nossa época é melhor e chama-se isso de cronocentrismo, ou esnobismo cronológico. Um escritor de ficção científica da atualidade critica isso, ao escrever que

Nossa espécie sempre se move para a frente, em direção a um estilo de vida cada vez melhor e mais esclarecido. Essa crença não passa de fantasia, mas resiste. É especialmente difícil para pessoas modernas imaginarem que nossa época moderna e científica pode não ser uma melhoria em relação ao período não-científico. (CRICHTON, 2000, p. 559-560 citado por CAUSO, 2003, p. 48).

O importante é entender que somos filhos de nosso próprio tempo e vivemos numa época de avanços tecnológicos muito acelerados, tal como aconteceu na Inglaterra do século XVIII. Como cidadãos do século XXI, devemos prestar atenção aos discursos predominantes para não nos colocarmos em posições que podem mudar daqui a algum tempo, “O futuro nos dirá se as nossas interpretações do agora serão ou não atropeladas pelas mudanças sociais e científicas que nos tocam com tal imediatez e impacto que teriam roubado o fôlego do próprio Wells” (CAUSO, 2003, p. 181). Monteiro Lobato é um desses que interpretou o seu país com discursos importados, adaptando-os à nossa realidade.

Para Antônio Candido (1989), o Brasil até os anos 1930 era considerado um país novo e “Com efeito, a idéia de país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades” (CANDIDO, 1989, p. 140-141). Nesse caso, as obras reforçam essa visão, já que em todas elas, sem exceção, aparece um país exótico, grandioso, que causa surpresa e permite sonhar com o que pode vir a acontecer nessas terras. E, nesse sentido, se ampliarmos a visão para o resto do continente, vemos que “A idéia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização [...]” (CANDIDO, 1989, p. 141). Por isso, desde a carta de Colombo e depois a de Caminha, esse continente é motivo de deslumbramento e isso continua acontecendo em narrativas do século XX. Em *Literatura e sociedade*, o autor “entende que a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia” (SILVA, 2003, p. 186). Essa influência se apresenta na superfície do texto, na caracterização das personagens e na estrutura profunda do texto. Nesse sentido, a FC brasileira não deixa de mostrar que a sociedade se projeta na obra como pretendemos mostrar ao longo desta pesquisa.

6. BIBLIOGRAFIA

ALLEN, L. D. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

ARRUDA, J. J. A. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Ática, 1994.

BACZKO, B. A imaginação social. *In: Enciclopedia Einaudi*. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BERRIEL, C. E. O. Utopia, distopia e história. *In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento* 2, p. 4-10, 2005.

BRESCIANI, M. S. M. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX). *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Editora Marco Zero, v. 5, n. 8/9, p. 35-68. set. 1984 / abr. 1985.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, C. F. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), Rio de Janeiro: UFF, 2006. p. 17-37.

CARNEIRO, A. **Introdução ao estudo da Science fiction**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1967.

CARNEIRO, F. L. Comentários ao romance O doutor Benignus. *In: ZALUAR, A. E. O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

CARVALHO, J. M. Benigna ciência. *In*: ZALUAR, A. E. **O doutor Benignus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAUSO, R. S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil**: 1875 a 1950. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. v. 1. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, F. A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado. *In*: ALLEN, L. D. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

CUNHA, R. Frankenstein (1931) **Cine Players**. Seção Críticas, maio de 2006. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=718>>. Acesso em: 19 ago. 2009.

DE DECCA, E. **O nascimento das fábricas**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERREIRA, T. M. T. B. C. A Cidade das Letras: leitores e livros no Rio fin-de-siècle. *In*: BLAJ, L.; MONTEIRO, J. M. (Orgs.). **História & Utopias**. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 1996, p. 366-377.

FRYE, N. **A anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GERLACH, C. L. “O imortal” de Machado de Assis. **Revista Travessia**, v. 2, n. 19, Florianópolis: UFSC, 1989. p. 119-124.

GOMES, L. O jogo escritural de “O imortal”, de Machado de Assis. **Manuscrita** – Revista de Crítica Genética, n. 16. São Paulo: USP, 2009. p. 92-112.

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

HANSEN, J. A. Prefácio. *In*: CAUSO, R. S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. “O imortal” e a verossimilhança. **Teresa** – Revista de Literatura Brasileira, n. 6/7, São Paulo: 34/Imprensa Oficial, 2005. p. 56-78.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

HUNT, L. (Org.). **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, I. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995.

LOPES, M. A. **Para ler os clássicos do pensamento político**: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MORE, T. **Utopia**. São Paulo: LPM, 1997.

NEVES, M. A concepção de raça humana em Raimundo Nina Rodrigues. **Filosofia e História da Biologia**, v. 3, São Paulo: ABFHIB/Mackenzie, 2008. p. 241-261.

OTERO, L. G. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PAES, J. P. Faz falta uma literatura brasileira de massa. *In: Jornal Folha de São Paulo*, 10 jan. 1989, Caderno E, p. 8.

POUND, E. **ABC da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMA, A. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REIS, A. C. F. **A Amazônia misteriosa**. Prefácio à 9. ed. Brasília: Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 15-17.

SANDRINI, P. H. C. **David Toscana entre McOndo e Crack: diálogos e divergências com a literatura latino-americana do século XX**. Curitiba: UFPR, 2013. Tese de doutorado.

SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro: extratos de bordo da ficção científica brasileira, 1947-1975**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

SILVA, A. M. O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira. **Eutomia**, ano I, n. 2. Recife: UFPE, 2008. p. 262-283.

SILVA, M. C. Crítica sociológica. *In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2003. p. 177-188.

TAVARES, B. **O que é ficção científica**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

OBRAS LITERÁRIAS

ASSIS, M. O imortal. *In: Obra completa de Machado de Assis*, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000183.pdf>>. Acesso: 31 jan. 2014.

ASIMOV, I. *et al. Histórias de Robôs*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

CRULS, G. **A Amazônia misteriosa**. 9. ed. Brasília: Livraria José Olympio Editora, 1973.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

LOBATO, M. **O presidente negro ou O choque das raças**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MONTEIRO, J. **A cidade perdida**. vol. 70, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. (Coleção Terramarear) Ebooksbrasil, 2008 pdf.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SHELLEY, M. **Frankenstein ou o Moderno Prometeu**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

VERNE, J. **Viagem ao centro da terra**. Blumenau: Todolivre, 2011.

_____. **Volta ao mundo em 80 dias**. Blumenau: Todolivre, 2011.

WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. **O homem invisível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1934.

ZALUAR, A. E. **O doutor Benignus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.